

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE

AUTOCONHECIMENTO E CRIATIVIDADE DE PROFESSORAS (ES) DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS A PARTIR DA PRÁTICA DA  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.

CURITIBA  
2025

ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE

AUTOCONHECIMENTO E CRIATIVIDADE DE PROFESSORAS (ES) DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS A PARTIR DA PRÁTICA DA  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em  
Educação, no Setor de Educação, Universidade  
Federal do Paraná, como requisito parcial à  
obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Stoltz

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Abate, Elizabete Aparecida Bragatto.

Autoconhecimento e criatividade de professoras(es) da educação infantil e anos iniciais a partir da prática da contação de histórias / Elizabete Aparecida Bragatto Abate – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Stoltz

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Educação infantil. 3. Professores de educação infantil – Formação. 4. Formação continuada. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE**, intitulada: **AUTOCONHECIMENTO E CRIATIVIDADE DE PROFESSORAS (ES) DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS A PARTIR DA PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**, sob orientação da Profa. Dra. TANIA STOLTZ, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Março de 2025.

Assinatura Eletrônica  
10/04/2025 20:57:01.0

TANIA STOLTZ  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
09/05/2025 16:17:02.0

ROSELY APARECIDA ROMANELLI  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO)

Assinatura Eletrônica  
07/05/2025 09:45:51.0

DENISE DE CAMARGO  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
23/05/2025 20:34:46.0

CARLOS AUGUSTO SERBENA  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico esta tese aos professores e professoras que se dedicam à arte de contar histórias, especialmente àqueles que participaram desta pesquisa. Sua dedicação e o compromisso com o aprimoramento contínuo os conduzem a um caminho de autoconhecimento e transformação pessoal.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, expresso minha gratidão ao universo, à força coletiva da humanidade, às histórias e ao plano superior pela oportunidade de vivenciar esta experiência.

À minha querida amiga e orientadora, professora Dra. Tania Stoltz, exemplo de profissional da educação, comprometida e atenciosa com todos os alunos, sempre com uma palavra de apoio e estímulo. Gratidão pela dedicação e carinho com que me acompanhou ao longo desta jornada como pesquisadora, acolhendo minhas ideias e respeitando minha individualidade.

Aos meus amores e parceiros da jornada pessoal: Gilberto Abate, meu querido esposo e companheiro ao longo dos anos, que sempre me incentiva a perseguir meus sonhos com ternura, afeto e cuidado e ao Renan, meu filho amado, pelo seu amor e carinho, sou grata por você ser essa pessoa tão especial, a quem amo com todo o meu coração.

Aos meus pais, in memoriam, que, apesar da pouca escolaridade, sempre me apoiaram e nunca me impediram de realizar o meu sonho de estudar.

À banca, professora Dra. Denise de Camargo, professor Dr. Carlos Serbena e professora Dra. Rosely Aparecida Romanelli, minha imensa gratidão por contribuírem com seu conhecimento e atenção no meu processo de desenvolvimento como pesquisadora, tanto na qualificação quanto na defesa desta tese.

Aos professores da linha de pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, prefiro não citar nomes para não esquecer ninguém, pela excelência no trabalho em pesquisa. Todos foram muito importantes e especiais nesse processo de autoconhecimento e desenvolvimento. Minha gratidão especial à professora Sonia Maria Chaves Haracemiv por colaborar com a proposta do curso de extensão em contação de histórias.

Aos técnicos e colaboradores da UFPR que tanto nos ajudam nas questões administrativas.

Aos colegas da pós-graduação que participaram intensamente com conhecimento e amizade, fazendo com que o percurso fosse mais gratificante e tranquilo. À colega Marielly Mandira por ajudar com o programa SPSS.

Às amigas que fiz ao longo dessa jornada, pessoas amorosas, parceiras e dedicadas: Juliana Schwarz, Juliana Rodrigues e Andreia, pela troca de conhecimentos e companheirismo no processo.

Aos professores, amigos e contadores de histórias, Anete Ferraz, Adriane Zeni, Cleber Fabiano, Felícia Siensem e Reinaldo Vendramini, por colaborarem com conhecimento e profissionalismo, ajudando a formar novos contadores comprometidos com a narrativa oral.

Aos professores e professoras da educação infantil e anos iniciais que participaram do curso de formação e aceitaram colaborar com a pesquisa. Tenho muito respeito e admiração pelo trabalho de todos os professores e, principalmente, por aqueles que buscam se desenvolver como pessoas e educadores. Junto com vocês, tive a oportunidade de contar mais esta história e compreendermos juntos que a contação de histórias nos possibilita a amplitude de consciência e o autoconhecimento.

Agradeço, enfim, a todos que utilizam a arte da narrativa oral como proposta de trabalho e como experiência de autoconhecimento, levando o amor e a esperança em sua jornada de vida, trilhando o caminho do respeito, da amorosidade e da gratidão em benefício de uma humanidade mais consciente de si e do outro.

*“Sempre que contamos uma história, paira um silêncio no ar.  
Conseguimos acalmar nossa inquietação interior.  
Durante esse período de devoção concentrada em reinos alternativos,  
Podemos nos reconectar com o poder da criação.  
Então descansamos momentaneamente.  
E através de tal descanso, somos renovados.  
Renovar inspira a coragem para mudar”*

*(Alida Gersie)*

## RESUMO

A presente tese teve como objetivo compreender como ocorre o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade em professores da educação infantil e dos anos iniciais a partir da prática de contação de histórias. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se: identificar a contação de histórias na formação continuada como possibilidade de desenvolver a criatividade e o autoconhecimento; reconhecer a produção científica sobre contação de histórias e criatividade no Brasil, a partir de uma revisão integrativa; compreender a contação de histórias e o autoconhecimento no desenvolvimento humano a partir da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung; avaliar o processo de desenvolvimento da criatividade antes e após a participação em um curso de formação e prática de contação de histórias; e analisar o desenvolvimento do autoconhecimento de professores da educação infantil e dos anos iniciais antes e após a participação em curso de formação e prática de contação de histórias. Optou-se por uma pesquisa de enfoque misto, qualitativo e quantitativo, de natureza exploratória, tendo como desenho a pesquisa-intervenção. Dez professores de educação infantil e do ensino fundamental, com idades entre 24 e 63 anos, de escolas públicas e privadas, participaram de curso de formação e prática de contação de histórias durante quatro meses. Para a coleta e triangulação dos dados da pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos e procedimentos de estudo empírico: questionário inicial e final, elaborado pela pesquisadora; Escala de Personalidade Criativa – EPC (Garcês et al., 2014); entrevistas semiestruturadas, iniciais e finais; e diário de campo. A análise qualitativa das entrevistas, dos questionários e do diário de campo seguiu os procedimentos descritos por Creswell (2010). Os dados da Escala de Personalidade Criativa passaram por análise de confiabilidade pelo alfa de Cronbach (1951); análise descritiva; Teste de Correlação de Spearman; Teste T-Test de Student; Independent Samples Test, utilizando o programa SPSS, versão 21, antes e após a intervenção e prática com a contação de histórias. A tese permitiu perceber que o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade em professores da educação infantil e dos anos iniciais a partir da prática de contação de histórias ocorre a partir das seguintes categorias: autoconhecimento e transformação pessoal; autoconhecimento, desenvolvimento afetivo e as relações interpessoais; autoconhecimento e as histórias auxiliando na relação ensino-aprendizagem; autoconhecimento, desenvolvimento profissional e enfrentamento dos desafios. Com relação à criatividade, embora os resultados estatísticos tenham demonstrado mudanças pouco significativas, os professores apontaram diversas mudanças em suas atitudes e maior criatividade na vida pessoal e profissional, na análise qualitativa. Na avaliação geral dos participantes, observa-se uma combinação de personalidades criativas com resultados semelhantes no pré e pós-teste. Os resultados obtidos sugerem que a formação e a prática regular de contação de histórias possibilitou aos professores um processo de autoconhecimento decorrente da conquista de novos conhecimentos e da ampliação de sua visão de mundo. Esse processo favoreceu um aprofundamento das reflexões sobre quem são e quem desejam ser, caracterizando-se como um caminho contínuo rumo à individuação, conforme Jung.

Palavras-chave: contação de histórias; formação de professores; percepção de si mesmo; potencial criativo; Jung.

## ABSTRACT

The present thesis aimed to understand how the development of self-knowledge and creativity occurs in early childhood and elementary school teachers through the practice of storytelling. As for the specific objectives, the study sought to: identify storytelling in continuing education as a possibility to develop creativity and self-knowledge; recognize the scientific production on storytelling and creativity in Brazil, through an integrative review; understand storytelling and self-knowledge in human development from the perspective of Carl Gustav Jung's Analytical Psychology; evaluate the process of creativity development before and after participating in a storytelling training and practice course; and analyze the development of self-knowledge in early childhood and elementary school teachers before and after participating in the storytelling training and practice course. A mixed-methods research approach, both qualitative and quantitative, of exploratory nature, was chosen, with intervention-research as the study design. Ten early childhood and elementary school teachers, aged between 24 and 63, from both public and private schools, participated in the storytelling training and practice course over four months. For data collection and triangulation, the following instruments and procedures were used for empirical study: initial and final questionnaires, developed by the researcher; Creative Personality Scale – EPC (Garcês et al., 2014); initial and final semi-structured interviews; and field journal. The qualitative analysis of the interviews, questionnaires, and field journal followed the procedures described by Creswell (2010). The Creative Personality Scale data underwent reliability analysis using Cronbach's alpha (1951); descriptive analysis; Spearman's Correlation Test; Student's T-Test; Independent Samples Test, using the SPSS program, version 21, before and after the intervention and storytelling practice. The thesis allowed us to observe that the development of self-knowledge and creativity in early childhood and elementary school teachers through storytelling occurs based on the following categories: self-knowledge and personal transformation; self-knowledge, emotional development, and interpersonal relationships; self-knowledge and storytelling aiding the teaching-learning relationship; self-knowledge, professional development, and facing challenges. Regarding creativity, although the statistical results showed little significant changes, teachers pointed out several changes in their attitudes and greater creativity in their personal and professional lives in the qualitative analysis. In the overall evaluation of the participants, a combination of creative personalities with similar results in the pre- and post-tests was observed. The results suggest that regular storytelling training and practice enabled teachers to engage in a self-knowledge process, resulting from acquiring new knowledge and broadening their worldview. This process fostered deeper reflections on who they are and who they wish to become, characterized as a continuous path toward individuation, according to Jung.

Keywords: storytelling; teacher training; self-perception; creative potential; Jung.

## RESUMEN

La presente tesis tuvo como objetivo comprender cómo se desarrolla el autoconocimiento y la creatividad en profesores de educación infantil y de los primeros años a partir de la práctica de contar historias. En cuanto a los objetivos específicos, se buscó: identificar la narración de historias en la formación continua como una posibilidad de desarrollar la creatividad y el autoconocimiento; reconocer la producción científica sobre narración de historias y creatividad en Brasil, a partir de una revisión integradora; comprender la narración de historias y el autoconocimiento en el desarrollo humano desde la Psicología Analítica de Carl Gustav Jung; evaluar el proceso de desarrollo de la creatividad antes y después de la participación en un curso de formación y práctica de narración de historias; y analizar el desarrollo del autoconocimiento de profesores de educación infantil y de los primeros años antes y después de la participación en el curso de formación y práctica de narración de historias. Se optó por una investigación de enfoque mixto, cualitativo y cuantitativo, de carácter exploratorio, utilizando el diseño de investigación-intervención. Diez profesores de educación infantil y primaria, con edades entre 24 y 63 años, de escuelas públicas y privadas, participaron en un curso de formación y práctica de narración de historias durante cuatro meses. Para la recopilación y triangulación de los datos de la investigación, se utilizaron los siguientes instrumentos y procedimientos de estudio empírico: cuestionario inicial y final, elaborado por la investigadora; Escala de Personalidad Creativa – EPC (Garcês et al., 2014); entrevistas semiestructuradas, iniciales y finales; y diario de campo. El análisis cualitativo de las entrevistas, los cuestionarios y el diario de campo siguió los procedimientos descritos por Creswell (2010). Los datos de la Escala de Personalidad Creativa pasaron por un análisis de fiabilidad mediante el alfa de Cronbach (1951); análisis descriptivo; Prueba de Correlación de Spearman; Prueba T-Test de Student; y Prueba de Muestras Independientes, utilizando el programa SPSS, versión 21, antes y después de la intervención y la práctica de contar historias. La tesis permitió observar que el desarrollo del autoconocimiento y la creatividad en profesores de educación infantil y de los primeros años a partir de la práctica de contar historias ocurre a partir de las siguientes categorías: autoconocimiento y transformación personal; autoconocimiento, desarrollo afectivo y relaciones interpersonales; autoconocimiento y las historias como ayuda en la relación enseñanza-aprendizaje; autoconocimiento, desarrollo profesional y afrontamiento de los desafíos. Con respecto a la creatividad, aunque los resultados estadísticos mostraron cambios poco significativos, los profesores señalaron diversos cambios en sus actitudes y mayor creatividad en la vida personal y profesional en el análisis cualitativo. En la evaluación general de los participantes, se observa una combinación de personalidades creativas con resultados similares en las pruebas previas y posteriores. Los resultados obtenidos sugieren que la formación y la práctica regular de contar historias permitió a los profesores un proceso de autoconocimiento derivado de la adquisición de nuevos conocimientos y la ampliación de su visión del mundo. Este proceso favoreció un mayor grado de reflexión sobre quiénes son y quiénes desean ser, caracterizándose como un camino continuo hacia la individuación, según Jung.

Palabras clave: narración de historias; formación de profesores; percepción de sí mismo; potencial creativo; Jung.

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1 - SÍNTESE DE DADOS DOS ESTUDOS SELECIONADOS.....</b>	<b>32</b>
<b>QUADRO 2 - INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E SUA RELAÇÃO COM OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>60</b>
<b>QUADRO 3 - PROCESSO DE ANÁLISE PARA IDENTIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS.....</b>	<b>68</b>
<b>QUADRO 4 - INTERPRETAÇÃO DOS FATORES.....</b>	<b>93</b>

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

<b>FIGURA 1 - PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS.....</b>	<b>31</b>
---	-----------

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - DIVISÃO DOS ARTIGOS EM CATEGORIAS.....	34
<b>TABELA 2</b> - NÍVEL DE CONFIABILIDADE COM BASE NO COEFICIENTE $\alpha$ DE CRONBACK .....	94
<b>TABELA 3</b> - ANÁLISE DE CONFIABILIDADE PELO ALFA DE CRONBACH ( $\alpha$ ) .....	94
<b>TABELA 4</b> - ANÁLISE DESCRITIVA DOS FATORES.....	95
<b>TABELA 5</b> - DESVIO PADRÃO RELATIVO.....	98
<b>TABELA 6</b> - TESTE DE CORRELAÇÃO DE SPEARMAN.....	99
<b>TABELA 7</b> - TESTE DE <i>STUDENT</i> (T) .....	101
<b>TABELA 8</b> - INDEPENDENT SAMPLES TEST.....	102

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA ALTERNATIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES.....</b>	<b>21</b>
2.1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO POSSIBILIDADE DE AUTODESENVOLVIMENTO NA FORMAÇÃO CONTINUADA.....	23
2.2 A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO.....	26
<b>3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E CRIATIVIDADE NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA .....</b>	<b>29</b>
<b>4 AUTOCONHECIMENTO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA JUNGUIANA.....</b>	<b>41</b>
4.1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	50
<b>5 METODOLOGIA DA PESQUISA EMPÍRICA.....</b>	<b>55</b>
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	55
5.2 CONTEXTO DE PESQUISA E PARTICIPANTES.....	57
5.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	59
5.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	62
5.5 COMITÊ DE ÉTICA.....	63
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>63</b>
6.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	63
6.1.1 Autoconhecimento a partir da prática da contação de histórias.....	67
6.2 MÉTODO E ANÁLISE DA ESCALA DE PERSONALIDADE CRIATIVA.....	92
6.2.1 Metodologia.....	92
6.2.2 Resultados e análise da Escala de Personalidade Criativa .....	94
6.3 DISCUSSÃO.....	103
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO INICIAL.....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE 2 – ENTREVISTA INICIAL.....</b>	<b>121</b>

<b>APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO FINAL.....</b>	<b>122</b>
<b>APÊNDICE 4 – ENTREVISTA FINAL.....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE 5 - PROPOSTA - PLANO DE TRABALHO.....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICE 6 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE 7 – TERMO CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.</b>	<b>139</b>
<b>ANEXO 1 - ESCALA DE PERSONALIDADE CRIATIVA.....</b>	<b>142</b>

## APRESENTAÇÃO

Minha primeira graduação foi em psicologia (1989), escolhi esse curso com o objetivo de atuar na área clínica pelo fato de acreditar no desenvolvimento humano. Inicialmente trabalhei durante 10 anos na área organizacional, recrutando e selecionando profissionais para a área financeira, paralelamente atuava na área clínica, na qual sempre tive interesse, pois sempre me encantou acompanhar o processo de tomada de consciência e desenvolvimento pessoal. Em busca do crescimento profissional, ingressei em uma pós-graduação (Stricto Sensu) em Psicopedagogia (1991), devido ao interesse em atuar com crianças. Ainda que me sentisse realizada no consultório, havia uma inquietação pelo social, no sentido de participar, fazer alguma diferença para mais pessoas e ajudá-las na busca do autoconhecimento. Nesse tempo em que atuei na área organizacional e clínica, também desenvolvi trabalhos voluntários como psicóloga, atendendo a demanda psicológica de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social, permanecendo nessa atividade por cerca 3 anos.

Ao participar de uma roda de histórias em um curso de especialização em Arteterapia (2000), descobri a narrativa oral e por ela me apaixonei, compreendi que poderia levar essa experiência para muitos ouvintes e ajudá-los em suas dificuldades cognitivas e emocionais. Optei pela arte terapia pelo interesse em associar a psicologia à arte e por acreditar que há outras possibilidades de nos expressarmos e desenvolvermos o autoconhecimento. Assim, coincidindo com minha mudança para Curitiba, resolvi fazer um curso de contação de histórias e com esse mesmo grupo iniciei as atividades como contadora voluntária em um asilo e depois em outros grupos. Estou nesse projeto há 19 anos. Em 2024, fui uma das organizadoras do livro “Casa do Contador de Histórias”, coletânea de experiências no trabalho voluntário como contador de histórias, participo como autora dos textos “Envelhecer ouvindo histórias: compartilhando memórias” e “Contar histórias para adolescentes: um prazer desafiador”.

No mesmo ano em que fiz o curso de contação de histórias, também cursei a pós-graduação em Psicologia Analítica (2005) com o objetivo de me aperfeiçoar na área clínica e também encontrar subsídios teóricos da psicologia para atuar com as contação de histórias. Ao longo desse curso, estudei como se dá o processo de individuação, o inconsciente individual e coletivo, bem como os arquétipos presentes nos contos de fadas. A monografia desenvolvida foi fruto do trabalho de contação de histórias com os idosos, intitulado: As histórias como recurso no processo de individuação no envelhecimento.

Esse estudo foi publicado no site da psicologia analítica (Symbolon) e, por meio dessa divulgação, um grupo de pesquisadoras de São Paulo tomou conhecimento do trabalho que desenvolvia com os idosos e fui convidada a escrever um capítulo do livro “Jung & Saúde: Temas Contemporâneos”, publicado em 2014. O capítulo recebeu o título “Envelhecimento e Individuação: Histórias e Imagens”.

A experiência como contadora de histórias com diferentes públicos me mostrou, na medida em que observava a evolução dos ouvintes a cada semana, que eles apresentam um desenvolvimento significativo a cada roda de contação de histórias. Percebi também que eu já não era mais a mesma, eu também havia mudado, e toda essa experiência me despertou o interesse pela educação, foi quando ingressei no curso de pedagogia na UFPR (2015). Os estágios desenvolvidos ao longo do curso, o convívio com alunas (os) da graduação e com professores (as) das escolas pelas quais passei foi me motivando cada vez mais a estudar a contação de histórias e o desenvolvimento humano, não só dos ouvintes, mas também do contador.

No segundo ano da graduação, iniciei um projeto de iniciação científica com o tema “Contação de histórias e desenvolvimento de adultos”, pesquisa desenvolvida com contadores de histórias voluntários. Esse trabalho resultou em um artigo publicado em 2019 sob o título “Contação de histórias e o desenvolvimento do adulto contador”.

No terceiro ano participei de um grupo de pesquisa, uma parceria entre a UFPR e UMINHO (Portugal), estudando o tema: vulnerabilidade social. Participando desse grupo, desenvolvi um projeto de iniciação científica voltado para crianças e adolescentes em vulnerabilidade. O trabalho com esse grupo de pesquisa possibilitou a organização de um livro, intitulado “As crianças: infância, pobreza e qualidade de vida”. O grupo de pesquisa escreveu o capítulo: “A infância desfavorecida: qualidade de vida e bem-estar subjetivo”, publicado em 2019. Esse trabalho foi subsidio para a publicação de mais dois artigos: “O que pensam crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social sobre o bem-estar e a qualidade de vida” (Abate; Stoltz; D’Aroz, 2022) e “Crianças e adolescentes: olhar sobre a pobreza, a qualidade de vida e o bem-estar subjetivo” (Abate; Stoltz; D’Aroz; Asinelli-Luz; Bianchi, 2024).

No TCC apresentado ao final do curso de Pedagogia (2018), mantive a proposta de estudar a contação de histórias, porém com foco nos adolescentes, cujo tema foi “Contação de histórias para adolescentes?”. Tenho um artigo submetido fruto desse trabalho e aguardando parecer da revista.

Toda essa experiência pessoal e profissional me despertou o interesse em pesquisar sobre o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social dos professores contadores de histórias, uma vez que obtive resultados surpreendentes quando pesquisei os contadores voluntários.

No mestrado escolhi pesquisar os professores, porque, ao longo dessa trajetória de quase 15 anos, tenho observado uma carência na formação de professores, relatos de dificuldades para lidar com os alunos, com os problemas da escola e com as próprias dificuldades afetivas e profissionais. Compreendo que essas dificuldades podem estar relacionadas a uma falta de consciência de si mesmo, do outro e do próprio fazer pedagógico.

Esse foi o objeto de estudo no mestrado, desenvolvido na linha de pesquisa de Cognição, aprendizagem e desenvolvimento humano, cujo tema da dissertação é: Contação de histórias e autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social do professor contador. Os resultados dessa pesquisa foram também surpreendentes, com relatos muito significativos da observação das professoras em relação ao seu autodesenvolvimento a partir da prática da contação de histórias.

Meu interesse em ingressar no doutorado e propor a pesquisa em questão, foi com a intenção de dar continuidade ao estudo voltado para a formação de professores, tendo a contação de histórias como instrumento principal, desejando defender a importância da preparação e desenvolvimento integral do professor contador. Penso que a trajetória que já desenvolvi nesse tema favorecerá a pesquisa e o aprofundamento.

## 1 INTRODUÇÃO

A pluralidade de desafios que enfrentamos no campo educacional nos instiga a encontrar estratégias criativas para tornar mais humana e consciente a relação professor/ aluno/ ensino/ aprendizagem, amenizar os conflitos e contribuir para uma educação mais profunda e positiva. Este estudo investiga uma prática acessível para o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade de professores: a contação de histórias. A contação de histórias é uma prática que teve origem na oralidade, as histórias eram transmitidas para uma segunda pessoa ou para um grupo, favorecendo a socialização e a troca de experiências a partir da narrativa oral, vista como a “faculdade de intercambiar experiências [...], onde o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor” (Benjamin, 1987, p. 34). Contar e ouvir histórias são práticas que proporcionam uma visão mais ampla de mundo, desperta a imaginação e o interesse pelo outro, contribui para o desenvolvimento da criatividade e afetividade, bem como favorece a socialização e resolução de conflitos pessoais e coletivos (Abate, 2014; Abate; Stoltz, 2019; Abate; Stoltz, 2020).

A escolha deste tema surgiu após observação do crescente número de pesquisas envolvendo a contação de histórias voltadas à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental, com o propósito de estimular e desenvolver o hábito da leitura nos alunos (Chesini; Crestani; Souza, 2013; Lourenço, 2019; Ferreira; Oliveira, 2020; Botelho; Goulart, 2020), mas poucas pesquisas voltadas ao processo de desenvolvimento do próprio contador. Estudos recentes mostram que a contação de histórias produz resultados positivos com adolescentes, adultos e idosos quanto ao autoconhecimento e à possibilidade de pensar e lidar com os problemas da vida (Abate, 2014; Abate; Stoltz, 2019; Ferreira; Oliveira, 2020; Saxby, 2022). Poucas pesquisas foram encontradas tomando por base o professor e essas tendem a observá-lo em sua prática como contador de histórias em prol do desenvolvimento do aluno e não com foco em si mesmo e em seu próprio desenvolvimento (Chesini; Crestani; Souza, 2013; Kerry-Moran, 2016; Silva; Souza, 2017; Lourenço, 2019; Santos, 2021; Carmo; Santos, 2020).

A contação de histórias não deve ser confundida com a mediação de leitura<sup>1</sup>, um precioso recurso para o letramento literário<sup>2</sup>, proporcionando a fruição estética, o exercício da empatia, o diálogo e a compreensão de si mesmo (Brasil, 2017), porém trata-se de algo mais estruturado, menos espontâneo, em que o interlocutor reproduz o que está no livro, auxiliado pelas ilustrações. A mediação de leitura é uma atividade que “visa designar a construção de sentido a partir da sua relação com a escrita, seu termo se relaciona de forma diferenciada com a escrita, uma vez que ocupa uma posição exclusiva no que tange à linguagem” (Janusis, 2021). Observa-se que a mediação de leitura caminha lado a lado com a contação de histórias, às vezes até se misturam, mas a primeira tem o livro como apoio e o texto em sua forma original, intermediando a relação entre o leitor e o ouvinte (Benjamin, 1987). O mediador procura fazer inferências para a compreensão crítica do texto (Abreu; Dumont, 2021; Martins, 2022), ajuda o leitor a questionar, relacionar e analisar os recursos literários (Cosson, 2014; Araújo, 2021). A segunda, por sua vez, não possui recursos intermediários, é uma relação direta entre o contador e o ouvinte, possibilita que, a cada narrativa, o narrador inclua um pouco de si, compartilhe uma parte de seu mundo, da sua vivência, da sua cultura, enriquecendo a narrativa para ambas as partes, narrador e ouvinte, na qual a compreensão é individual, considerando a experiência de vida e com a literatura (Benjamin, 1987; Cosson, 2014; Brasil, 2017; Abate; Stoltz, 2020). Trata-se de práticas distintas, mas com alguns objetivos semelhantes, o de proporcionar a fruição estética e a formação do leitor literário. A contação de histórias propicia ainda, despertar a imaginação, uma vez que cada ouvinte cria as suas próprias imagens a partir do que ouve, considerando seus próprios recursos, intelectuais e emocionais, favorece a socialização e a elaboração de novas estratégias para lidar com as adversidades.

Temos ainda a leitura literária, que também é importante para o desenvolvimento humano, mas habitualmente é realizada de forma solitária, ampliando o conhecimento apenas daquele que lê (Benjamin, 1987), não propiciando em um primeiro momento a

---

<sup>1</sup> A mediação da leitura envolve o desenvolvimento de estratégias de leitura que permite a compreensão crítica do texto, ajudando os leitores a aplicar seu conhecimento prévio, a realizar inferências para interpretar o texto e a identificar e esclarecer os aspectos não compreendidos que merecem a intervenção de leitores mais experientes (Martins, 2022).

<sup>2</sup> É um processo de apropriação da linguagem literária, que envolve quatro características: o contato direto do leitor com a obra, a construção de uma comunidade de leitores, a ampliação do repertório literário por meio do acesso a diversas manifestações culturais, e, o desenvolvimento de ações sistematizadas e contínuas direcionadas para a formação de competências literárias pelo leitor (Cosson, 2006).

interação social, como na contação de histórias. No entanto, a leitura literária é uma grande aliada da contação de histórias, uma vez que auxilia e amplia o repertório de histórias do contador, expandindo o conhecimento e a fruição estética-cultural.

A contação de histórias tem uma proposta mais espontânea, informal, dinâmica, fluída, que oferece na entonação da voz, no compasso rítmico, nas pausas, na postura corporal, na interação entre o contador e o ouvinte por meio do olhar. Tem a possibilidade de transportar o ouvinte para o mundo imaginário e contribuir para o processo de construção do autoconhecimento e o desenvolvimento da criatividade (Abate; Stoltz, 2020; Melo; Dias; Sampaio; Rêgo, 2020; Botelho; Goulart, 2020; Rodrigues; Lima, 2020; Pillotto; Cunha; Stamm; Garcia, 2021; Paiva; Bezerra, 2023).

Como se considera a prática de contação de histórias na proposta curricular nacional brasileira? Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é importante desenvolver, ao longo da educação básica, competências que contemplem os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na esfera pedagógica. Trata-se da importância de “um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica” (BNCC, 2017. p.16), primando por uma educação integral, de forma técnica, humana e ética. Destaca-se, nas novas diretrizes para a formação de professores, a importante necessidade de promover no aluno a possibilidade de “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas”, conforme descrito no item 8 das competências gerais da educação básica (BNCC, 2020, p.10). No entanto, para que o professor possa promover essa competência nos estudantes é necessário que a desenvolva, primeiramente, em si mesmo (Santos; Antunes; Bernardi, 2008; Antunes; Plaszewski, 2018; Lousada; Barreto, 2021), inclusive a competência da leitura crítica e literária (Cosson, 2006; Abreu; Dumont, 2021, Araújo, 2021).

O autoconhecimento é o conhecimento de si mesmo, algo muito profundo e individual que se conquista gradualmente ao longo da vida, por meio das experiências vividas e da autorreflexão de sua posição no mundo. É um conceito que abrange a autoconsciência e a percepção de si mesmo, podendo ser algo natural ou auxiliado por estímulos externos, como: cursos, leituras, psicoterapia, trabalhos corporais, meditação, entre outros.

O autoconhecimento, para Lousada e Barreto (2021), é a “condição primária para acontecer um ser Humano Integral, em que o corpo, os sentimentos, a cognição, a intuição, a imaginação e a espiritualidade, ou seja, o sentir, o pensar e o agir possam articular e manifestar-se com coerência e com respeito a si e ao Outro” (Lousada; Barreto, 2021, p.1375). Para Abate e Stoltz (2019) o contador de histórias em seu ofício, tem a possibilidade de se autodesenvolver, favorecido pela relação afetiva que estabelece com o outro, com as histórias que conta, com a atividade que realiza e é capaz de perceber mudanças, não só em seus ouvintes, mas também em si mesmo, sendo uma ação refletida a cada encontro. Nesse sentido, a contação de histórias também pode ser uma possibilidade de auxiliar o indivíduo a autoconhecer-se, favorecido pela fruição estética, afetividade e imaginação, na medida em que se proponha a refletir sobre si mesmo e a sua prática.

Associada ao autoconhecimento, temos a criatividade, um fenômeno complexo e multidimensional, resultado da interação entre processos cognitivos, afetivos, ambientais e sociais, que pode ser estimulado e desenvolvido ao longo da vida, principalmente no contexto escolar (Wechsler; Nakano, 2018; Piske; Stoltz, 2020; Stoltz, 2021; Nakano; Primi, Alves, 2021; Stoltz; Wiehl, 2021). Para Alencar; Fleith; Borges; Boruchovitch (2018, p. 556), os estudos relacionados à criatividade no ambiente escolar têm crescido muito, provavelmente em função da necessidade de “preparar o aluno para lidar com os desafios e demandas típicas da sociedade do conhecimento”. Para a autora, há divergência entre o ensino predominante no Brasil e a “proposta educacional voltada para o desenvolvimento do potencial para criar, com limitado espaço para a expressão da criatividade dos futuros professores” (Alencar, 2018, p. 552). Alencar et.al. (2018), considera que é um tema que recebe pouca atenção nas formações de professores. Nesse ponto, a contação de histórias também seria uma possibilidade de estimular o potencial criativo do professor e de seus alunos.

Ambicionamos que os alunos desenvolvam o interesse pela literatura e cultura estética, mas, os professores da educação infantil e anos iniciais possuem esse conhecimento? Os professores estão preparados para transmitir o conhecimento pela literatura de forma consciente e prazerosa, a partir de sua experiência pessoal? Sabe-se que a criança costuma repetir padrões de comportamento apreendidos em casa, no ambiente escolar ou no contexto onde vive. Esse é um pensamento paradoxo muito discutido e fomentado por educadores, pais e especialistas da área, uma vez que a prática

pedagógica também tem em seu bojo a intenção de desenvolver o leitor literário, não só aquele que lê por prazer, mas também aquele que compreende e constrói uma opinião a partir do que lê (Cosson, 2014; Abreu; Dumont, 2021; Araújo, 2021; Instituto Pró-Livro, 2021; Janusis, 2021). Como justificativa social da presente tese para a educação, a contação de histórias poderia promover o desenvolvimento do hábito de leitura, sendo uma proposta que se inicia na oralidade, no prazer em ouvir e interagir com o conhecimento, na qual o imaginário trabalha livremente, sem obrigações ou julgamentos prévios.

No Brasil, já houve diversos programas e leis de incentivo à leitura, como: Ciranda dos Livros<sup>3</sup> (1982-1985), Fundação PROLER<sup>4</sup> (1992-1997), Programa Nacional Biblioteca na Escola<sup>5</sup> (PNBE, 1997-2007), Lei da Universalização das Bibliotecas Escolares<sup>6</sup> (2010), na sequência, em 2012, foi lançada a campanha “Eu quero minha biblioteca<sup>7</sup>” e em 12/07/2018 foi instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita<sup>8</sup> (PNLE, Lei 13.696). Recentemente, em dezembro 2019, o Ministério da Educação (MEC) lançou o programa “Conta pra mim” que faz parte da Política Nacional de Alfabetização (PNA) com o objetivo de estimular o desenvolvimento intelectual na

---

<sup>3</sup> O programa Ciranda de Livros, realizado entre 1982 e 1985, iniciativa conjunta entre a FNLIJ, a Fundação Roberto Marinho e Hoechst do Brasil. Em 1985, houve a continuidade do projeto com o lançamento da quarta, e última, edição. <https://crianca.mppr.mp.br/pagina-2195.html>

<sup>4</sup> Criado pelo Decreto nº 519/1992, de 13 de maio de 1992, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) tem por finalidade contribuir para a ampliação do direito à leitura, promovendo condições de acesso a práticas de leitura e de escrita críticas e criativas. <https://crianca.mppr.mp.br/pagina-2195.html>

<sup>5</sup> O Programa tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. <https://crianca.mppr.mp.br/pagina-2195.html>

<sup>6</sup> A Lei nº 12.244/2010, Lei da Universalização das Bibliotecas Escolares, determina que todas as instituições de ensino do país, públicas e privadas, deverão desenvolver esforços progressivos para constituírem bibliotecas com acervo mínimo de um título para cada aluno matriculado - ampliando este acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares. <https://crianca.mppr.mp.br/pagina-2195.html>

<sup>7</sup> Criada em 2012, a Campanha EU QUERO MINHA BIBLIOTECA nasceu com o intuito de universalizar as bibliotecas em escolas e buscar a efetividade da lei 12.244/10, que determina que todas as instituições de ensino do país, públicas e privadas, deverão ter bibliotecas instaladas até o ano de 2020. <https://crianca.mppr.mp.br/pagina-2195.html>

<sup>8</sup> Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil. <https://crianca.mppr.mp.br/pagina-2195.html>

primeira infância com orientação de técnicas, consideradas simples pelos criadores do programa, que deverão ser usadas pelos pais, dentro de casa, com crianças de 0 a 6 anos de idade (BRASIL, 2019). Independentemente de todos esses programas e leis de incentivo à leitura, não houve mudanças significativas no cenário brasileiro quanto aos índices de leitores no Brasil, visto que cerca de 48% da população brasileira não é leitora, conforme dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró-Livro, 2021) e, considerando os dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2018) não alavancaram o *ranking* de proficiência em leitura em que o Brasil ocupa a 57ª posição dos 77 países participantes. Esse resultado ressalta que mais de 50% dos alunos brasileiros com cerca de 15 anos não atingiram o nível básico de leitura, que compreende não só decifrar os códigos gráficos, mas também interpretar o que é lido. Essa ideia é confirmada pelos resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró-Livro, 2021), que levanta o índice de que cerca de 40% dos entrevistados não leem, não porque não gostam de ler, mas porque não conseguem compreender o que leem, o que evidencia a alta taxa de analfabetismo funcional<sup>9</sup>. Os dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF, 2018, p. 8) evidenciam que 30% da população brasileira são considerados analfabetos funcionais, tendo dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita em situações da vida diária e somente 12% são considerados proficientes.

Com base no exposto, identificou-se que, nos últimos quarenta anos, não houve falta de programas de incentivo à leitura. No entanto, os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró-Livro, 2021), os resultados do PISA (2018) e do INAF (2018) demonstraram que a população não se desenvolveu nessa expertise. Podemos pensar que há a necessidade de preparação dos professores de forma efetiva para que se alcancem resultados significativos, uma vez que os índices não regrediram, mas se mantiveram ao longo desse tempo. Ressalta-se que os atuais professores também foram alunos que vivenciaram os programas de incentivo à leitura das quatro últimas décadas, mas será que conseguiram se desenvolver enquanto leitores literários e sabem contar histórias? A contação de histórias é uma das dimensões tratadas nos programas de incentivo à leitura, mas não há evidências de que os professores são formados para exercer essa prática, que em sua dimensão é distinta e diferenciada, pois requer do profissional

---

<sup>9</sup> Termo que se refere ao tipo de instrução em que a pessoa sabe ler e escrever, mas é incapaz de interpretar o que lê e de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas.  
<https://www.educabrasil.com.br/analfabetismo-funcional/>

uma preparação não só técnica, mas também consciente da importância da narrativa no ambiente escolar e de um repertório adequado aos alunos. Por outro lado, o incentivo à oralidade deve ser anterior ao desenvolvimento da leitura e da escrita, visto que prepara este desenvolvimento, como sugere Cosson (2014, p. 105): “a criança precisa da voz para fazer a transição entre o mundo da oralidade e o mundo da escrita”.

Um novo programa foi lançado pelo governo federal em 31/01/2025, pela portaria MEC nº85, que institui o Programa de Formação Continuada Leitura e Escrita na Educação Infantil - Pro-LEEI<sup>10</sup> no âmbito do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. O Programa de Formação Continuada Leitura e Escrita na Educação Infantil (Pro-LEEI), promete melhorar a formação de professores da educação infantil, uma vez que os professores precisam ter conhecimento teórico e prático para tratar da formação de futuros leitores. Tem o objetivo de promover a formação continuada de professores da Educação Infantil; criar a cultura da leitura, escrita e oralidade na rotina das crianças; desenvolver práticas educativas que ampliem as experiências das crianças com a linguagem escrita. O programa propõe que as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) atuem como núcleos de formação de educadores. Esperamos que a contação de histórias seja uma das formações oferecidas ao professor, uma vez que serão desenvolvidos programas em cada estado, considerando as necessidades de cada região.

É compreendido que na relação educacional professor/ aluno, primordialmente estabelecida no ambiente escolar, a criança tenha prioridade. Entretanto, observar, estudar e cuidar da formação mais profunda do professor se faz necessário, uma vez que o professor é um dos responsáveis em apresentar para os alunos diferentes vertentes, contextos e realidades, garantindo a ampla visão de mundo e a formação de indivíduos capazes de enfrentar as adversidades, de ler o mundo com olhos próprios e de construir seu caminho de forma autônoma e segura.

Isto posto, foi levantada a seguinte pergunta de tese: Como ocorre o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade em professores da educação infantil e anos iniciais a partir da prática de contação de histórias?

---

<sup>10</sup> Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil - Pro-LEEI com a finalidade de implementar ações de formação continuada focadas na ampliação e consolidação dos saberes dos profissionais da educação infantil para o planejamento e a implementação de práticas pedagógicas destinadas a incidir sobre o desenvolvimento das crianças no campo da linguagem oral, da leitura e da escrita. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mec-n-85-de-31-de-janeiro-de-2025-610589107>

O tema deste estudo surgiu a partir da minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica, já descrita na apresentação inicial desta tese. A relevância social atende à demanda e orientação do BNCC (2020), de contribuir para que o professor adquira recursos para o autoconhecimento e a promoção do potencial criativo, motivando-o a ser um possível agente de transformação de si mesmo e de seus alunos. Estudos apontam a necessidade de programas de formação continuada que contemplem a humanização e a criatividade do professor (Santos; Antunes; Bernardi, 2008; Silva; Souza, 2017; Antunes; Plaszewski, 2018; Nakano, 2009; Wechsler; Nakano, 2018; Carmo; Santos, 2020; Santos, 2021; Lousada; Barreto, 2021; Stoltz, 2021; Nakano; Primi; Alves, 2021), como possibilidade de oportunizar mecanismos para transformar a realidade das futuras gerações de leitores no Brasil. Analisar como ocorre o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade do professor a partir da prática da contação de histórias pode contribuir para a promoção de políticas públicas voltadas para a preparação mais ampla e profunda do professor, considerando a sua capacitação nessa prática na formação inicial ou continuada, que fortalece o seu letramento literário e a qualidade de seu trabalho junto às crianças.

Ainda pensando no contexto social, a prática da contação de histórias por professores, poderá promover o desenvolvimento do hábito de leitura, desde a infância, por ser uma proposta que se inicia na oralidade, no prazer em ouvir e interagir com o conhecimento, na qual o imaginário trabalha livremente, sem obrigações ou julgamentos prévios.

No que diz respeito à relevância acadêmica da presente tese, no Brasil, com a crescente busca de implementação da literatura no contexto escolar, a contação de histórias tem sido discutida como possibilidade de preparar o professor tecnicamente para desenvolver o interesse dos alunos pela literatura (Rodrigues, 2015; Silva; Souza, 2017; Santos; Arapiraca, 2019; Vendrame; Paula, 2019; Carmo; Santos, 2020). Observamos uma lacuna importante nos estudos. Não foram encontrados trabalhos voltados a propiciar, ao professor, uma formação mais profunda e humana, visando o autoconhecimento e o desenvolvimento da própria criatividade por meio da prática da contação de histórias. O trabalho que mais se aproxima é o de Abate e Stoltz (2020), no entanto, neste estudo os professores já tinham uma formação em contação de histórias e, na presente tese, esta formação será oferecida a partir de um curso de extensão. Outro

diferencial da proposta de tese é a investigação quantitativa da criatividade antes e após a experiência com contação de histórias.

Seguindo nessa perspectiva, a presente tese tem o objetivo geral de compreender como ocorre o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade em professores da educação infantil e anos iniciais a partir da prática de contação de histórias. A tese apresenta os seguintes objetivos específicos:

- Identificar a contação de histórias na formação continuada como possibilidade de desenvolver a criatividade e o autoconhecimento.
- Reconhecer a produção científica sobre contação de histórias e criatividade no Brasil a partir de revisão integrativa.
- Compreender a contação de histórias e o autoconhecimento no desenvolvimento humano a partir da Psicologia Analítica de Carl Jung.
- Avaliar o processo de desenvolvimento da criatividade antes e após a participação em um curso de formação e prática de contação de histórias.
- Analisar o desenvolvimento do autoconhecimento de professores da educação infantil e anos iniciais antes e após a participação em curso de formação e prática de contação de histórias.

Com a intenção de responder aos objetivos descritos, este estudo se subdivide nos seguintes capítulos: depois da presente introdução, o segundo capítulo busca identificar a contação de histórias na formação continuada como possibilidade de desenvolver a criatividade e o autoconhecimento. O terceiro capítulo apresenta o estado da arte sobre contação de histórias e criatividade no Brasil. O quarto capítulo trata da psicologia analítica de Carl Gustav Jung com uma proposta de diálogo com a contação de histórias, material que dará subsídio para a análise e discussão dos resultados. No quinto capítulo é descrita a metodologia, incluindo o tipo de estudo, o contexto, os participantes, os instrumentos, os procedimentos de coleta e de análise de dados. Na discussão dos resultados, pretende-se apresentar e discutir como se desenvolveu o processo de formação do professor em contação de histórias, bem como o desenvolvimento de sua criatividade e autoconhecimento ao longo desse processo. As considerações finais retomam, em síntese, os objetivos, apresentam as limitações do estudo e apontam para pesquisas futuras.

## **2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA ALTERNATIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES**

A formação continuada de professores no Brasil é tema de relevância para a melhoria da qualidade da educação. Compreende um conjunto de estratégias e práticas destinadas a atualizar e aprimorar os conhecimentos, habilidades e competências dos profissionais da educação ao longo de suas carreiras.

Historicamente, o Brasil tem enfrentado desafios significativos na área da formação continuada de professores, incluindo a falta de investimento adequado, a descontinuidade de políticas públicas e a carência de programas eficazes. No entanto, nos últimos anos, tem havido um esforço crescente para fortalecer e ampliar essas iniciativas, reconhecendo a importância crucial do desenvolvimento profissional dos docentes para o avanço da qualidade da educação (Gatti; Barreto; André; Almeida, 2019). Dentre as estratégias adotadas, Gatti et.al. (2019) destacam os programas de capacitação oferecidos pelas Secretarias de Educação, as formações promovidas pelas instituições de ensino superior e as iniciativas de formação em serviço desenvolvidas pelas próprias escolas. Lidoio, Santos, Reis (2020), explicam que, anteriormente, o papel do professor era predominantemente visto como o de fornecedor de informações dentro dos processos de ensino. Atualmente, essa perspectiva evoluiu, e o professor é amplamente reconhecido como um mediador e facilitador da aprendizagem. De acordo com o item 8, descrito nas competências gerais da educação básica contidas na BNCC (2020), cabe ao professor promover nos alunos a capacidade de reconhecer suas próprias emoções, compreender a diversidade humana e adquirir autocrítica para lidar com as adversidades. Essa mudança de paradigma está gradualmente redefinindo o papel desse profissional na sociedade contemporânea.

Diante dessa nova abordagem, torna-se essencial que o professor participe regularmente de programas de formação, que o auxiliem no desenvolvimento de novas estratégias pedagógicas, ampliação de conhecimentos e no aprimoramento de habilidades socioemocionais (Marques; Tanaka; Foz, 2019). Segundo Gatti et.al. (2019, p. 37), a formação do professor “demanda certa integralidade saindo da perspectiva somente cognitiva relativa ao domínio de conteúdo e integrando formação pedagógica, metodológica, histórico-cultural, psicossocial”. Em se tratando de uma atividade complexa, fica em evidência a necessidade de preparar o professor nas habilidades

humanas de reflexão, de deliberação e consciência, completa Gatti et. al. (2019). Isso é fundamental para que ele esteja preparado para lidar com o público de alunos que surge a cada ano e para atender às demandas de uma sociedade em constante evolução (Marques; Tanaka; Foz, 2019; Gatti et. al., 2019). Contudo, as longas jornadas de trabalho dificultam a participação em programas de formação que valorizem o desenvolvimento pessoal, não apenas como professor, mas também como ser humano. Isso exige que o professor se dedique mais e esteja disposto a sacrificar seu descanso e vida pessoal para alcançar esse desenvolvimento.

Gatti et. al. (2019) discutem alternativas de práticas formativas utilizadas na formação continuada de professores, como casos de ensino, portfólio, memorial de formação e diários, que estão fundamentados em conceitos educacionais e perspectivas filosóficas significativas para os contextos nos quais se inserem. Observa-se que esses dispositivos são potencialmente enriquecedores, uma vez que a narrativa facilita a análise das experiências vivenciadas pelo professor.

Nessa perspectiva, a contação de histórias pode desempenhar papéis significativos na formação continuada de professores da educação básica, não apenas no aspecto pedagógico, mas também no desenvolvimento do autoconhecimento tanto do educador quanto de seus alunos (Schlindwein, 2015; Silva; Souza, 2017; Abate; Stoltz; 2020; Carmo; Santos, 2020; Santos, 2021; Xiao; Amzah; Rong, 2023). Ao participar de atividades de contação de histórias, os professores são desafiados a explorar narrativas que muitas vezes refletem aspectos da condição humana, experiências de vida e valores culturais (Cosson, 2020). Nesse processo, eles podem se identificar com personagens, situações e dilemas apresentados nas histórias, o que estimula a reflexão sobre suas próprias experiências, crenças e valores. Isso pode contribuir para o autoconhecimento do professor, permitindo que ele reconheça suas próprias emoções, motivações e habilidades, além de promover a empatia e a compreensão das diferenças individuais (Benjamin, 1987; Bertrand, 2021). Seguindo essa premissa, Gatti et.al. (2019, p. 183), enfatizam a ideia da necessidade de “resgatar e incorporar a dimensão pessoal aos processos de formação do professor [...] influenciada por aspectos sociais, emocionais, cognitivos e afetivos.”, isso significa entender os professores não apenas em seu papel profissional, mas também como indivíduos completos, levando em consideração como suas experiências pessoais moldam sua prática educacional. Essa perspectiva destaca a necessidade de uma abordagem holística na formação de professores, que leve em conta

não apenas suas habilidades técnicas, mas também sua identidade, valores e vivências pessoais.

A contação de histórias na formação continuada oferece aos professores a oportunidade de aprofundar seu conhecimento sobre diferentes gêneros literários, estilos de escrita e técnicas narrativas (Cosson, 2014; Cosson, 2020). Ao explorar obras literárias de diversos autores e épocas, os professores podem ampliar suas perspectivas, desenvolver sua sensibilidade estética e fortalecer sua identidade como leitores e apreciadores da literatura, enriquecendo a narrativa oral (Abreu; Dumont, 2021, Araújo, 2021). Isso os ajuda a compreender a importância da literatura como meio de expressão artística, reflexão crítica e construção de significados pessoais e coletivos.

Dessa forma, a contação de histórias na formação continuada de professores da educação básica, não apenas pode enriquecer o repertório cultural e linguístico dos educadores, mas também promover o desenvolvimento do autoconhecimento e da consciência crítica, contribuindo para a formação de cidadãos mais reflexivos, sensíveis e autônomos.

## 2.1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO POSSIBILIDADE DE AUTOCONHECIMENTO NA FORMAÇÃO CONTINUADA

A contação de histórias é uma prática milenar proveniente dos povos originários que já utilizavam a oralidade para transmitir o conhecimento, explicar os fenômenos da natureza e relatar os acontecimentos e sentimentos vividos, sendo compartilhado em grupo. Na perspectiva de Bertrand (2021, p. 61) o ser humano “precisa narrar para construir identidade e, com esse gesto, recuperar sua memória, responder a perguntas essenciais, mistérios e medos”, constituindo uma identidade individual e coletiva a partir das experiências vividas. Contar e ouvir histórias possibilita ao contador e ao ouvinte a oportunidade de criar as próprias imagens, entendimentos e conexões a partir das experiências pessoais.

As histórias antes transmitidas por meio da oralidade, circulavam pelas diferentes culturas, levadas pelos tripulantes das grandes navegações, contadas durante os longos tempos de trabalho de artesãos e camponeses, bem como em momentos de descanso ao redor da fogueira, sendo considerada um saber que passa de pessoa a pessoa, de geração a geração (Benjamin, 1987). Ao longo do tempo as histórias foram se eternizando,

deixando marcas, vivências e aprendizados para as novas gerações, tornando-se uma linguagem universal, que para Walter Benjamin (1987, p. 42) o ato de “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e que elas se perdem quando as histórias não são mais conservadas, quando ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história”. As explicações são evitadas ao se narrar uma história, uma vez que a narrativa oral procura transmitir o surpreendente e o fabuloso com veracidade, não impondo ao ouvinte um enquadramento psicológico da ação, sendo aquele que ouve, livre para interpretar e criar suas próprias imagens e opiniões, com isso atinge amplitude de imaginação e fantasia que reverbera ao longo do tempo (Benjamin, 1987; Cosson, 2014).

Contar histórias vai além de simplesmente compartilhar palavras entre o contador e o ouvinte. É estabelecer uma conexão profunda, onde o narrador tem a oportunidade de compartilhar um pouco de si mesmo, inserindo sua própria vivência e cultura em cada narrativa. Essa interação enriquece a experiência tanto para quem conta quanto para quem ouve, pois, cada história se torna única, moldada pela bagagem individual de vida e contato com a literatura (Benjamin, 1987; Cosson, 2014; Brasil, 2017). Para Cosson (2014, p. 114), contar histórias requer “que o leitor se entregue ao texto, apagando a distância entre ele e o autor, que é própria do processo de memorização [...], o leitor precisa construir um sentido que vai guiar a sua voz, precisa interpretar o texto para poder guardá-lo no coração” assim o texto adquire um sentido singular, uma vez que o narrador imprime sua marca, como gestos, pausa, ritmo, entonação da voz e emoção.

A contação de histórias é, portanto, a arte de transmitir imagens universais por meio da oralidade, acessível a todas as faixas etárias, desde crianças pequenas até idosos. Ela transporta tanto o ouvinte quanto o contador para um mundo distinto, oportunizando vivências únicas, enriquecendo a mente humana e permitindo a transformação. Na perspectiva de Cosson (2014, p. 114), a prática da contação de histórias é uma forma de preparar as crianças para a leitura, possibilitando a “ampliação do vocabulário, relação com o impresso, estímulo à imaginação, desenvolvimento da criatividade e do senso crítico, incorporação de modelos narrativos, incentivo à leitura, promoção de valores e crescimento emocional”, podendo ser um caminho possível para iniciar o processo do letramento literário. Entretanto, segundo a perspectiva de Cosson (2014), esses benefícios não asseguram uma prática eficaz de leitura literária. Isso ocorre porque, muitas vezes, professores sem preparo literário utilizam essa prática para promover a pedagogização, na qual o texto é empregado como pretexto para doutrinação moral e estímulo de bons

hábitos, desvirtuando a literatura de sua capacidade libertadora como exercício da imaginação.

Nesse contexto, torna-se imprescindível uma formação literária prévia para os professores que atuam, principalmente, na educação infantil e anos iniciais. O objetivo é desenvolver neles a competência necessária, pois não podemos orientar para algo que não dominamos ou que não está dentro do nosso conhecimento. Estar apto para cultivar nos alunos o letramento literário requer que o professor se dedique à sua própria formação como leitor, especificamente como leitor literário, a fim de proporcionar experiências literárias significativas aos educandos. Isso é fundamental para trabalhar progressivamente na formação dos alunos como leitores de literatura. Para Chambers (2007, p. 67, trad. nossa) “contar histórias é essencial para que as pessoas se tornem leitores, independentemente da idade [...] nosso gosto pela leitura de literatura está profundamente enraizado nessa experiência com a narrativa oral”, essa perspectiva sustenta a importância de o professor se preparar como contador de histórias.

Assim como é fundamental que os professores desenvolvam uma formação literária sólida para promover o letramento literário entre os alunos, também é crucial que adquiram habilidades específicas para contar histórias de forma eficaz. A capacidade de contar histórias vai além de simplesmente narrar um enredo; envolve técnicas de expressão oral, domínio narrativo e compreensão das nuances da narrativa. Portanto, um professor que se prepara como contador de histórias está mais bem equipado para proporcionar narrativas enriquecedoras e cativantes para seus alunos, contribuindo para seu desenvolvimento como leitores e apreciadores de literatura. Na medida em que o professor se prepara para contar histórias, estabelece uma relação afetiva com o texto, imprime emoção e confiança na sua narrativa o que o desenvolve também enquanto leitor literário (Cosson, 2014), sendo esse um processo contínuo na trajetória profissional e de vida. Isso porque, nos esclarece Cosson (2020), o processo do letramento literário vai além do fato de ler, tem um caráter formativo individual e de experiência da liberdade. Por conseguinte, para ler literariamente, o leitor é confrontado com o desafio de ler com a proposta de autoconhecimento, que consiste em integrar as próprias experiências, o eu pessoal com o texto lido, buscando um aprofundamento não só no texto, mas compreender o que o texto provoca em seu eu, o que diz de si mesmo. Contar histórias e aproximar-se da literatura também exige do leitor uma conexão com o mundo externo, permitindo

adentrar na experiência do outro por meio das palavras enunciadas por este, sendo uma experiência única, pessoal e intransferível, finaliza Cosson (in Fritzen, Müller, 2022;).

Para que o professor possa evoluir com os alunos enquanto leitores literários, é importante traçar um caminho como sugere Cosson (Cosson, 2020; in Fritzen, Müller; 2022, p. 205) indo “da contação de histórias para a humanização através da leitura, com práticas para formar leitores que saibam reconhecer uma maneira própria de ver e viver o mundo”, podendo ser uma das possibilidades que antecede e prepara os alunos para essa prática. Como já citado, programas de leitura ou práticas isoladas não alavancam os índices de leitores ou garantem a qualidade literária da leitura, entretanto, propostas bem elaboradas que tem a contação de histórias como propulsora podem colaborar no sentido de “desenvolver a competência literária do leitor, possibilitando uma experiência singular com a palavra, pode funcionar como uma atividade central para o despertar do interesse pela leitura”, ressalta Cosson (2014, p. 131).

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO

A criatividade almejada por muitos que trabalham com a educação e que buscam o desenvolvimento desse aspecto nos alunos é um fenômeno complexo e multidimensional, resultado da interação entre processos cognitivos, afetivos, ambientais e sociais, que pode ser estimulado e desenvolvido, principalmente no contexto escolar (Wechsler; Nakano, 2018; Nakano; Primi; Alves, 2021; Stoltz, 2021).

Considerando que a criatividade é uma habilidade que pode ser cultivada ao longo da vida e que é influenciada pela interação entre o indivíduo com seu contexto histórico, social e cultural (Piske; Stoltz, 2020; Stoltz; Wiehl, 2021), a escola, por meio dos professores, desempenha um papel fundamental na promoção dessas condições e no enfrentamento dos desafios correspondentes. Para isso, é preciso ter profissionais que estejam preparados para participar desse processo como agentes promotores dessa condição humana e que tenham interesse em incentivar a formação de pessoas criativas, reconhecendo aptidões e individualidades (Wechsler, 1998; Nakano; Wechsler, 2006; Nakano, 2009, 2018; Nakano; Primi; Alves, 2021). Para que os professores possam exercer essa competência de forma eficaz é ideal que também sejam incentivados a desenvolver sua própria criatividade, reconhecendo que esse é um processo contínuo. Morais e Miranda (2021, p. 69) discutem as práticas criativas e a criatividade dos

professores do ensino básico, destacando um conjunto de características que parecem influenciar a qualidade do ensino e a promoção de competências criativas nos alunos. Eles apontam que características como “motivação intrínseca, abertura à experiência, autonomia, persistência ou tolerância à ambiguidade” desempenham um papel significativo na forma como os professores operacionalizam seu ensino no dia a dia profissional.

É amplamente reconhecido que a criatividade é fundamental para o alcance de um funcionamento holístico saudável, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional pleno (Nakano; Primi; Alves, 2021). Nesse contexto, a formação de professores emerge como uma via essencial para o desenvolvimento das habilidades criativas tanto em nível individual quanto profissional, uma vez que cabe aos professores criar estratégias que estimulem essa capacidade nos alunos e reconheçam sua diversidade.

A criatividade não se limita àqueles que têm uma afinidade natural com a arte; pelo contrário, a expressão artístico-criativa é essencial no fazer vivenciado de todos aqueles que buscam integração e excelência em suas atividades, pois pode levar ao desenvolvimento de novas abordagens para a ação. De acordo com Stoltz, Weger e Veiga (2017, p. 106) o processo de aprendizagem pode ser enriquecido por meio de práticas que promovem “a consciência interna, o discernimento e a autorregulação”, e a expressão artístico-criativa é uma maneira positiva de incorporar conteúdo científico na formação humana, possibilitando a autotransformação.

Para Alencar et.al. (2018, p. 556), os estudos sobre criatividade no ambiente escolar têm crescido significativamente, possivelmente devido à necessidade de “preparar o aluno para lidar com os desafios e demandas típicas da sociedade do conhecimento”. Os autores observam que esse tema recebe pouca atenção nas formações de professores e destacam a divergência entre o modelo educacional predominante no Brasil e a abordagem educacional idealizada para o desenvolvimento do potencial criativo, com pouca oportunidade para os futuros professores expressarem sua criatividade, prevalecendo o modelo conteudista em detrimento de abordagens mais criativas e inovadoras.

Os pesquisadores nessa área enfatizam que a criatividade é um conceito complexo, de difícil mensuração, e que deve ser compreendido de maneira multidimensional, levando em conta aspectos cognitivos, de personalidade e variáveis ambientais. Eles ressaltam que a qualidade do produto criativo possui impacto e relevância diferenciados

em cada contexto social (Wechsler, 2004; Miranda, 2019; Morais; Miranda, 2021). Diante desse contexto, aos poucos a avaliação da criatividade tem ganhado notoriedade nas pesquisas científicas que buscam mensurar esse potencial humano, considerado um dos maiores desafios dos pesquisadores da área (Torrance, apud Wechsler, 1998; Wechsler, 1998, 2004; Nakano, 2009, 2018; Nakano; Wechsler, 2006; Nakano; Primi; Alves, 2021).

O teste de pensamento criativo, formas figural e verbal, desenvolvido por Torrance e validado no Brasil por Wechsler (1998), tem sido o mais utilizado em pesquisas internacionais e nacionais em diferentes contextos, uma vez que inclui entre os seus componentes, aspectos cognitivos e afetivos. A validação do teste de criatividade, possibilitou compreender que a criatividade não está só relacionada à ideia de originalidade, mas também a fluência e flexibilidade, atributos importantes para uma produção criativa, bem como as emoções, imaginação e fantasia expressas também podem indicar criatividade. Considerando Wechsler (2004) o teste de pensamento verbal é considerado o mais bem aceito pelos professores por eles terem maior facilidade para identificar a criatividade entre seus alunos, provavelmente porque é a estratégia mais utilizada em sala de aula. A Escala de Personalidade Criativa – EPC (Garcês et al., 2014), é uma escala breve e validada em Portugal, constituída de 30 itens que avaliam a personalidade criativa. Esta escala é derivada da Escala de Estilos de Pensar e Criar (Wechsler, 2006).

Muitos pesquisadores têm se dedicado ao desenvolvimento de constructos que visam mensurar a criatividade. No entanto, independentemente dos seus esforços de mensuração, é amplamente reconhecido o quanto é significativo o desenvolvimento do potencial criativo nos dias atuais. O cultivo da criatividade não apenas enriquece a vida individual, mas também desempenha um papel fundamental na resolução de problemas complexos, na inovação e no progresso social. (Alencar, 2018; Piske; Stoltz, 2020; Stoltz, 2021; Stoltz; Wiehl, 2021). Nesse sentido, é essencial que tanto educadores quanto educandos sejam incentivados a desenvolver a criatividade, uma vez que ao promover um ambiente que valoriza e nutre a criatividade, podemos cultivar indivíduos capazes de pensar de maneira original e encontrar soluções criativas para os desafios enfrentados. Além disso, essa abordagem também contribui significativamente para o desenvolvimento pessoal em um processo contínuo de autoconhecimento.

### 3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E CRIATIVIDADE NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Considerando os conceitos anteriormente apresentados e a especificidade do tema, optou-se pelo método de revisão integrativa com uma proposta de revisão de literatura sobre a contação de histórias e a criatividade no Brasil. A revisão integrativa é uma metodologia desenvolvida no campo da saúde, mas tem atendido positivamente aos estudos das ciências sociais aplicadas, no que se refere ao estado da arte de um estudo específico e com rigor científico (Botelho; Cunha; Macedo, 2011). A revisão integrativa é um método que busca aumentar o potencial de uma pesquisa para encontrar de forma organizada o maior número possível de resultados, pode incluir estudos empíricos, experimentais ou não, revisão de literatura com a proposta de definir conceitos, rever teorias e evidências, ampliando o panorama do problema em estudo. Esse processo compreende seis etapas, considerando Botelho, Cunha e Macedo (2011), sendo: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; categorização dos estudos selecionados; análise e interpretação dos resultados; apresentação da revisão/ síntese do conhecimento.

#### **Etapa 1 - Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa**

Para o levantamento dos artigos na literatura definiu-se a pergunta norteadora “Como é a produção científica sobre contação de histórias e criatividade no Brasil?”. De posse da pergunta de pesquisa foram utilizados os descritores extraídos do ERIC Thesaurus<sup>11</sup> e operadores *booleanos*: “criatividade” AND “contação de histórias” OR “narração de histórias”; “creativity” AND “storytelling” OR “narration”. A busca foi realizada nos bancos de dados: BDTD, Periódicos Capes, Scielo, Web of Science, BVS, Eric, Scopus, Pepsic, seguindo os critérios de pesquisa de cada periódico.

---

<sup>11</sup> <https://eric.ed.gov/>

## **Etapa 2: Estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão**

Foram considerados como critérios de inclusão, estudos contendo os descritores em qualquer parte do texto; artigo, tese ou dissertação cujo estudo tenha sido realizado no Brasil; texto completo disponível pelo acesso remoto da UFPR, online e gratuitamente. Não foram incluídos estudos relacionados somente à criatividade ou à contação de histórias, seja no ambiente escolar ou não; estudo realizado fora do Brasil.

Durante uma busca abrangente nas plataformas, observamos que o tema foi mais estudado no início dos anos 2000, ressurgindo com algum interesse por volta de 2016. A partir de 2020, o tema voltou a ser pesquisado, com estudos abordando a contação de histórias como forma de desenvolver a criatividade e a imaginação das crianças no contexto escolar. Assim, para termos uma visão atual dos estudos deste tema, pesquisou-se os artigos nos idiomas inglês, português e espanhol, considerando os anos de 2014 a 2024.

## **Etapa 3: identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados**

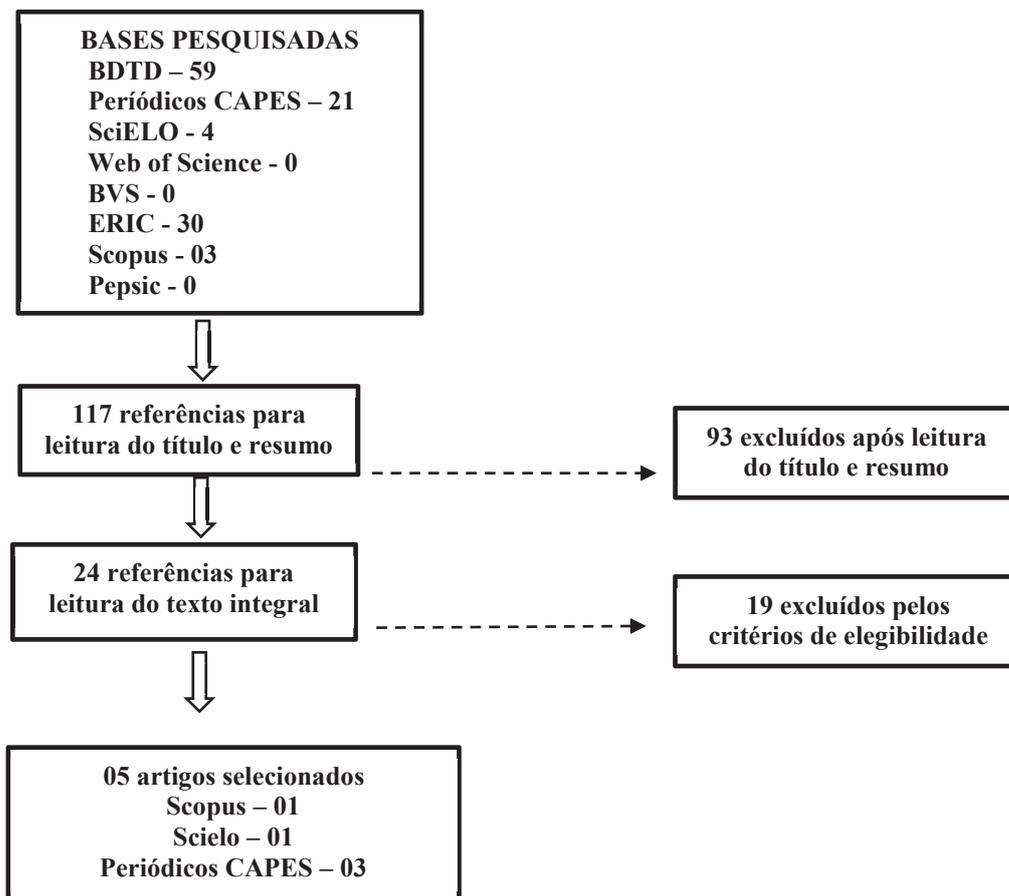
O processo de revisão e seleção dos estudos nas bases de dados é demonstrado na FIGURA 1. Foram encontrados 117 estudos com os descritores e descartados, no primeiro passo a partir da leitura dos títulos e dos resumos, 93 estudos por não atenderem à temática da contação de histórias ou por não fazerem menção à criatividade, restando 24 para serem analisados. Após a leitura flutuante, no segundo passo, restam 5 artigos que tratam sobre a contação de histórias e a criatividade.

## **Etapa 4 - Categorização dos estudos selecionados**

Na sequência da análise e seleção dos artigos, foram realizadas e detalhadas no QUADRO 1, características gerais dos artigos, como: título/ base de dados, autor/ ano, teoria de base, objetivo, participantes, instrumentos, tipo de pesquisa e resultados com o propósito de visualizarmos o material recolhido e elaborarmos a categorização dos estudos. As categorias identificadas foram: a) contação de histórias e criatividade com crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; b) contação de histórias e criatividade com adolescentes do ensino fundamental II; c) concepção de

professoras dos anos iniciais acerca da contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento das crianças.

FIGURA 1 - PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS



FONTE: ABATE; STOLTZ (2024)

QUADRO 1 - SÍNTESE DE DADOS DOS ESTUDOS SELECIONADOS

Título/ Base de dados	Autor/ Ano	Teoria de base	Objetivo	Participantes	Instrumentos	Tipo de pesquisa	Resultados
Contação de história e seus enlaços: literatura, prática leitora e criatividade	Paiva; Bezerra (2023)	Vygotsky; Abramovich; Amarilla; Graves e Graves.	Incentivar e compreender a prática da leitura como formadora do leitor por prazer através da contação de histórias para crianças.	3 crianças de 7 e 8 anos, que cursavam o 2.º ano do ensino fundamental 1 em escola pública.	Questionário e roda de conversa.	Abordagem qualitativa- Estudo de caso  Observação participativa	Constatou-se que a contação de histórias pode incentivar o gosto pela literatura e desenvolver a criatividade das crianças. Observou-se a formação do leitor por prazer e a promoção do processo imaginativo no relato da história, nas rodas de conversa e no preenchimento dos questionários, o .
Periódicos CAPES							
A contação de história e seus contributos para a interação e desenvolvimento linguístico da criança	Melo; Dias; Sampaio; Rêgo (2020)	Vygotsky, Bakhtin; Abramovich; Amarilla; Graves e Graves; Ziberman.	Compreender como a contação de histórias viabiliza interações e o desenvolvimento linguístico das crianças	4 professoras do 1º ano 117 alunos, entre 6 e 7 anos. Escola rede pública municipal RN	Entrevista semiestruturada com as professoras.  Observação não participante com as crianças	Pesquisa empírica de abordagem qualitativa	Na observação com as crianças, as autoras associaram a imaginação ao ato de criar e destacaram que ouvir, contar e recontar histórias geram inspiração e criatividade o que favorece o desenvolvimento linguístico das crianças. As professoras, em entrevistas, consideraram a contação de histórias uma prática que desenvolve imaginação, criatividade e formação humana e cidadã.
SCOPUS							

Leitura literária e contação de histórias em meio às impressões da leitura de crianças de 4 e 5 anos Periódicos CAPES	Botelho; Goulart (2020)	Sisto, Cosson, Wallon	Apresentar e identificar as impressões que as atividades de leitura literária e de contação de histórias provocam na criança	Crianças da educação infantil de 4 e 5 anos de uma escola particular em MG	Leitura literária e contação de histórias.  Registro com fotos; roda de conversa após cada intervenção	Pesquisa ação; abordagem qualitativa	As rodas de leitura e contação de histórias provocaram compreensão e assimilação das histórias pelas crianças, indo além do texto a partir da imaginação. Observou-se que, ao se tomarem ouvintes ativos, as crianças desenvolvem imaginação, criatividade, reflexão, crítica e abstração, além de interesse em criar suas próprias histórias e interpretações.
Contação de histórias: um caminho para despertar o gosto pela leitura Periódicos CAPES	Rodrigues; Lima (2020)	Zilberman; Lajolo; Colomer	Despertar e resgatar o gosto pela leitura literária entre adolescentes e jovens.	Alunos do 9º ano do ensino fundamental 1, na disciplina de Língua Portuguesa em uma escola da rede estadual no RS	Registro das atividades em diário de campo Roda de conversa sobre a experiência dos alunos	Pesquisa-ação com abordagem qualitativa	O objetivo de promover o interesse pela leitura entre os jovens, que relataram benefícios como mente mais aberta, vocabulário mais amplo e melhoria na escrita, foi atingido. Observou-se o desenvolvimento da imaginação e criatividade nas narrativas dos alunos.
Contação de história e infâncias: as narrativas (re)inventam-se SCIELO	Pillotto; Cunha; Stamm; Garcia (2021)	Freire; Girardello; Kramer; Busatto; Sisto.	Analisar as narrativas infantis, pautadas em uma oficina de contação de história, a fim de entendê-la não somente como recurso pedagógico, mas também como fruidora de processos criativos, imagéticos e autorais.	Participaram 12 crianças da educação infantil (4 a 5 anos), em um colégio, vinculado a uma universidade comunitária	Oficinas mensais de contação de histórias. Registros fotográficos, filmagens e diário de campo. Produções artísticas e roda de conversa	Abordagem qualitativa narrativa  Contação de história, utilizando livros visuais	Os processos imagéticos e criativos das crianças ficaram evidentes através de narrativas orais e corporais, desenhos, pinturas e investigações, vinculados à sensibilidade e afetividade. Elas consideram a contação de histórias uma experiência estética que estimula a criação e a imaginação.

FONTE: Abate; Stoltz (2024)

Na TABELA 1 estão apresentados a divisão dos artigos em categorias, o ano de publicação e autores.

TABELA 1 - DIVISÃO DOS ARTIGOS EM CATEGORIAS

Categoria	Título	Autor/ Ano
a) Contação de histórias e criatividade com crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental 1.	Artigo: Contação de história e seus enlaces: literatura, prática leitora e criatividade.	Paiva; Bezerra (2023)
	Artigo: Leitura literária e contação de histórias em meio às impressões da leitura de crianças de 4 e 5 anos	Botelho; Goulart (2020)
	Artigo: Contação de história e infâncias: as narrativas (re) inventam-se	Pillotto; Cunha; Stamm; Garcia (2021)
b) Contação de histórias e criatividade com crianças do ensino fundamental 2.	Artigo: Contação de histórias: um caminho para despertar o gosto pela leitura	Rodrigues; Lima (2020)
c) Concepção de professoras dos anos iniciais acerca da contribuição da contação de história para o desenvolvimento das crianças.	Artigo: A contação de história e seus contributos para a interação e desenvolvimento linguístico da criança	Melo; Dias; Sampaio; Rêgo (2020)

FONTE: Abate; Stoltz (2024)

## Etapa 5 - Análise e interpretação dos resultados

Foram selecionados os trabalhos que atendem ao interesse desta pesquisa por tratarem da compreensão do desenvolvimento da criatividade a partir da contação de histórias. Os temas da contação de histórias e da criatividade são usualmente estudados isoladamente, poucos estudos os reúnem e os analisam juntos. Não foi encontrado nenhum trabalho que mensurasse de forma objetiva a criatividade, sendo muitas vezes associada à imaginação, como se fossem sinônimos. Observou-se ser um tema ainda pouco explorado e com estreita profundidade nas análises, sendo a criatividade avaliada de forma superficial, sempre considerada como um adjetivo a mais no que concerne ao desenvolvimento cognitivo da criança. Somente um estudo tem como participantes também as professoras, considerando suas observações e experiência com a contação de histórias e o desenvolvimento criativo dos educandos (Melo; Dias; Sampaio; Rêgo, 2020).

### **Categoria A: Contação de histórias e criatividade com crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental**

O artigo “Contação de história e seus enlaces: literatura, prática leitora e criatividade” publicado em 2023 por Paiva e Bezerra, partiu de um estudo realizado com crianças em fase de alfabetização, cujo objetivo geral foi incentivar e compreender a prática da leitura como formadora do leitor por prazer, observando a autonomia, o processo de criatividade e a imaginação infantil. Também, como objetivos específicos, buscaram estimular e desenvolver a criatividade e a imaginação através da contação de histórias e do reconto da história Chapeuzinho Vermelho, com o propósito de formar leitores capazes de interpretar e compreender o que leem; despertar a curiosidade e a possibilidade de diferenciação entre o mundo da fantasia e o real, instigando, a prática leitora. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de observação participativa, realizada com três crianças, com idades de 7 e 8 anos, do segundo ano do ensino fundamental 1 de uma escola pública do estado do Ceará. A intervenção foi realizada em março/ 2021, durante o período da pandemia de Covid-19, por isso o número reduzido de crianças. Os dados foram obtidos por meio de um questionário respondido pelas crianças, constando as perguntas: idade; ano que estuda; qual a proximidade com o mundo da leitura; qual o contato com os livros, seja eles impressos ou digitais; a família incentiva a leitura; em casa alguém lê para você; você gosta de ler; como vê esse momento de leitura na escola; conhece alguma obra/livro; qual sua história preferida. Para contar a história foi utilizado o método de leitura por andaimes de Graves e Graves (1995). Nesse método, explorasse as imagens do livro, capa e título, para já despertar a curiosidade e a imaginação das crianças. Ao final da contação da história foi realizada uma roda de conversa para que as crianças pudessem expressar as suas impressões sobre a história e o que sentiram. Dando continuidade ao momento pós-leitura, foi oferecido às crianças, papel, lápis de cor e tinta e receberam a orientação de fazer um desenho recontando a história apresentada. Contudo, neste artigo foram analisados somente o questionário e a roda de conversa, tendo como suporte teórico Vigotsky (1991), Bezerra (2020) e Amarilla (2012), que as autoras mencionam como tendo favorecido a compreensão da relação intrínseca entre a criatividade e a imaginação infantil. As autoras observaram o processo imaginativo e a criatividade tanto no reconto da história, quanto na roda de conversa quando as crianças mencionam que a narrativa favorece a curiosidade e aguça a imaginação, bem como no

preenchimento do questionário, pois responderam com facilidade e com suas palavras, considerando a narrativa. Concluiu-se que a contação de histórias pode incentivar o gosto pela literatura e desenvolver a criatividade de crianças.

As pesquisadoras Botelho e Goulart (2020), publicaram o estudo “Leitura literária e contação de histórias em meio às impressões da leitura de crianças de 4 e 5 anos”, tendo como objetivo, apresentar e identificar as impressões que as atividades de leitura literária e contação de histórias provocam na criança. Trata-se de uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, com crianças da educação infantil, de uma rede privada de ensino no estado de Minas Gerais. Utilizaram como instrumento de coleta de dados, a aplicação de atividades de leitura literária e contação de histórias, que aconteceu em três momentos distintos: a contação de história, a leitura de uma história de um livro e a leitura coletiva de um livro de imagens. Foram realizadas rodas de conversa após cada atividade, registro com fotos e anotações em diário de campo para a análise das impressões das crianças. As análises dos resultados foram sustentadas por meio das teorias de Sisto (2001, 2007), Machado (2004) sobre a contação de histórias, nos estudos de Cosson (2016) sobre leitura literária e de Wallon (1999) sobre a concepção de afetividade. As autoras sugerem que o contato com as narrativas, leitura ou contação de histórias, potencializam nas crianças a imaginação, a criatividade e a capacidade de reflexão, de crítica e de abstração, inicialmente como ouvintes e depois como leitores interativos e protagonistas das próprias experiências com a linguagem.

Outro estudo que contempla a contação de histórias e a criatividade foi publicado por Pillotto et. al. (2021) com o título “Contação de histórias e infâncias: as narrativas (re) inventam-se”, cujo objetivo foi analisar as narrativas infantis, pautadas em uma oficina de contação de história, a fim de entendê-la não somente como recurso pedagógico, mas também como fruidora de processos criativos, imagéticos e autorais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem narrativa, realizada com 12 crianças da educação infantil, de uma escola vinculada a uma universidade comunitária. Foram organizadas durante um semestre, oficinas de contação de história, que aconteceram mensalmente, com duas horas de duração. A abordagem narrativa enfatizou as experiências da professora e de seus alunos como potencial para a construção de saberes e autoconhecimento. As crianças tiveram a possibilidade de atribuir significados à narrativa, partilhando as impressões, experiências e percepções com o grupo. Os dados para análise foram obtidos por meio de registros fotográficos, filmagens, anotações em

diário de campo das observações e intervenções das crianças durante e ao final da história. Também fizeram parte da coleta de dados, as produções artísticas em desenhos, pinturas, improvisações teatrais, movimentos dançantes e reinvenção de outras histórias e personagens, desenvolvidos pelas crianças, tendo como referência o livro “Folhas” de narrativa visual, que abriu espaço para os processos imagéticos e a criação das histórias autorais. A roda de conversa possibilitou a interação entre as crianças, o exercício da escuta e da oralidade, podendo cada uma colaborar com a história que estava sendo narrada. Em um segundo momento, as crianças foram convidadas a caminhar nos espaços externos do colégio, buscando folhas caídas, gravetos, pedrinhas, barro, entre outros. Ao retornarem fizeram a categorização de tudo que foi recolhido e foram desafiados a produzirem composições artísticas, tendo ainda o livro “Folhas” como referência. A elaboração das oficinas e as análises dos resultados seguiram as propostas dos autores que têm defendido a contação de histórias como potência criadora, entre eles, Cagneti (2013), Yunes e Pondé (1989). As autoras concluíram que a escuta, os vínculos afetivos, a sensibilidade, o desenvolvimento cognitivo e o sentido de autoria se fortaleceram movidos pela experiência estética. Sustentam a ideia de que os “processos imagéticos e criativos das crianças ficaram evidentes por intermédio das narrativas orais e corporais, dos desenhos, das pinturas e das investigações, o que mobilizou também ações de autoria e de liberdade de expressão” (Pillotto et.al., 2021, p.13).

### **Categoria B: Contação de histórias e criatividade com adolescentes do ensino fundamental 2.**

Nesta categoria está contemplado o estudo desenvolvido com 19 alunos que cursaram o 9. Ano do ensino fundamental II em 2016, cujo tema da pesquisa é “Contação de histórias: um caminho para despertar o gosto pela leitura” (Rodrigues; Lima, 2020), proveniente do curso de especialização de uma das autoras. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

O estudo teve como objetivo despertar e resgatar o gosto pela leitura literária entre adolescentes e jovens, alunos de uma escola da rede estadual de Ibirubá/RS. Para alcançar tal objetivo foi desenvolvida a leitura de livros literários escolhidos pelos alunos nas aulas de língua portuguesa, primeiramente, e, posteriormente, foram propostas discussões e a

contação das histórias. Considerou-se uma pesquisa-ação por que uma das pesquisadoras era a professora regente da turma nas aulas de língua portuguesa e sua proposta foi de qualificar a prática pedagógica docente. A pesquisa seguiu as etapas: levantamento bibliográfico; escolha de livros infantis e juvenis que fazem parte do acervo da biblioteca da escola para serem lidos; leitura dos livros selecionados nas aulas de Língua Portuguesa; apresentação de histórias dos livros lidos para a professora e para os colegas; produção de formas de divulgação sobre a obra lida, através de desenhos, cartazes, diálogos, resumos, rodas de conversa, entre outras sugeridas pelos alunos; organização de uma Exposição de Leitura na Escola; e, debate com os alunos sobre a experiência realizada.

As apresentações das histórias aconteceram por meio de uma roda de conversa entre a professora e os alunos em sala de aula, foram utilizados materiais confeccionados pelos alunos, desde livros com desenhos, fragmentos das narrativas, cartazes, colagens e até a reprodução de utensílios usados pelos personagens das histórias (Rodrigues; Lima, 2020). Foram registrados em diário de campo e analisados: o interesse, a participação e a interação entre o grupo e com a professora. Os alunos apresentaram os trabalhos com muita criatividade, despertando nos colegas o interesse em ler o livro que estava sendo contado. Ao final do trabalho foi realizada uma roda de conversa com o objetivo de explorar a atividade realizada, onde todos puderam expressar suas opiniões, os aspectos positivos e negativos das intervenções. As análises dos resultados foram fundamentadas nas teorias de Freire (1993), Colomer (2003) e Lajolo (1993). Nas rodas de conversa observou-se o despertar dos alunos para a leitura literária, a oportunidade de ampliar o conhecimento, desenvolver a imaginação e a criatividade. As apresentações foram realizadas de modo criativo o que levou as pesquisadoras a compreenderem que a leitura e a contação de histórias possibilitam o desenvolvimento da criatividade dos alunos. Observou-se a importância do papel do educador como mediador e incentivador no desenvolvimento da leitura literária.

### **Categoria C: Concepção de professoras dos anos iniciais acerca da contribuição da contação de história para o desenvolvimento das crianças.**

Faz parte desta categoria um único estudo, “A contação de história e seus contributos para a interação e desenvolvimento linguístico da criança”, realizado por Melo, Dias, Sampaio e Rêgo (2020), trata de uma pesquisa empírica de abordagem

qualitativa, realizada com quatro professoras da rede pública municipal do Rio Grande do Norte e 117 alunos, de 6 e 7 anos, que cursaram o 1º ano do ensino fundamental, em 2019. O objetivo foi compreender como a contação de histórias viabiliza interações e o desenvolvimento linguístico das crianças, evidenciando sua importância nas práticas escolares. Utilizou-se como instrumentos de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas com as professoras com o propósito de “conhecer suas concepções acerca dos contributos das contações de histórias para o desenvolvimento das crianças”; realizou-se observação não participante de quatro sessões de contação de histórias em forma de teatro desenvolvidas pelo Programa BALE Micaelense de extensão da Universidade do RN, que busca estimular o gosto e o prazer pela leitura.

O trabalho foi desenvolvido em etapas, primeiro a contação de histórias por parte das pesquisadoras, depois as crianças foram convidadas a recontar a história, momento em que puderam contribuir com suas opiniões, sentimentos e compreensão do texto narrado, ao final do trabalho as professoras participaram da entrevista. Após a coleta dos dados, realizou-se uma análise interpretativa, considerando os resultados das entrevistas com as professoras e a observação não participante dos alunos, tendo como fundamentação teórica, Vigostky (2001), Ziberman (2003), Busatto (2006) e Sisto (2012). Observou-se que o relato oral amplia e enriquece o vocabulário, uma vez que as crianças vivenciam o conto, recriando as histórias de forma criativa, o que motivou as pesquisadoras a entenderem que a experiência de ouvir, contar e recontar, gera inspiração e imaginação criadora para a expressão verbal das crianças. As pesquisadoras mencionam que nas entrevistas com as professoras ficou evidente em seus relatos que a contação de histórias favorece o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, o relato favorece os aspectos linguísticos, cognitivos e o transitar entre a realidade e a fantasia, favorecendo a formação humana.

#### **Etapa 6 - Apresentação da revisão/ síntese do conhecimento**

A consulta nas bases de dados apontou que a associação entre criatividade e contação de histórias ainda é um tema pouco investigado, com fundamentação científica limitada. Embora a contação de histórias seja um recurso cada vez mais utilizado no âmbito educacional, ainda são poucos os estudos encontrados a respeito de sua utilização para promoção da criatividade, fator preponderante nos dias atuais, conforme as diretrizes

curriculares (BNCC, 2020), na educação de crianças e adolescentes, bem como dos professores sempre tão cobrados em desenvolver em seus alunos essa potencialidade.

O QUADRO 1 demonstra uma síntese dos estudos selecionados, foram descritos o título/ base de dados, autor/ ano, teoria de base, objetivo, participantes, instrumentos, tipo de pesquisa e resultados, propiciando a comparação e a categorização.

Foi importante a divisão dos artigos em categorias, no sentido de compreendermos como o tema tem sido abordado na literatura científica. Observou-se que os estudos disponíveis se concentram principalmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, categoria A, onde a criatividade é frequentemente tratada como um aspecto secundário, mesmo quando mencionada no título ou nas palavras-chave. Apenas um artigo menciona adolescentes, categoria B, mas a avaliação da criatividade nesse caso é igualmente superficial. Da mesma forma, a criatividade é analisada no único texto que inclui professoras como respondentes, categoria C. Além de observar as crianças, este artigo foca no desenvolvimento dos alunos, relegando a análise das educadoras a um plano secundário.

Identificou-se que todos os artigos utilizaram a abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação, com predominância de rodas de conversa, observação do campo e entrevista semiestruturada. Quanto aos participantes, variou de 03 a 117 crianças e 4 professoras. O lócus de pesquisa aconteceu em escolas, públicas ou privadas, em diferentes estados brasileiros. O relato das histórias, a roda de conversa e a entrevista, foi a principal estratégia utilizada pelos pesquisadores para o desenvolvimento das atividades, momento em que puderam avaliar a oralidade, a criatividade e a socialização dos participantes.

Observou-se que a criatividade não foi abordada em nenhum dos artigos como objeto de estudo principal, sendo analisada apenas de forma superficial como um subproduto das novas atividades propostas, neste caso a contação de histórias. Frequentemente, a criatividade foi tratada como sinônimo de imaginação, o que é um equívoco. Embora a criatividade se origine da imaginação, a imaginação por si só não resulta necessariamente em criatividade. A imaginação é subjetiva e abstrata, relacionada à nossa capacidade mental de gerar imagens, ideias e sentimentos que não fazem parte da realidade perceptível. Para que a imaginação se transforme em realidade, é necessária a intervenção da criatividade.

Observou-se que há diversos autores que fundamentam as discussões nesses estudos, com predomínio de Vigotski ao tratar sobre o desenvolvimento da criança, a imaginação e a criatividade. Abramovich, Amarilla, Ziberman e Sisto são autores que sustentam as análises da prática da contação de histórias e Graves e Graves são os teóricos que embasam o método de leitura por andaimes.

Os estudos destacaram o desenvolvimento do letramento literário, visando incentivar e compreender como a contação de histórias viabiliza o desenvolvimento linguístico e a formação de leitores, tanto entre crianças quanto adolescentes. Essa prática é entendida não apenas como um recurso pedagógico, mas também como um catalisador de processos criativos, imagéticos e autorais.

A revisão integrativa fortaleceu a escolha deste estudo por uma abordagem qualitativa exploratória e pela análise quantitativa da criatividade.

#### **4 AUTOCONHECIMENTO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA JINGUIANA**

A Psicologia Analítica foi desenvolvida pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, a partir de 1916, quando iniciou uma trajetória individual nos estudos da psicanálise, após romper com Freud por divergências relacionadas à teoria da libido (energia psíquica) e suas transformações e, à compreensão entre os fenômenos consciente e inconsciente (Young-Eisendrath; Dawson, 2002, p. 68).

Os estudos e a teoria psicológica desenvolvidos por Jung tiveram sustentação em suas vivências internas, na experiência com os pacientes, durante seu trabalho no hospital psiquiátrico e depois em sua clínica, e também nas profundas pesquisas e conhecimento adquirido nas áreas da Filosofia, Antropologia, Religião, História e Alquimia. Jung teve influência de muitos pensadores de sua época, como: Kant, Goethe, Schiller, Hegel, Nietzsche e, principalmente da psicanálise de Freud, tendo sido um de seus discípulos (Young-Eisendrath; Dawson, 2002).

A Psicologia Analítica tem uma longa trajetória a partir de seu precursor, compreendendo um grande desenvolvimento e ampliação das ideias originais com os pós-junguianos. Com a expansão da psicologia analítica, surgiram teóricos que contribuíram significativamente, como Michael Fordham e Erich Neumann, com os estudos sobre o desenvolvimento humano desde o nascimento até a fase adulta; e James Hillman, com os

estudos direcionados para os arquétipos, enfatizando os “aspectos imagéticos e mitológicos da alma” (Pádua; Serbena, 2018, p. 128).

Uma das colaboradoras mais importantes de Jung, Marie-Louise von Franz, trabalhou firmemente com os temas da alquimia, interpretação dos sonhos e contos de fadas. No Brasil, destaca-se o trabalho desenvolvido pela psiquiatra Nise da Silveira, que levou para os hospitais psiquiátricos a possibilidade de trabalhar as artes plásticas com os pacientes, tendo como base teórica a psicologia analítica (Schleder; Holanda, 2015). Ela foi também a idealizadora do Museu de Imagens do Inconsciente.

Neste estudo, daremos prioridade aos conceitos da psicologia analítica praticados por Jung e por sua colaboradora Von Franz, em função de seus estudos direcionados aos contos de fadas.

A psicologia analítica é conhecida por uma abordagem profunda e simbólica da psique humana e tem o autoconhecimento como seu principal interesse de estudo. O autoconhecimento, para Jung, está relacionado aos arquétipos e aos símbolos inconscientes como elementos primordiais para a formação da personalidade humana, incluindo o interesse pelo conhecimento, o desenvolvimento de uma identidade genuína e a busca pelo sentido mais profundo de vida. Para ele, o autoconhecimento envolve a integração consciente de alguns aspectos ainda desconhecidos da psique, em busca da maior realização possível de quem se é. Este processo, é nomeado por Jung, como *individuação*<sup>12</sup>, sendo fundamental para o desenvolvimento da personalidade e para alcançar a totalidade do ser (Jaffé, 1975; Jung, 2003).

A *individuação* é um fenômeno espontâneo, pessoal e único, que vai se desenvolvendo continuamente ao longo da vida. É um processo do Si-mesmo (SELF), arquétipo central da personalidade, responsável pela orientação e pelo sentido da vida, que tem o propósito de integração dos aspectos da psique, tanto consciente quanto inconsciente, almejando um estado de completude (Jung, 2000, 2003). A *individuação*

---

<sup>12</sup> C.G.Jung: “Uso a palavra ‘individuação’ para designar um processo através do qual um ser torna-se um ‘individuum’ psicológico, isto é, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade”. “A *individuação* significa tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da *realização de seu Si-mesmo*, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação. Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra “*individuação*” por “*realização de Si-mesmo*”, “*realização do Si-mesmo*”. “Constato continuamente que o processo de *individuação* é confundido com a tomada de consciência do eu, identificando-se, portanto, este último com o Si-mesmo, e daí resultando uma desesperadora confusão de conceitos. A *individuação* não passaria, então, de egocentrismo e auto-erotismo. O Si-mesmo, no entanto, compreende infinitamente mais do que um simples eu... A *individuação* não exclui o universo, ela o inclui.” (Jaffé, 1975)

pode proporcionar um bem-estar profundo de auto aceitação e realização de seu propósito de vida: é um processo de transformação interna (Jung, 2000).

Com o propósito de compreendermos o processo de individuação, primeiramente precisamos conhecer como funciona a estrutura da psique na perspectiva da teoria analítica.

Segundo Fordham (1990, p. 21), a psique é compreendida por Jung “como um sistema dinâmico, em movimento constante, e, ao mesmo tempo, auto-regulado”. Esse movimento vivo da energia psíquica, também denominada de libido, origina-se da tensão entre os opostos, quanto maior a tensão, maior a energia que flui. Esse movimento da energia psíquica pode ser de progressão ou de regressão, a primeira atende às necessidades da consciência, favorecendo a adaptação ao ambiente e, a segunda, atende às necessidades do inconsciente, realizando as demandas internas do indivíduo. Jung argumenta que:

Qualquer que seja a natureza da psique, ela é dotada de extraordinária capacidade de variação e transformação. [...] É muito mais fácil, para a psique, viver em estado de movimento, em contínuos altos e baixos dos acontecimentos, do que em estado de equilíbrio permanente, porque nesse último estado – por perfeito e elevado que possa ser – há a ameaça constante de sufocamento e de um tédio insuportável (Jung, 2014a, p. 59-384).

Nesse sentido, a psique apresenta plasticidade e receptividade, sendo composta por uma energia que pode ter origem no equilíbrio entre os opostos, favorecendo o desenvolvimento da consciência. Jung iniciou os estudos sobre os complexos a partir do teste de associação de palavras que realizava com seus pacientes e identificou que emergiam conteúdos que não faziam parte somente da vivência pessoal. Havia imagens profundas que surgiam nos sonhos, nas criações artísticas, nos delírios e nas alucinações dos pacientes, remetendo a temas históricos e símbolos universais que pertenciam à diferentes culturas e à humanidade. Compreendeu, então, que a nossa psique armazena conteúdos que estão além das nossas experiências individuais e que fazem parte do inconsciente coletivo, que contém também memórias herdadas da ancestralidade. Segundo Jung:

A psique humana contém inúmeras coisas que nunca foram adquiridas, porque a mente humana não nasceu como uma tabula rasa, nem cada homem possui um cérebro inteiramente novo e único. Ele nasce com um cérebro que é o resultado do desenvolvimento de uma série interminavelmente longa de

ancestrais. Este cérebro é produzido em cada embrião, com toda a sua perfeição diferenciada, e quando começar a funcionar, produzirá infalivelmente os mesmos resultados que já foram produzidos inúmeras vezes antes na série dos ancestrais. Toda a anatomia do homem é um sistema herdado, idêntico à constituição ancestral, que funcionará exatamente da mesma maneira como anteriormente (Jung, 2014a, p. 398).

Na perspectiva da psicologia analítica, a psique humana é constituída por três níveis: o ego, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo (Jung, 2014, p. 104). O ego, o “eu”, é o centro da consciência individual, responsável por nossa identidade e pelas funções cotidianas, englobando pensamentos, sentimentos e ações. A consciência “é um fenômeno efêmero, responsável por todas as adaptações e orientações de cada momento, e por isso seu desempenho pode ser comparado muitíssimo bem com a orientação no espaço” (Jung, 2014, p. 104). O inconsciente pessoal reúne conteúdos que se tornam inconscientes, como experiências e memórias reprimidas ou esquecidas, e percepções que não ultrapassaram o limiar da consciência. Esses conteúdos têm origem na nossa história de vida pessoal e no nosso contato com o mundo. O inconsciente coletivo, no entanto, é uma camada mais profunda e armazena experiências que não são individuais, mas preexistentes, comuns a toda a humanidade, que só podem tornar-se conscientes e ter uma forma definida em um segundo momento (Jung, 2003). É constituído de arquétipos<sup>13</sup> ou imagens primordiais, que carregam símbolos universais e constituem a base do psiquismo individual (Jung, 2003). Nas palavras de Jung:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram na consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade (Jung, 2003, p.53).

O arquétipo não tem um conteúdo definido; é uma forma vazia, entendida como forma simbólica que transporta imagens universais que habitam o inconsciente coletivo,

---

<sup>13</sup> “O conceito de arquétipo... deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte. Encontramos esses mesmos temas nas fantasias, nos sonhos, nas ideias delirantes e ilusões dos indivíduos que vivem atualmente. A essas imagens e correspondências típicas, denomino representações arquetípicas. Quanto mais nítidas, mais são acompanhadas de tonalidades afetivas vívidas... Elas nos impressionam, nos influenciam, nos fascinam. Têm sua origem no arquétipo que, em si mesmo, escapa à representação, forma preexistente e inconsciente que parece fazer parte da estrutura psíquica herdada e pode, portanto, manifestar-se espontaneamente sempre e por toda parte (Jaffé, 1975, p. 352).

uma camada profunda da psique humana. Cada indivíduo o exercerá de forma muito pessoal e única, uma vez que “o arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” (Jung, 2003, p.21), surgindo na consciência como uma imagem simbólica, cheia de significado individual. Nesse sentido, nosso trabalho de vida é nos diferenciarmos da influência crua dos arquétipos. Também é importante termos o entendimento de que todos os arquétipos tem a possibilidade do elemento positivo e o negativo, diz Jung: “todos os arquétipos têm um caráter positivo, favorável, luminoso, que aponta para o alto, também têm um outro, que aponta para baixo, em parte negativo e desfavorável, e em parte ctônico, porém neutro” (Jung, 2003, p. 320). Com o tempo a humanidade vai transformando esse arquétipo, ajudando o pequeno ser (indivíduo) a ir em busca de quem ele é. Desse modo, para a psicologia analítica a psique é formada por inúmeras imagens, com uma rica estrutura que carregada de sentido possibilita corporificar as atividades vitais (Jung, 2003).

O complexo se manifesta a partir dos arquétipos, sendo formado por um núcleo que contém uma grande carga de energia psíquica que se manifesta por imagens carregadas de emoção, que são representadas pelas imagens arquetípicas. Quando ativo nos coloca em uma situação de perda de controle, sobressaindo pensamentos e ações indesejadas, com pouco ou sem nenhum domínio da consciência. Jung define o complexo afetivo como “a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional, e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência” (Jung, 2003, p. 37). O núcleo do complexo é o arquétipo, que pode ter natureza positiva ou negativa, sendo fortalecido pelas associações que ocorrem ao longo da vida. Esse processo permite o acesso ao inconsciente e possibilita a ampliação da consciência, podendo levar à gradual dissolução de partes do complexo e favorecer o equilíbrio psicológico, um passo essencial no desenvolvimento do autoconhecimento. Nesse sentido, os complexos formam a estrutura da psique inconsciente, sendo aspectos normais e autônomos que influenciam o comportamento e a motivação pessoal.

O centro da consciência individual, o ego, surge a partir da percepção de que o “eu” está separado do todo. Ele emerge do inconsciente, tanto pessoal quanto coletivo, e se torna cada vez mais consciente à medida que o indivíduo vai desenvolvendo sua percepção da realidade. É ele o responsável por nossa identidade, pelas decisões e ações,

por um julgamento crítico e de valor, agindo como mediador entre os desejos inconscientes e as necessidades conscientes. Assim, o ego é considerado um arquétipo primordial que se forma durante a vida, levando em consideração as demandas do ambiente externo e a cultura na qual o indivíduo vive. Está diretamente associado ao arquétipo da totalidade, o Self ou Si-mesmo, que é inato e existe desde o nascimento, responsável pelo desenvolvimento da personalidade, englobando tanto o consciente quanto o inconsciente. Ambos fazem parte da psique humana, mas cada um possui suas características e funções. O Ego lida com as questões do cotidiano e atende às necessidades imediatas do indivíduo, atua com todos os atos conscientes, enquanto o Self é mais abrangente, está relacionado às demandas internas e à busca por um significado mais profundo da existência individual (Jung, 2015a). O Self tem a função de integrar, mantendo a harmonia e o equilíbrio da totalidade da psique, mas depende do Ego para ser reconhecido como uma realidade simbólica. Jung (2015a, p. 18) afirma que “o eu, está subordinado ao si mesmo e está para ele, assim como qualquer parte está para o todo. O eu, possui o livre-arbítrio – como se afirma –, mas dentro dos limites do campo da consciência”. Portanto, é a partir da interação entre ego e Self que o indivíduo adquire autoconhecimento, percebe suas potencialidades e tem a ampliação da consciência, caminhando naturalmente no sentido da individuação.

Para Jung, a adaptação do indivíduo ao ambiente externo não costuma ser única e verdadeira, tende a se acomodar às circunstâncias e às expectativas do ambiente ou pessoas com as quais precisa interagir. Ele nos conta que o indivíduo utiliza um tipo de máscara, ou seja, uma atitude dissimulada para encobrir a sua verdadeira personalidade, que corrobora com os seus propósitos e também com as exigências do meio ao qual está inserido, sobressaindo um ou outro de acordo com o contexto (Jung, 2015b, p. 542). Jung denominou de *persona*<sup>14</sup>, essa máscara social utilizada pelo indivíduo, uma atitude externa, do como nos apresentamos ao mundo e do como somos vistos por ele. É considerada “um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O complexo funcional da *persona* diz respeito exclusivamente à relação com os objetos” (2015b, p.543). A *persona* tem dois lados, o positivo e o negativo. No sentido positivo, há o desejo de se adaptar ao contexto social, favorecendo a expansão e o desenvolvimento da psique. Em contrapartida, no sentido negativo, quando a *persona* se defronta com situações de rigidez, isso pode

---

<sup>14</sup> *Persona*, era o nome da máscara utilizada pelos antigos atores (Jung, 2015b, p. 542).

impossibilita a adaptação e seguir em sentido contrário, levando o indivíduo a agir de forma menos harmoniosa e criativa diante das questões impostas pelo mundo externo, o que pode comprometer a sua singularidade.

Ao utilizarmos diferentes formas de nos adaptarmos ao mundo externo, enfrentamos a repressão de algumas características individuais, potencialidades, sentimentos, desejos e ideias que não são bem-vindas no ambiente externo ou não se adaptam às circunstâncias. Essa forma de adaptação, ao reprimir nossas tendências naturais, gera conteúdos que ficam armazenados em um ambiente obscuro da psique humana, que Jung denominou de sombra - um arquétipo que nos confronta com questões inconscientes. A sombra é uma parte viva da personalidade e, em algum momento, inevitavelmente seremos influenciados por sua ação. Só podemos entrar em contato com seus conteúdos por meio da projeção. No entanto, à medida que integramos esses aspectos sombrios à consciência, abriremos espaço para uma mudança em nossa personalidade. O encontro consigo mesmo está atrelado ao confronto com a própria sombra, e somente assim nos tornamos mais íntegros e autônomos, livres da persona que nos aprisiona, podendo ser quem realmente somos. Jung nos diz que “É compreensível que o confronto com a sombra influencie as relações do eu com fatos internos e externos de modo extremamente persistente, pois a integração da sombra acarreta uma mudança de personalidade [...] sua figura aparece no início do caminho da individuação” (Jung, 2016, p. 387). Outra maneira de lidar com a sombra é por meio da projeção. Trata-se de um processo inconsciente que acontece espontaneamente, no qual um conteúdo, pensamento, emoção ou desejo, que é inconsciente para a pessoa é projetado no objeto (outro), de modo que o conteúdo pareça pertencer a esse objeto. Esse processo de projeção só é interrompido no momento em que se torna consciente, sustenta Jung (2016, p. 95), ou seja, quando o indivíduo compreende e reconhece que é um conteúdo seu. Assim, a repressão e a projeção são mecanismos de defesa que o ego encontra para lidar com as manifestações inconscientes, com a sombra.

A anima/ animus também é um complexo que tem função mediadora entre o consciente e o inconsciente. A anima é a imagem arquetípica da natureza feminina do inconsciente do homem, enquanto o animus, representa a natureza masculina no inconsciente da mulher, sendo a forma com que o indivíduo é visto pelo inconsciente coletivo (Jung, 2014b). Ambos vivem e atuam nas camadas mais profundas da psique,

revelando à consciência experiências psíquicas desconhecidas de um passado distante (Jung, 2016).

A anima/ animus representam a dualidade presente na personalidade humana, respectivamente no homem e na mulher, e são complexos que contribuem para o autoconhecimento. Jung (2015c, p. 105) utiliza o termo anima “por ser ela a personificação das funções inferiores, que relacionam o homem com o inconsciente coletivo”, sendo responsável pela instabilidade de sentimentos e do humor, intuição, receptividade ao contraditório, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e habilidade de se relacionar com o inconsciente, considera Von Franz (2008).

Por outro lado, na mulher, esse complexo se apresenta como uma essência masculina, denominada animus (Jung, 2015c), sendo “uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem” (Von Franz, 2014, p 105), podendo se manifestar em atitudes que expressam a maneira como ela se impõe no mundo, tanto de forma positiva quanto negativa. Jung aponta para a importância de entrar em contato e dialogar com essas forças interiores, vivenciando-as em sua plenitude para que ocorra a gradual dissolução e transformação desses complexos. Esse material pode ser integrado à consciência na medida que é ampliado e transformado, ou seja, toda ação ou vivência carrega conteúdos conscientes e inconscientes, contribuindo para o reconhecimento de quem realmente se é, aspectos que se constroem gradativamente para ir de encontro ao processo de individuação.

Os símbolos contêm temas e imagens inconscientes, comuns em todas as culturas e em diferentes períodos da história, por isso possui uma importância universal. Costumam estar presentes nos sonhos, mitos, artes e em todas as religiões, também perceptível nos rituais de diferentes povos (Jung, 2003; 2015c), utilizando uma linguagem metafórica e poética. Possuem camadas profundas e muitas vezes inacessíveis, traduzindo em uma grande riqueza de significados, sendo necessária a reflexão e a compreensão individual de cada ser humano, uma vez que cada pessoa os interpreta a partir de suas vivências, à medida em que se aprofunda em suas análises, levando em consideração o conhecimento e a cultura nas quais está inserida.

O símbolo é considerado por Jung como “um conceito, uma figura ou um nome que nos podem ser conhecidos em si, mas cujo conteúdo, emprego ou serventia são específicos ou estranhos, indicando um sentido oculto, obscuro e desconhecido” (Jung, 2015c, p. 206). Nesse sentido, o conceito de símbolo vai além de uma representação, ideia

ou imagem, pois tem a possibilidade de transcender o visível, significando mais do que pode revelar ou expressar em um primeiro momento, uma vez que carrega consigo elementos inconscientes, que não se esgota ou o define por completo. Tem como principal objetivo intermediar a relação entre o consciente e o inconsciente, chegando até nós por meio de palavras ou imagens simbólicas, o que contribui para que o indivíduo adquira consciência de algumas partes da psique e integrando-as em uma personalidade mais íntegra e única.

Assim, o autoconhecimento é o caminho necessário para se chegar a uma atitude autêntica e verdadeira: a individuação, onde o ego se conecta profundamente com o inconsciente, possibilitando a ampliação da psique. A individuação para Jung não é “o único objetivo da educação psicológica” (Jung, 2015b, p. 592), antes é necessário a educação e adaptação às normas coletivas, uma vez que é a partir da relação com o outro que acontece a transformação, não se trata de uma individualidade egoísta, mas de uma ampliação da consciência de quem se é no mundo e do compromisso de assumir verdadeiramente as tarefas a que se propõe.

A individuação só pode ocorrer através do confronto e da conciliação possível entre o consciente e o inconsciente, processo que Jung nomeou de função transcendente. Ela é chamada de “transcendente” porque surge da união dos opostos, emergindo algo novo a partir dessa tensão, representando uma “singular capacidade de transformação da alma humana” (Jung, 2014b, p. 114). Esse processo é vivenciado através de símbolos e imagens que emergem do inconsciente e contribuem para a ampliação da psique, criando novas possibilidades de “assimilação das funções inferiores e inconscientes à consciência, causando efeitos profundos sobre a atitude consciente” (Jung, 2014b, p. 113). Assim, a função transcendente permeia o contínuo processo de individuação, que se desenvolve ao longo da vida. Embora natural, esse processo exige que o indivíduo reconheça a si mesmo, olhando para dentro de si com respeito e amorosidade, aceitando sua história, fraquezas, desejos e singularidades. Só assim conseguirá uma vida plena.

Essa jornada individual envolve o confronto com a sombra, a dissolução da persona, a integração dos arquétipos — como a anima e o animus —, além do acolhimento de símbolos do inconsciente, reconhecendo-os e compreendendo-os de uma maneira singular. Existem diversas maneiras de explorar e fazer emergir esses conteúdos inconscientes, e há indícios de que a contação de histórias é uma dessas possibilidades.

#### 4.1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Para Jung, os símbolos e as imagens primordiais são a forma como os arquétipos se expressam e chegam até nós, constituindo uma base para a expressão e o desenvolvimento da psique. Essas imagens arquetípicas podem ser acessadas por meio das manifestações artísticas e culturais, sonhos, mitos, contos de fadas e histórias que tragam um significado para o indivíduo.

Os mitos e os contos de fadas são uma forma de personalizar os principais arquétipos identificados por Jung, como o herói, a mãe, o velho sábio, a sombra, a anima/animus e o Self. Essas estruturas profundas impactam nossa visão do mundo, nossos valores e constroem narrativas culturais, uma vez que as imagens arquetípicas têm um sentido a priori tão profundo que costumamos questionar seu sentido real. Assim, o arquétipo tem uma natureza primitiva que compreende imagens mitológicas que emergem de forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore (Jung, 2003).

Essas imagens simbólicas possuem uma natureza dual: ao mesmo tempo em que são específicas e únicas para o indivíduo, carregam também um significado universal e coletivo. Por exemplo, a imagem de um herói em um sonho pode ter um significado para o sonhador, mas também representa um arquétipo do inconsciente coletivo, uma figura que é reconhecida em mitologias e histórias de diferentes culturas (Jung, 2003; 2014). De maneira semelhante, o conto ou história narrada oralmente pode ter significados distintos para cada ouvinte, pois está repleto de imagens universais. Como já disposto, os símbolos possuem uma riqueza de significados, mais amplo e profundo além do seu conteúdo aparente, não podem ser completamente esgotados por uma única interpretação, ou seja, podem ter múltiplas camadas de significado, cada uma revelando diferentes aspectos do inconsciente, dependendo do contexto e da perspectiva do observador. Por essa razão, Von Franz (1990, p. 13) argumenta que para Jung, “Uma imagem não é somente um pensamento padrão [...] é, também, uma experiência emocional – a experiência emocional de um indivíduo. Só se essa imagem arquetípica tiver um valor emocional e afetivo para o indivíduo ela poderá ter vida e significação”. Podemos citar o processo de elaboração simbólica nas palavras de Jung;

[...] uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem

um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da razão (Jung, 2008, p. 19).

A contação de histórias, na perspectiva da psicologia analítica, é vista como uma prática profunda que vai além do simples ato de narrar. Ela possibilita que se abra espaços para camadas mais profundas do inconsciente, revelando aspectos até então ocultos, esquecidos ou reprimidos. Quando contamos histórias, damos lugar para a manifestação dos arquétipos, possibilitando que se tornem conscientes, conferindo forma e significado aos conteúdos inconscientes (Jung, 2003), na medida em que o ouvinte, contador, ou ambos estejam envolvidos pela atmosfera do ambiente. Contar histórias, portanto, serve como veículos para expressar essas imagens arquetípicas, oferecendo ao ouvinte um modo de explorar e ressignificar experiências internas. Colaboradora próxima de Jung, Von Franz aprofundou-se no estudo dos contos de fadas e mitos, destacando seu valor psicológico. Ela argumentava que os contos de fadas são expressões puras dos arquétipos do inconsciente coletivo (Von Franz, 2008). Ao contar, histórias, especialmente contos de fadas, estamos, de fato, trazendo à tona essas imagens arquetípicas que possuem significados simbólicos profundos, na perspectiva de Von Franz (1990);

Contos de fada são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. [...] Eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa. Nesta forma pura, as imagens arquetípicas fornecem-nos as melhores pistas para compreensão dos processos que se passam na psique coletiva. Nos mitos, lendas ou qualquer outro material mitológico mais elaborado, atingimos as estruturas básicas da psique humana através de uma exposição do material cultural. Mas nos contos de fada existe um material cultural consciente muito menos específico e, conseqüentemente, eles espelham mais claramente as estruturas básicas da psique (p.9).

Von Franz (2008), acreditava que essas narrativas oferecem revelações valiosas sobre os processos de individuação, o desenvolvimento da personalidade e integração dos diversos aspectos do SELF, que é a totalidade psíquica de um indivíduo e o centro regulador do inconsciente coletivo. Nos contos de fadas, o herói enfrenta desafios semelhantes aos que encontramos na vida humana, o que nos faz sentir profundamente envolvidos pela narrativa. Ao ouvir um conto e atraídos por um contexto lúdico, temos a possibilidade de entrar em contato com conteúdos inconscientes e ter um envolvimento emocional com a narrativa e com o contexto, formando um campo relacional no qual encontramos conforto e somos levados a refletir não apenas sobre a história em si, mas

também sobre nossas próprias questões pessoais . Como afirma Von Franz (1990, p. 112), “o herói, depois de um esforço árduo, orienta-se e ganha firmeza e autoconhecimento, valores que desenvolve através do esforço de se tornar consciente no processo de individuação”, nesse sentido, a trajetória do herói é uma referência do como o personagem conquista sua plenitude, também lidando com sua sombra, fragilidades e emoção. Assim, as narrativas despertam a nossa imaginação e nos ajudam a acessar o inconsciente coletivo, onde se encontram os arquétipos que norteiam nossas experiências, nos encorajando também a lidar com nossas sombras e a reconhecer as personas que habitam nosso ego. Essa conexão simbólica entre o herói do conto e nossa própria jornada de vida pode oferecer percepções valiosas e promover o autoconhecimento e a transformação pessoal.

Em uma pesquisa que explorou a contação de histórias no contexto do envelhecimento, ao longo de 2 anos, seguindo uma proposta de observação participativa, verificou-se que a narrativa oral desempenha um papel significativo na socialização dos idosos, facilitando a elaboração de questões emocionais há muito adormecidas (Abate, 2014). Através do poder das histórias, os participantes puderam revisitar memórias e experiências, o que contribuiu não apenas para a reconexão com o outro, mas também para um profundo processo de autoconhecimento. Essa prática mostrou-se uma proposta valiosa para promover a individuação, permitindo que os indivíduos integrassem aspectos de sua história pessoal, enriquecendo a compreensão de si mesmos e de sua trajetória de vida. A autora embasou sua análise na psicologia analítica e salientou que na prática da contação de histórias, o contador atua como um mediador entre o inconsciente coletivo e o ouvinte. Por meio das narrativas, os ouvintes são levados a um estado onde podem se conectar com os símbolos universais, permitindo uma ressonância profunda entre suas experiências pessoais e os temas arquetípicos da história. Este processo pode ser terapêutico, enquanto os participantes estejam envolvidos emocionalmente na narrativa, ajudando-os a confrontar e integrar aspectos reprimidos ou desconhecidos de sua psique ao longo de toda a vida (Abate, 2014).

Um estudo publicado na Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, intitulado “Elaboração das vivências psíquicas: o papel da literatura” (Rodrigues; Moreira, 2017), teve como proposta avaliar como as obras literárias impactam nas vivências psíquicas, tanto do autor quanto do leitor. As autoras realizaram uma análise fundamentada na psicologia analítica e na literatura, concentrando-se principalmente no

processo criativo em vez da interpretação. Examinaram como diversos textos (poemas, letras de músicas e livros) de diferentes épocas podem refletir os conflitos emergentes do inconsciente do autor assim como contribuir para a individuação do leitor. Rodrigues e Moreira (2017) ressaltam que “A obra de arte tem a capacidade de se comunicar com os dramas conscientes e inconscientes daqueles que a admiram, possibilitando também a estes uma imersão em seus mundos internos” (p. 66).

As histórias, portanto, são como espelhos da alma, que refletem as lutas, desejos, medos e aspirações humanas. Os contos de fadas são receptáculos para conteúdos inconscientes. Elas se disponibilizam aos ouvintes para que possam reconhecer suas próprias jornadas internas e externas nos relatos dos heróis, vilões e seres mágicos. A natureza simbólica das histórias permite que cada ouvinte encontre significados diferentes nas narrativas, correspondendo às suas próprias necessidades e contextos pessoais, movidos pela atmosfera da contação de histórias. Nessa perspectiva, Rodrigues e Moreira (2017, p. 66), sugerem que “Uma vez que a obra simbólica tem significados passíveis de interpretação, seu significado afeta diferentemente cada um dos seus leitores, dependendo do inconsciente e do contexto em que está inserido cada indivíduo”.

Na formação docente, Osteto e Seixas (2021), priorizaram a formação estética, mediada por linguagens artístico-expressivas, buscando proporcionar momentos de fluidez. A pesquisa/formação envolveu professoras da educação infantil em 10 encontros, nos quais as participantes puderam dialogar com a arte e outros dispositivos culturais. Foram explorados, entre outros aspectos, a leitura e a escrita criativa, com o objetivo de “aproximar consciente e inconsciente, cultivar e agregar outras forças que influenciam a ação humana, integrar pensamento e sensibilidade, poesia e saber científico” (Osteto; Seixas, 2021, p.1-22). As autoras reconhecem que, sob a perspectiva da psicologia analítica junguiana, este é o solo fértil para o desenvolvimento dos processos de autoconhecimento e a busca pela individuação. Elas ainda acrescentam que, “Na jornada de formação, reconhecer e acolher as vozes que nos habitam inaugura um movimento vital para a ampliação da consciência de si e do mundo, para a expansão da potência criadora, para o refinamento da dimensão estética, pela qual tecemos sentidos e alimentamos sensibilidades” (Osteto; Seixas, 2021, p. 6).

Nessa perspectiva, a formação docente torna-se fundamental ao longo da prática pedagógica, especialmente quando se foca no autoconhecimento, que é o diferencial que define um educador. Em um estudo teórico realizado por Laufer (2022), a autora propõe

uma reflexão sobre a educação voltada para a formação da personalidade, tomando como referência a obra “*O desenvolvimento da personalidade*”, de Jung (1875 - 1961). Neste trabalho, Jung aborda três formas distintas de educação: a educação pelo exemplo, que ocorre de forma espontânea e inconsciente; a educação coletiva, desenvolvida por meio de regras, princípios e métodos; e a educação individual, que foca na natureza específica de cada indivíduo. Laufer relata que, embora Jung não tenha se dedicado diretamente à educação no sentido de desenvolver métodos educativos formais, ele, como terapeuta, apresentou uma abordagem voltada para a formação da personalidade. Sua obra não se limita ao estudo do funcionamento psíquico do adulto ou às questões de individuação; ela vai além, oferecendo bases teóricas que enriqueceram diversas áreas do conhecimento. Entre essas contribuições, destacam-se as reflexões sobre a relevância de sua Psicologia para o campo educacional (Laufer, 2022).

Para Jung (*apud* Laufer, 2022), a formação do educador é fundamental, pois ele atua como um modelo vivo para o educando. Jung enfatiza que a criança, com sua sensibilidade aguçada, é capaz de captar as inconsistências e limitações do adulto, o que torna ainda mais necessário que o educador esteja em um processo contínuo de autodesenvolvimento e autoconhecimento. Assim, o educador não apenas transmite conhecimento, mas também personifica os valores e princípios que deseja transmitir, influenciando profundamente o desenvolvimento da personalidade e da psique da criança (Laufer, 2022). A autora destaca que as reflexões de Jung indicam dois elementos fundamentais: em primeiro lugar, a importância de que o educador, também passe por um processo constante de educação; em segundo, a noção de que o caminho para a formação da personalidade é repleto de peculiaridades e desafios (Laufer, 2022, p. 109).

Assim, o contínuo aprendizado do educador em direção ao autoconhecimento é fundamental para a prática pedagógica. Como expressa Jung;

[...] aquilo que atua não é o que o educador ensina mediante palavras, mas aquilo que ele *verdadeiramente é*. Todo educador, no sentido mais amplo do termo, deveria propor-se sempre de novo a pergunta essencial: se ele procura realizar em si mesmo e em sua vida, do modo melhor possível e de acordo com sua consciência, tudo aquilo que ensina. Na psicoterapia tivemos de reconhecer que em última instância não é a ciência nem a técnica que tem efeito curativo, mas somente a personalidade; o mesmo acontece na educação: ela pressupõe a *educação de si mesmo* (Jung, 2006, p.126).

As pesquisas atuais sobre a contação de histórias nos oferecem experiências que ajudam a entender que, na perspectiva da psicologia analítica, a literatura, a experiência

estética e a contação de histórias são práticas ricas e podem promover a transformação. São práticas que estão “além das diferenças culturais e raciais, podendo assim; migrar facilmente de um país para outro” (Von Franz, 1990, p. 25). Nessa linha, a contação de histórias não apenas entretém ou contribui para o aprendizado, mas também proporciona um caminho para a exploração e compreensão profunda da psique humana, o que pode facilitar o processo de individuação e promover a integração de aspectos ainda ocultos no inconsciente. Dessa interação, emergem novas situações ou estados de consciência, mediados pela função transcendente, que abre espaço para uma nova compreensão ou atitude. Esse processo é semelhante a outras práticas simbólicas, como a contação de histórias, que permite ao inconsciente se expressar por meio de símbolos e imagens, facilitando uma integração mais profunda entre diferentes aspectos da psique. Na concepção de Von Franz (1990), individuar-se é tornar-se mais uno, ao mesmo tempo, que se torna mais humano.

Em síntese, por meio das histórias, somos convidados a uma jornada interior, onde podemos descobrir e confrontar os arquétipos que moldam nossas vidas e experiências, a partir de um contexto lúdico e um envolvimento mais profundo e consciente com a narrativa, restabelecendo-nos e nos aprofundando em nossa humanidade. Jung e Von Franz ressaltam que essas narrativas simbólicas têm o poder de revelar aspectos ocultos da psique, permitindo que, ao reconhecê-los, possamos integrar e harmonizar diferentes particularidades em nosso ser e nos proporcionar um caminho possível para o autoconhecimento e para um gradativo processo de individuação ao longo de nossa existência.

## **5 METODOLOGIA DA PESQUISA EMPÍRICA**

Este capítulo trata dos fundamentos metodológicos do estudo, sendo apresentada a caracterização da pesquisa, o lócus e os participantes, assim como as fases de desenvolvimento da pesquisa empírica, os instrumentos, os procedimentos de coleta de dados e os procedimentos de análise dos resultados.

### **5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

Como já exposto, esta tese tem o objetivo de compreender como ocorre o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade em professores da educação infantil e anos iniciais a partir da prática de contação de histórias.

Considerando o objetivo, a especificidade do tema e os poucos estudos encontrados, optou-se pela pesquisa de enfoque misto, qualitativo e quantitativo, com o propósito de explorar e contextualizar o processo de desenvolvimento individual de cada participante, concentrando maior ênfase na pesquisa qualitativa por considerar que os instrumentos estejam mais voltados para essa categoria. O método misto, segundo Hernández Sampieri e Mendonza (2013), propõe a obtenção e análise de dados tanto quantitativos quanto qualitativos, integrando-os e discutindo-os conjuntamente. O objetivo é extrair conclusões a partir de todas as informações coletadas, permitindo uma compreensão mais abrangente do fenômeno estudado.

Os dados qualitativos da pesquisa serão obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas no início e ao final da proposta de intervenção, e das anotações dos diários de campo. Já os dados quantitativos da pesquisa serão obtidos por meio da Escala de Personalidade Criativa – EPC (Garcês et al., 2014), aplicada antes e após a proposta de intervenção. Tem-se a intenção de realizar uma triangulação entre os resultados obtidos para melhor identificar e compreender o fenômeno estudado em amplitude e profundidade (Hernández Sampieri; Mendonza, 2013).

Quanto à natureza, o estudo se caracteriza como exploratório, uma vez que, ainda que esse tema tenha iniciado na comunidade acadêmica, percebe-se a necessidade de estudos mais focados no desenvolvimento do conhecimento de si mesmo e da criatividade na formação de professoras (es) a partir da prática da contação de histórias. Considerando Hernández Sampieri et al. (2013), os estudos exploratórios nos possibilitam uma aproximação com os fenômenos, ampliando e aprofundando um contexto específico, “pesquisar novos problemas, identificar conceitos ou variáveis promissoras, estabelecer prioridades para pesquisas futuras ou sugerir afirmações e postulados (p. 101).

Olhando para o estado da arte, o estudo também terá como desenho a pesquisa-intervenção por envolver um curso de extensão, que será realizado como meio de preparar as professoras (es) para a prática da contação de histórias. Esse tipo de abordagem “compreende tanto a ação do pesquisador para a produção do conhecimento como também a ação do pesquisador enquanto aquele que intervém sobre os indivíduos” (Spinillo; Lautert, 2008, p. 294). Damiani et al. (2013, p. 58) consideram a pesquisa-

intervenção um estudo que envolve “planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências”. Pesquisas da área da psicologia também defendem as pesquisas-intervenção por compreender que estas “atuam como fator gerador de mudanças, propiciando o desenvolvimento” (Spinillo; Lautert, 2008, p. 294).

## 5.2 CONTEXTO DE PESQUISA E PARTICIPANTES

O estudo buscou compreender como ocorre o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade em professores da educação infantil e anos iniciais a partir da prática de contação de histórias. Para tanto, optou-se por ofertar um curso de extensão para professoras (es) da educação infantil e anos iniciais, realizado no campus de uma universidade do Paraná, tendo sido o principal contexto para o desenvolvimento desta pesquisa (APÊNDICE 5).

Para o curso de extensão, ofertou-se 40 vagas e foram programados 08 encontros com carga horária total de 32 horas, distribuídas em encontros presenciais ao longo do segundo semestre de 2023. As aulas foram previamente agendadas pelas pesquisadoras por e-mail ou por *Whatsapp*, após a obtenção da lista de participantes interessados e ministradas no campus da Universidade.

O curso de extensão em contação de histórias foi divulgado nas páginas da Universidade, *Whatsapp* para grupos de professores após aprovação do comitê setorial de extensão, e disponibilizado um formulário (Google Forms) para inscrição. Aos interessados, foi enviado um questionário inicial (Apêndice A), o qual foi analisado pelas pesquisadoras conforme os critérios de elegibilidade. Todos que atenderam aos pré-requisitos foram convocados e receberam um cronograma com as datas, horários e local das aulas. Inicialmente se inscreveram 40 pessoas, mas foram convocados 32 participantes para o curso, considerando os critérios de elegibilidade estabelecidos nas divulgações. No primeiro dia, compareceram 23, a partir do segundo encontro somente 19, e, concluíram o curso, 14 participantes, considerando os 75% de presença e a realização das atividades solicitadas. No decorrer do curso, entre uma aula e outra, às professoras (es) foram estimuladas (os) a praticar a contação de histórias em seu ambiente de trabalho e tiveram que apresentar um breve relato (diário) acerca do desenvolvimento

da prática. Os profissionais que ministraram o curso de extensão são especialistas, mestres ou doutores em sua expertise.

Os integrantes da pesquisa foram oriundos do curso de extensão em contação de histórias, entretanto, considerou-se elegíveis, professoras (es) da educação infantil e anos iniciais que atuavam em escolas, pública ou privada, independente do gênero, idade, etnia ou religião; professoras (es) que não utilizavam a contação de histórias em sua rotina de trabalho, aqueles que não tinham participado de nenhum curso nessa modalidade e que cumpriram todas as etapas do processo, sendo elas: questionário inicial, entrevista inicial, questionário de criatividade, participação em pelo menos 75% das aulas ministradas no curso de extensão, realização e apresentação das atividades propostas, questionário final, questionário de criatividade e entrevista final. Não foram incluídos aqueles participantes que, ao longo da pesquisa, tiveram qualquer contratempo que os impossibilitou de continuar, bem como aqueles que decidiram não mais dar continuidade ou que não concordaram em assinar o TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 7). Tratou-se de uma amostra intencional que exemplificou um grupo que pôde contribuir com o problema de pesquisa (Creswell, 2014, p.122).

O estudo teve um total de 10 participantes, sendo 08 professoras da educação infantil, 5 de escolas públicas (duas estavam como estagiárias), e 03 de escolas privadas (uma estagiária), 01 professor da educação infantil que atuava em escola privada e 1 professor dos anos iniciais do ensino fundamental que atuava em escola pública. A formação dos participantes é em Pedagogia, sendo que três estavam cursando o último ano da graduação, e um dos professores graduou-se em educação física. A idade dos participantes oscilou entre 24 e 63 anos, com tempo de experiência na área da educação entre 6 meses e 10 anos. Como os participantes constituem um grupo misto de professoras e professores, doravante trataremos todas (os) como participantes ou professores.

Os participantes tiveram a oportunidade de participar de uma pesquisa, podendo refletir sobre a sua formação e a prática de contação de histórias ao longo do processo de coleta de dados. Três professores, que participaram integralmente do curso, não se interessaram em contribuir com a pesquisa, mas também tiveram o benefício pessoal em adquirir conhecimento e se desenvolver na prática da contação de histórias ao longo do curso, podendo esta ser uma ferramenta útil em seu fazer pedagógico, tendo a possibilidade de compartilhar com seus alunos de forma leve, segura e descontraída, histórias que possam despertar neles o interesse pela leitura.

Apesar dos benefícios esperados com essa pesquisa poderem não ser percebidos imediatamente, os resultados poderão, no futuro, permitir compreender a importância da preparação do professor como contador de histórias e esta modalidade poderá então fazer parte de projetos de formação continuada. Poderá ainda contribuir para auxiliar as políticas públicas relacionadas à educação, que possam vir a desenvolver ações de formação de professores ou até mesmo ofertar na formação inicial dos pedagogos disciplinas obrigatórias relacionadas à contação de histórias, o que poderá fortalecer o letramento literário de professores da educação infantil e anos iniciais.

### 5.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como já mencionado, os participantes foram oriundos do curso de extensão. As pesquisadoras fizeram, ao final da primeira aula, uma breve explanação e convite para o projeto e deixaram claro que aqueles que não tivessem interesse em participar da pesquisa continuariam como alunos do curso de extensão sem nenhum prejuízo. Foi disponibilizado um link por e-mail ou *Whatsapp* de cada participante para que fosse acessado o formulário de inscrição (Google Forms), no qual havia explicações mais detalhadas do projeto de pesquisa, tendo a liberdade para se inscrever ou não. Havia a intenção de obter para a pesquisa 15 participantes, porém tivemos somente 11 pessoas que aceitaram participar do projeto. Como medida de proteção, os professores que se inscreveram foram instruídos na primeira entrevista on-line, agendada previamente, quanto à pesquisa, ao comprometimento necessário para a participação e aos procedimentos da pesquisa, e, posteriormente, foi colhida a assinatura no TCLE (APÊNDICE 7). Nesse momento, também foram informados sobre o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD), como funciona, seu endereço e telefone, e avisados de que poderiam entrar em contato em horários específicos para sanarem dúvidas sobre seus direitos como participantes de pesquisa. A pesquisadora se colocou disponível para conversar pessoalmente e em ambiente reservado a fim de esclarecer qualquer dúvida do participante. A(s) pesquisadora(s), asseguraram o caráter anônimo dos participantes da pesquisa e a proteção de suas identidades. Cada participante recebeu uma via do TCLE assinada e rubricada por ele e pelas pesquisadoras na primeira entrevista.

O tipo de risco mais provável em uma pesquisa desta natureza seria a possibilidade de exposição de informações pessoais e profissionais em que o professor pudesse se sentir constrangido, principalmente, na entrevista, em relação às perguntas referentes ao seu autoconhecimento e criatividade ou durante a participação no curso ao se expor perante o grupo. Apesar deste risco ser possível, o curso transcorreu com tranquilidade e os participantes do projeto também se sentiram à vontade, não tendo ocorrido nenhum contratempo.

Para a coleta de dados foram utilizados os instrumentos e procedimentos de estudo empíricos, descritos no QUADRO 2, que estão em concordância com os objetivos específicos.

QUADRO 2: OBJETIVOS ESPECÍFICOS E OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INSTRUMENTOS
Identificar a contação de histórias na formação continuada como possibilidade de desenvolver a criatividade e o autoconhecimento	Revisão de literatura
Reconhecer a produção científica sobre contação de histórias e criatividade no Brasil a partir de revisão integrativa	Revisão integrativa
Compreender a contação de histórias e o autoconhecimento no desenvolvimento humano a partir da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung	Revisão de literatura
Avaliar o processo de desenvolvimento da criatividade antes e após a participação em um curso de formação e prática de contação de histórias	Escala de Personalidade Criativa
Analisar o desenvolvimento do autoconhecimento de professores da educação infantil e anos iniciais antes e após a participação em curso de formação e prática de contação de histórias.	Questionário inicial e final, entrevista inicial e final, diário de campo.

FONTE: Abate; Stoltz (2024).

Inicialmente foi solicitado o preenchimento de um questionário (Apêndice 1) para compreender como os participantes se relacionam com a prática de contação de histórias. O questionário conta com nove perguntas sobre os interesses e a experiência dos professores com a contação de histórias. Busca identificar o que os professores pensam sobre ouvir e contar histórias, no sentido do desenvolvimento da criatividade e de ajudar a pensar sobre si mesmo. Esse material foi encaminhado para preenchimento no ato da inscrição para o projeto de pesquisa. Posteriormente, foi realizada individualmente uma entrevista semiestruturada (Apêndice 3), para conhecer mais profundamente o interesse dos professores em relação à contação de histórias e suas expectativas e, ao final da entrevista, foi solicitado o preenchimento do questionário de criatividade. Os

participantes fizeram uso da prática de contação de histórias por 3 meses e, após esse período, na semana seguinte ao término das aulas, foi encaminhado o questionário final (Apêndice 2) para preenchimento, que tratou sobre a experiência vivida na contação de histórias, e, agendada a entrevista final (Apêndice 4), onde foi abordado o trabalho desenvolvido pelos professores com a contação de histórias; se, e como o desdobramento dessa atividade relaciona-se ao autoconhecimento e à criatividade do professor, e, ao final da entrevista, solicitou-se o preenchimento do questionário de criatividade. O diálogo amplo e aberto motivado pelas questões da entrevista relacionadas ao autoconhecimento possibilitou compreender o pensamento e o sentimento que foram expostos pelos participantes, registrando de forma precisa as suas ideias e posições. Considerando a proposta de Sampieri et al. (2013, p. 426), as entrevistas semiestruturadas “se baseiam em um roteiro de assuntos ou perguntas em que o entrevistador tem a liberdade de fazer outras perguntas para precisar conceitos ou obter mais informações sobre os temas desejados”, buscando um aprofundamento com relação ao tema proposto.

O diálogo com os participantes foi conduzido a partir da entrevista no Método Clínico (Delval, 2002), possibilitando uma entrevista aberta com a intenção de obtermos informações claras e profundas acerca de suas ideias e ações, partindo de “um núcleo inicial de problema que vai se abrindo e ampliando para seguir o curso das condutas ou explicações do sujeito [...] gera uma quantidade de informações relevantes e permite aprofundar em aspectos desconhecidos do pensamento do sujeito” (Delval, 2002, p. 35-50).

O registro das entrevistas foi feito por gravação em áudio com a aprovação dos participantes e depois transcrito em *word* para análise. Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo, físico e digital, sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora principal, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. A pesquisadora não manterá nenhuma informação que identifique os participantes da pesquisa. Serão utilizadas letras para identificar os participantes.

Para avaliar o processo de desenvolvimento da criatividade antes e após a participação em um curso de formação e a prática da contação de histórias foi utilizada a Escala de Personalidade Criativa – EPC (Garcês et al., 2014), por se tratar de uma escala breve e validada, constituída de 49 itens, avaliados numa escala tipo Likert de 5 pontos (de 1= discordo totalmente a 5 = concordo totalmente), que se propõe a avaliar a pessoa ou personalidade criativa. Considera-se que quanto mais próximo de 5 o valor atribuído,

maior é a qualidade de características de uma personalidade criativa. Essa escala é derivada da Escala de Estilos de Pensar e Criar, constituída de 100 itens, desenvolvida e validada no Brasil pela pesquisadora Wechsler (2006), cuja validação venceu em 31/12/2022. A intenção de utilizar esse instrumento de avaliação foi para termos um marcador quantitativo a fim de relacioná-lo aos dados qualitativos que serão observados no diário de campo e nas entrevistas, inicial e final, uma vez que temos a hipótese de que a criatividade pode ser desenvolvida a partir da prática da contação de histórias.

A coleta de dados foi realizada de modo on-line, as entrevistas e a aplicação dos questionários foram realizados individualmente, por meio do link <https://bbb.c3sl.ufpr.br/b/niv-mvi-lgb-kp7>, em horário agendado, considerando a disponibilidade do participante. O link utilizado para a pesquisa é de uso permanente e pessoal, destinado às reuniões realizadas pela pesquisadora principal, evitando a exposição do participante.

#### 5.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O processo de análise dos dados coletados está fundamentado no que propõe Creswell (2010, p. 218 - 219) no que diz respeito à preparação das informações, pois inicialmente temos os dados brutos que foram lidos em sua totalidade para ter uma ideia geral do conteúdo coletado e refletir sobre o significado geral.

A organização do material foi cuidadosamente preparada, considerando que após o término de todas as entrevistas, ao final do curso de formação, como já mencionado, foi feita a transcrição dos áudios para o Word. Na sequência, foi realizada uma primeira leitura de todo o material coletado, entrevistas e diário de campo, para compreender a totalidade do conteúdo a ser analisado. Em seguida, foi elaborada uma tabela com os temas explorados nas entrevistas, nos questionários e nas anotações do diário de campo, a fim de agrupar as respostas de todas (os) as (os) participantes. Uma análise mais detalhada foi realizada por meio de uma categorização, ou seja, uma listagem de códigos, temas ou categorias que emergiram dos dados para depois atribuir uma inter-relação com a descrição e a futura interpretação do significado.

Os dados da Escala de Personalidade Criativa foram analisados de forma quantitativa, utilizando o programa estatístico SPSS, versão 21, onde foram realizadas: análise de confiabilidade pelo alfa de Cronbach (1951); análise descritiva dos fatores

Inconformista Transformador, Emocional Intuitivo, Relacional Divergente, Independência de Julgamento e Lógico Objetivo; Teste de Correlação de Spearman; Teste T-Test de Student; Independent Samples Test. Os testes foram realizados antes e após a intervenção e a prática de contação de histórias. Os resultados foram discutidos considerando a literatura sobre o assunto e os outros dados obtidos pelos demais instrumentos de coleta. A validação dos dados será realizada por meio de triangulação dos resultados obtidos nos questionários, entrevistas, diário de campo e teste de criatividade, conforme proposto por Creswell (2010, p 234).

A discussão dos resultados levará em consideração tanto a pesquisa contemporânea sobre o tema quanto o aporte teórico da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Será construído um diálogo entre as teorias citadas com o propósito de discutir uma formação que compreenda não só o conhecimento teórico e prático, mas ocupe-se também do autoconhecimento e do desenvolvimento da criatividade de professores.

## 5.5 COMITÊ DE ÉTICA

O projeto e os procedimentos de coleta de dados seguiram todas as exigências da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo executados após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres, parecer CEP/SD-PB. Nº 6.214.473, CAEE 69329323.1.0000.0102 (APÊNDICE 6).

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 6.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os resultados das entrevistas e discutir o desenvolvimento do autoconhecimento de professores da educação infantil e anos iniciais antes e após a participação em curso de formação em contação de histórias. Os participantes deste projeto de pesquisa são oriundos do curso de formação de contadores de histórias, tendo este sido um pré-requisito para participar do estudo.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais no formato online, agendadas entre a primeira e a segunda aula do curso e, ao final do curso,

utilizando o método fenomenológico. As entrevistas foram gravadas e transcritas em sua totalidade, sendo revisadas a partir da escuta dos áudios e analisadas após leituras flutuantes, o que permitiu identificar um conjunto de declarações significativas. Essas declarações foram organizadas por temas ou unidades de significado, com o objetivo de descrever a essência do fenômeno. A identificação dos temas considerou a relevância, regularidade e similaridade entre as falas dos participantes (Creswell, 2010). Com o objetivo de preservar o anonimato, os participantes foram identificados por letras.

A participação foi voluntária e todos responderam às questões com motivação, entendendo e valorizando a importância deste estudo para a área da educação. Mostraram-se interessados no aprendizado e consideraram que esse conhecimento lhes daria a oportunidade de trabalhar com a contação de histórias nas escolas em que atuam. Poucos já realizavam a prática da contação de histórias, a grande maioria desenvolvia a leitura dos livros e acreditavam que estavam fazendo contação. Observou-se, ao longo do processo, que os professores possuíam pouco ou nenhum conhecimento a respeito da contação de histórias na educação infantil e anos iniciais, não tendo recebido nenhuma formação básica para utilizar essa ferramenta de trabalho, chegando a ter um entendimento equivocado dessa prática. Após o primeiro e segundo encontros já tiveram esclarecimentos que os ajudaram a compreender como acontece uma roda de histórias e como se preparar para ser um contador que encante e que contribua para o desenvolvimento de seus ouvintes, uma vez que é por meio da oralidade que as crianças iniciam o processo de aprendizagem, tanto como leitores quanto como escritores. Como argumenta Cosson (2014, p. 131), as práticas relacionadas ao aprendizado da literatura, “ultrapassam o mero exercício da leitura para funcionar como um meio de desenvolver a competência literária do leitor, proporcionando uma experiência singular com a palavra”.

Foram observadas várias semelhanças nos interesses dos participantes que ajudam a entender as principais motivações que os levaram a se inscrever no projeto de contação de histórias. A busca pelo desenvolvimento de habilidades pessoais, como superar a timidez ou melhorar a fluência verbal e a confiança ao falar em público e como possibilidade de aperfeiçoamento profissional. A participante B destacou sua dificuldade em falar em público e viu o projeto como uma oportunidade de desenvolver essa habilidade, principalmente com os adultos, sente-se mais à vontade com as crianças. A professora G explicou que lia para as crianças do CMEI onde trabalha, mas não contava histórias sem a utilização do livro e tinha a intenção de aprender técnicas para introduzir

a narrativa oral em sua prática diária. Já, as participantes C e E costumavam contar histórias, mas queriam se instrumentalizar para propiciar às crianças uma experiência mais enriquecedora, e para que elas pudessem manter a atenção mais concentrada, pois percebiam que os alunos estavam cada vez mais ansiosos e irrequietos. Alguns professores buscavam associar a formação continuada também com o propósito de encontrar satisfação pessoal, pois traziam um vínculo forte com as histórias, seja por experiências de infância, familiares ou o gosto pela literatura. Foi possível observar essas informações nas respostas do participante F quando relatou que começou a contar histórias para o filho, o que despertou seu interesse pelos contos de fadas que não conhecia até aquele momento, pois seus pais não contaram histórias durante a sua infância e desejava se aprofundar mais no assunto. Em contrapartida, a participante I mencionou como as histórias foram fundamentais em sua alfabetização, contou que ouvia histórias desde pequena e isso fez com que se tornasse uma leitora apaixonada pela literatura de modo geral.

Considerando as declarações foi percebido que o interesse pela contação de histórias não está relacionado somente ao desejo de realizar um bom trabalho com os alunos, mas também vai ao encontro de interesses e gostos pessoais do professor pela narrativa oral, com a intenção de um desenvolvimento, tanto pessoal quanto profissional. Jung nos fala da importância da autoeducação do professor, uma vez que “a educação do próprio professor [...], reverterá indiretamente em benefício das crianças. (Jung, 2006, p. 84). Nesse sentido, o contato com a literatura por meio da contação de histórias possibilita tanto à criança quanto ao professor explorar e construir novos saberes que vão além dos muros da escola, incorporando novos conhecimentos que os ajudarão a lidar com questões pessoais e coletivas, compreendendo quem somos e para que estamos aqui, aspectos que nos aproximam do autoconhecimento. Cosson (2006) nos diz:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos (p. 17).

Uma expectativa observada entre os entrevistados em relação ao curso de formação é a de adquirir técnica e experiência prática de contar histórias, tornando as

narrativas mais interessantes, com temas variados e conteúdo que possibilite o desenvolvimento das crianças. A participante J mencionou o desejo de ser uma ótima contadora de histórias, encantar as pessoas e levar para seus alunos momentos de alegria a fim de ampliar o repertório de conhecimento, aguçar a curiosidade e facilitar a aprendizagem. Alguns professores mencionaram a intenção de se aproximar dos alunos, utilizar a narrativa como possibilidade de ajudá-los a compreender questões mais complexas e delicadas da vida. Foi citado o interesse de trabalhar o bullying, opiniões contrárias e a diversidade, assim como o respeito entre os colegas e professores, tornando o ambiente escolar mais prazeroso e participativo. A declaração de G menciona “mudança de postura, de como escolher um livro e como falar com a criança”, enquanto a participante J deseja “prender a atenção, porque às vezes a gente vai contar uma história no CMEI e as crianças ficam dispersas”. Outra expectativa mencionada está voltada para a troca de experiências com outros contadores, aprender a partir de diferentes pontos de vista e interpretações, ressignificar a história contada ou ouvida, é a intenção da participante I, que está no início da carreira pedagógica. Duas participantes relataram o desejo de aprender sobre os significados das histórias, buscando um aprofundamento como forma de aprimorar suas narrativas e se desenvolver como contador e educador. A participante B deseja “Entender os arquétipos, a mensagem, a moralidade das histórias e como isso atua em nós como professores” e a professora I falou da importância de “Ver até onde a gente está certo ou não, dá pra gente ressignificar as histórias”. Outros tem a expectativa de usar a contação de histórias como uma forma de contribuir para a comunidade, seja através do voluntariado ou nas escolas onde atuam levando alegria e conhecimento literário para o ambiente escolar. A professora B diz “Tenho um desejo muito grande de ser voluntária na contação de histórias”, a professora H menciona “Gostaria de contar histórias em um orfanato, em um cantinho de idosos, levar uma ajuda com as histórias” e a professora K relata “Quando eu contar uma história, quero que as pessoas se sintam felizes, quero passar isso para os outros, por que é assim que me sinto quando conto ou ouço uma história”. Observamos que há uma ânsia por conhecimento que vai além do aprendizado obtido na graduação, indo ao encontro da importância de uma formação constante, a qual deve acompanhar o professor ao longo de sua carreira. Entrar em contato com a literatura a partir da prática da contação de histórias “é essencial não apenas para a formação do leitor, mas para formação do ser humano que é a razão maior de toda educação – é sobre essa formação, em última instância, que trata a tradição

do ensino da literatura” (Cosson, 2014, p. 67). Nessa perspectiva, Jung salientou que “ninguém conseguirá educar os outros, sem antes educar a si próprio; do mesmo modo, ninguém atingirá o amadurecimento pessoal sem a conscientização prévia” (Jung, 2006, p. 12).

Há um consenso sobre a importância do apoio e incentivo da equipe pedagógica, principalmente dos gestores, na implementação da prática da contação de histórias, sendo mais fácil integrar essa atividade às rotinas diárias. A professora H destacou “o apoio da diretora e da coordenadora pedagógica, que promovem e incentivam essa prática, tanto na rotina diária com as crianças, quanto em eventos, datas comemorativas e reunião com os pais”. A participante I também mencionou que essa “é uma prática comum na escola e incentivada por toda a equipe pedagógica, apesar de não termos uma preparação mais técnica para desenvolver essa atividade, cada professora busca se desenvolver e aprender umas com as outras”. É importante o apoio dos gestores para a prática da contação de histórias no ambiente escolar, uma vez que as narrativas orais possibilitam adentrar o inconsciente por meio das imagens simbólicas contidas nos contos de fadas, favorecendo o desenvolvimento da consciência. Nas palavras de Jung, podemos observar a importância da escola nesse processo: “Pela educação e formação das crianças procuramos auxiliar este processo. A escola é apenas um meio que procura apoiar de modo apropriado o processo de formação da consciência. Sob esse aspecto, cultura é a consciência no grau mais alto possível” (Jung, 2006, p. 78).

Assim, podemos compreender a importância da contação de histórias no processo de desenvolvimento do professor, tanto em sua prática docente quanto em sua formação como indivíduo, atuando como mediador de novos conhecimentos, tanto teóricos quanto voltados para uma formação mais humana.

#### 6.1.1 Autoconhecimento a partir da prática da contação de histórias

Considerando os relatos dos participantes, foi realizada uma análise dos dados obtidos nas entrevistas, levando em conta as respostas relacionadas ao autoconhecimento e à percepção de mudanças pessoais decorrentes da prática da contação de histórias. Para a análise foram elaboradas categorias, a partir da proposta de Creswell (2010). No quadro abaixo, apresentamos o processo de análise utilizado para identificar as categorias. Na primeira coluna, apresenta-se a pergunta realizada; na segunda estão descritos os temas

abordados pelos participantes durante as entrevistas. Após a leitura de todo o material, foram listados os códigos, temas e categorias que emergiram dos dados. Na última coluna, encontram-se as categorias identificadas, que serão discutidas posteriormente.

QUADRO 3: PROCESSO DE ANÁLISE PARA IDENTIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS

<p><b>Você acha que a contação de histórias pode contribuir de alguma forma para o seu autoconhecimento?</b></p>	<p>Esses trechos mostram como os participantes relacionam a contação de histórias com o processo de autoconhecimento, refletindo sobre seu crescimento pessoal e profissional.</p> <p>B: A contação de histórias é um marco na minha vida o antes e o depois. Meu marido comentou nossa, é muito diferente ver você lendo antes e agora. Ouvir isso foi maravilhoso, saber que não sou só eu que estou percebendo essa diferença. A contação de história me fez uma pessoa mais livre, menos tímida. Quando comecei era somente para ajuda na timidez, mas foi muito além, hoje sou outra pessoa. Foi possível aprender mais, me conhecer para aprimorar o que tenho de bom.</p> <p>A: As histórias acessam com certeza a alma humana, principalmente das crianças e isso faz parte do caminhar como professor, é se importar com o seu aluno. As histórias trazem os elementos que você lida na sua psique, com os seus medos, com as suas dúvidas. Como ser humano temos um determinado trajeto para fazer na sua vida e as histórias trazem os elementos necessários para esse trajeto. Eu acho que o desenvolvimento humano é esse, continuar e persistir, as histórias alimentam muito a gente, porque elas trazem todas as dificuldades que nós também vivemos na nossa vida. Me senti mais segura para imprimir meu jeito de contar e com mais opções para trabalhar com a contação de histórias</p> <p>C: Eu descobri que eu não era uma pessoa que não gostava de ler, porque eu me colocava dessa forma, eu achava muito difícil e eu não tive uma experiência, um preparo antes para isso. Não foi algo introduzido na infância. As histórias abriram a minha cabeça (...) antes eu era muito ingênua (...) comecei a perceber, caramba como esse negócio (histórias) segura a gente, como envolve, como tem explicações que nos abrem os</p>	<p>Listagem de códigos e temas que emergiram dos dados</p> <p>- <b>Autoconhecimento:</b> as histórias podem ajudar a refletir sobre si mesmo e desenvolver a autoconsciência. (F,K,G,J,L)</p> <p>- <b>Transformação pessoal:</b> Aprendizagem, mudança de atitudes e percepção de novas oportunidades que auxiliam no autodesenvolvimento do professor. (B,C,H)</p> <p>- <b>Crescimento pessoal e motivação para enfrentar as dificuldades:</b> Trata sobre a contribuição das histórias para o desenvolvimento pessoal e disposição para enfrentar as dificuldades diárias (A).</p> <p>- <b>Empatia e compreensão do outro:</b> As histórias como possibilidade de nos ajudar a entender o outro, desenvolver a empatia e aceitar as diferenças e individualidades. (C,G,K).</p> <p>- <b>Desenvolvimento emocional e afetivo:</b> Trata da possibilidade das histórias contribuírem para a reflexão de questões emocionais e sociais,</p>	<p>A partir dos temas anteriormente identificados, foram definidas quatro categorias:</p> <p><b>Autoconhecimento e transformação pessoal:</b> Reúne os temas que contribuem para o autoconhecimento, a autorreflexão e o crescimento pessoal. Também inclui a mudança de atitude e a satisfação em visualizar novas oportunidades de desenvolvimento e a transformação pessoal. (B,C,F,G,H,I,J,K,L)</p> <p>- <b>Autoconhecimento, desenvolvimento afetivo e as relações interpessoais:</b> Trata sobre o papel das histórias no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, paciência e compreensão do outro e o impacto das narrativas em suas vidas.</p> <p>- <b>Autoconhecimento e as histórias auxiliando na relação ensino-aprendizagem:</b> Agrupa os temas que destacam o uso das histórias como uma ferramenta importante no ambiente escolar, contribuindo para o</p>
--	--	--	--

	<p>olhos para algumas coisas. Eu aprendi muito com os livros, porque eu achava que a pessoa só é ruim e acabou, porque ela quer ser, mas normalmente as pessoas têm um lado bom que escondem.</p> <p>E: A gente está sempre aprendendo, não nos comparando, mas nos identificando com as histórias, e isso é possível porque conseguimos abstrair essas informações delas. Então, ajuda a gente a se conhecer melhor, ter uma noção maior sobre nós mesmos e de que forma isso pode ser feito.</p> <p>F: Eu acho que devo muito as histórias. Depois que eu comecei a ler e a contar histórias, isso fez muito sentido na minha vida, não sentido de dar um significado, mas um bem-estar como contador. Eu observo que o professor também sai enriquecido nesse processo. Sou testemunha viva da veracidade disso [autoconhecimento pelas histórias]. Fiquei mais confiante ao entrar em contato com essa experiência.</p> <p>K: Melhora o meu autoconhecimento em primeiro lugar. Me autoconhecer com a questão de memória, mas também questões mais sociais e afetivas, a questão da paciência. Me ajuda a saber como lidar com as crianças, saber esperar o momento certo de contar uma determinada história e também até com relação as próprias reflexões. Algumas histórias são fortes e fazem você refletir, você para e diz, nossa que pesado”.</p> <p>G: Já estou me questionando, já estou procurando mudar padrões de comportamento. A gente começa a ter outro olhar, tanto para o outro quanto para nós mesmos. Possibilita mudar o que você está fazendo de errado e o que você quer. Facilita um vínculo maior com a criança do que quando você impõe, as histórias facilitam esse processo. As histórias nos ensinam a agir com igualdade, falar mais baixo, perceber outras coisas no convívio, apesar que eu nunca fui uma professora de gritar.</p> <p>J: Eu me sinto bem contribuindo para a evolução do ser humano, eu acho que a minha passagem não está sendo por um acaso, eu quero fazer a diferença na vida de alguém e na minha vida também. Eu</p>	<p>podendo impactar tanto o contador quanto o ouvinte (F,K).</p> <p><b>- Aprendizado na convivência com as crianças:</b> Reúne as habilidades para lidar com as crianças e compreender o universo infantil, criando relações positivas que auxiliam as crianças em seu desenvolvimento. (B,K,G,H).</p> <p><b>- Histórias como instrumento de ensino e afetividade nas relações:</b> Engloba a mudança de padrões de comportamento e uma relação mais afetiva no processo de ensino-aprendizagem. (B,G,J).</p> <p><b>- Desenvolvimento pessoal e profissional:</b> Abrange o desenvolvimento da comunicação, da autoconfiança e da percepção de si mesmo para a melhoria da autoestima e o crescimento profissional. (H,F,J)</p> <p><b>- Histórias como descoberta, crescimento e inspiração na resolução de problemas:</b></p> <p>Envolve o processo de aprendizagem do professor e o equilíbrio na relação interpessoal, favorecendo a comunicação e a resolução de problemas. (C,F,H,I).</p>	<p>autoconhecimento do professor e a conexão com os alunos. Enfatiza como as histórias proporcionam uma maneira mais humanizada e significativa de ensinar e aprender.</p> <p><b>Autoconhecimento, desenvolvimento profissional e enfrentamento dos desafios:</b> Trata sobre o impacto da contação de histórias no autoconhecimento do professor e o quanto contribui para o aperfeiçoamento profissional e o enfrentamento de uma rotina desafiadora. Aborda sobre a importância da comunicação, da autoconfiança e da valorização da identidade profissional, reconhecendo o fazer pedagógico como algo significativo na vida das crianças e como possibilidade de enfrentar os desafios impostos no dia a dia.</p>
--	---	--	--

	<p>acho que contar histórias é um diferencial, é uma maneira de ser diferente de ajudar os alunos também e dessa forma eu consigo me autodesenvolver, adquirir autoconhecimento.</p> <p>L: As histórias contribuem muito para o autoconhecimento, na maneira como convivemos com os outros e comigo mesmo no dia a dia. Às vezes, eu vejo que a vida pode ser muito pesada, e nós carregamos um fardo difícil, mas as histórias tornam tudo mais leve. Aprendi a ler com prazer e alegria, a viajar nas histórias. Aumentou meu desenvolvimento como pessoa e minha autoestima.</p> <p>H: Eu estou aprendendo agora, não sabia que eu amava contar histórias, de ver as crianças na expectativa. Eu sempre cresci muito sozinha, vivendo no interior e falava muito errado. Então eu vi que está me ajudando, estou me desenvolvendo, até conversar, explicar e me expressar melhor. Você acaba se desenvolvendo e procura falar direito com as crianças, e é nesse momento que também estou aprendendo. E minha autoestima fica lá em cima, com certeza. As pessoas que me viram chegar na escola já falaram, a professora “H” é superação. Consigo me expressar melhor diante de qualquer situação. Acho importante contar histórias, está fazendo parte da minha vida como projeto de conhecimento e autoajuda.</p> <p>I: Acho que a história que a gente vê que outra pessoa passou por algo parecido com o que estamos vivendo, a gente consegue ver novas formas de resolver o problema, buscar novas soluções com alguém que já passou por isso, então eu posso aprender com o erro do outro ou posso ter uma solução para o meu problema atual. A história proporciona essa evolução, será que eu gostei ou eu não, será útil na minha vida, vai me ajudar no meu cotidiano, acho válido buscarmos novas histórias e formas de enxergar o mundo. Ampliou o meu repertório e abriu caminho para reflexões tanto no âmbito profissional quanto pessoal.</p> <p>M: Foi uma experiência que abriu minha mente para a contação de histórias. Me</p>		
--	--	--	--

	<p>fez ampliar técnicas, desenvolver a criatividade e refletir sobre as minhas práticas.</p> <p>N: A contação de histórias me fez expandir o conhecimento sobre ludicidade. Me fez perceber dificuldades para que eu possa melhorar. Foi muito enriquecedor, tenho sentido mais confiança.</p> <p>O: Os contos nos acrescentam vivências diferenciadas e nos faz refletir. Mudou o meu olhar para a contação de histórias e vejo a importância de os professores olharem para os contos como um complemento para o desenvolvimento pessoal.</p>		
<p>Você já aprendeu com alguma história que tenha lido, contado ou ouvido?</p>	<p>Esses trechos mostram como os participantes relacionam aprendizados à contação de histórias, refletindo sobre seu crescimento pessoal e profissional por meio delas.</p> <p>B: Essa semana eu contei a história “Catando estrelas” para as crianças e não foi importante só pra mim, mas para os meus alunos foi muito forte também. É de grão em grão mesmo que a gente muda..., uma pequena atitude, uma pequena palavra na vida de alguém, que realmente a gente salva a vida ou o dia de alguém. Eu vejo que eles (alunos) gostam muito mais dessas histórias que traz uma pequena lição, que traz alguma coisa para a gente pensar, é o que mais prende eles, as que mais gostam. Tem sido maravilhoso, realmente um dia de cada vez, cada história é a sua. Eu tenho passado para o meu filho mais velho que já lê alguns ensinamentos da importância de ler [...] ele já começa a perceber que leu sem emoção [...] eu tenho aprendido muito, é maravilhoso ver o efeito das histórias em mim e nas crianças.</p> <p>A: Tenho aprendido, na verdade em todas as histórias eu consigo enxergar algo. Mas tem uma história para adultos que quando ouvi, era um momento em que eu estava meio pra baixo, me sentindo com baixa autoestima. Nessa época me ajudou a entender que cada um tem a sua importância. Na época, eu pensei era essa a história que eu estava precisando encontrar. Eu vejo as histórias como de extrema importância</p>	<p><b>Reflexão e aprendizado pessoal:</b> Abrange a experiência e o aprendizado dos professores com as histórias que contam, propiciando a autorreflexão e transformação pessoal. (A,B,F,E)</p> <p><b>Aquisição de habilidades para lidar com as adversidades tanto no âmbito pessoal quanto profissional:</b> Destaca como as narrativas oferecem ensinamentos, ajudando a desenvolver virtudes como humildade, cuidado, autocontrole e superação. (L,K,J)</p> <p><b>Compreensão das limitações pessoais e acolhimento das necessidades do outro:</b> Reúne a compreensão das próprias dificuldades e a empatia pelo outro, oferecendo conforto e acolhimento, respeitando as limitações pessoais. (A,C)</p>	

<p>na pedagogia que eu trabalho, mas não só nisso, as histórias, elas são uma ferramenta ainda pouco utilizada pelo tamanho do benefício que ela traz. As histórias são pra mim fundamentais, não vejo como trabalhar, acho que mesmo que eu escolhesse outra pedagogia, eu não conseguiria trabalhar sem as histórias.</p> <p>C: Tem um livro pequeno que conta a história de um senhor jardineiro e a bicharada do jardim, os bichinhos miúdos. Essa história me remete muito ao meu pai, porque ele mexia com jardim. Essa história traz uma calma na minha cabeça, porque meu pai não é uma pessoa calma. Ele é bem ao contrário, mas tem uma parte boa que é essa questão de cuidar do jardim e que a história me ajudou a pensar. Esse livro me trouxe alguma coisa boa do meu pai. Ele tenta esconder, mas aquele livro tem um lado bom que olha cabe certinho com meu pai. Ele é uma pessoa muito ruim, muito difícil de lidar, agitado. Então é difícil, é complicado lidar com ele, mas naquele livro meus filhos puderam ver o lado bom do vô.</p> <p>E: A história “A criança roubada” que foi contada me marcou, assim que ouvi fiquei bem reflexiva sobre como em momentos de fragilidade as mulheres têm muita força para buscar aquilo que é muito importante. Durante toda a história eu vi todo o sofrimento daquela mulher de procurar aquela criança e ter aquele medo de não encontrar, mas também ao mesmo tempo que ela estava fragilizada ela tinha muita coragem. Era uma vulnerabilidade com muita coragem. Então foi uma história que me tocou bastante.</p> <p>F: Já aprendi, principalmente, a confiar no caminho a ser percorrido. Caminho de superação, um caminho de confiança até uma ajuda espiritual. Acho que as histórias principalmente os contos de fada tem muito disso. Tem muitas posturas nos contos que eu acabei adquirindo depois de tanto ler contos de fada. Você acaba confiando em uma ajuda maior, principalmente em acreditar e encarar os desafios. Muitas histórias convivem como histórias de família até hoje, fazem parte do universo familiar. Elas vão com você junto para vida toda,</p>	<p><b>Imaginação e criatividade:</b> Trata sobre a oportunidade de vivenciar novas culturas e experiências a partir das histórias, favorecendo o despertar da imaginação e da criatividade. (I,J)</p> <p><b>Contar histórias como recurso pedagógico:</b> Envolve a possibilidade do uso das histórias como recurso pedagógico, não só para despertar o interesse pela literatura, auxiliar na relação ensino-aprendizagem, mas também para o fortalecimento emocional tanto dos alunos quanto do professor. (A,B,I)</p> <p><b>Autocrítica e transformação pessoal:</b> envolve a reflexão sobre si mesmo, oportunidade de vivenciar por meio das histórias novos conhecimentos que levam à autoanálise e ao crescimento pessoal. (G,J)</p>	
--	---	--

	<p>principalmente, as histórias que tem humor. Que daí é leve. Ah é fácil de lembrar, é fácil de recorrer a ela em várias situações. O humor também é importante.</p> <p>K: As histórias que mais me chamam atenção e que me levam para uma questão de aprendizado é a da Chapeuzinho Vermelho e da Branca de neve. Bate muito forte a questão da ingenuidade, agora que eu tenho meu filho, me fez pensar como eu vou poder educar para ele tomar cuidado com essa ingenuidade de abrir a porta, conversar com qualquer um e aceitar coisas de qualquer um.</p> <p>G: Eu estou lendo um livro que está mexendo bastante comigo que é “Conversando com Deus”. Traz coisas que você vai se perguntando e também tem outras perspectivas. Até o jeito de pensar e de agir. Eu pensava de uma maneira e agora penso de outra ou eu pensava de um jeito e estava certo. Eu gosto de ficar no meu cantinho, então eu faço o meu horário do almoço, daí eu pego o meu livro e começo a ler quando dá tempo porque é muito corrido. Eu acho que estar no meu cantinho me ajuda bastante, eu penso nas coisas que acontece no dia a dia, vou analisando tudo o que eu leio no livro.</p> <p>J: “O monstro das cores”, essa história falava sobre separar as suas emoções, organizar as suas emoções. E assim, eu aprendi também. Na minha vida, passei por muitos problemas e aprendi que o ser humano só consegue superar as dificuldades quando aprende a controlar as emoções. Porque, às vezes, a gente faz muita coisa no impulso. Coisas boas e coisas ruins, então a gente tem que saber controlar, tem que saber a hora de falar, de calar, saber e conhecer, reconhecer quando alguém também está com problema e a poder ajudar, isso é recente. Nesse caso foi uma contação de história que eu fiz. Sempre alguma história serve de lição e a gente se coloca ali no lugar ou é parecida com a nossa história. Você pensa assim nossa eu poderia ter tomado essa atitude, eu poderia ter feito assim, mas eu não fiz, mas daqui pra frente eu vou fazer. Ensino, conhecimento, eu nunca saí do país, mas através dos livros que eu li eu conheci muitos outros</p>		
--	--	--	--

	<p>lugares e países. Lendo um livro eu imaginava aquele lugar e eu estava lá. De certa forma eu aprendi, eu sei o que tem naquele lugar. Então é um conhecimento de várias maneiras.</p> <p>L: Eu acho que de todas as histórias a gente leva uma aprendizagem, tipo a da “A lebre e a tartaruga”, a gente tem que ser mais humilde um com o outro e ver mais o lado dos outros também.</p> <p>I: Eu gosto muito da história do Pequeno Príncipe. Essa questão de olhar e descobrir novas ideias, dar uma nova simbologia para os objetos, é que essa história chegou numa etapa da minha vida em que eu já estava no CMEI e que ironicamente se chamava Pequeno Príncipe. Eu tive o prazer de ouvir uma professora lindamente contar essa história, eu nunca tinha escutado e nem tido acesso. Eu acho tão bonito esse olhar que ele tem de criança que muitas vezes o adulto perde. O adulto com as diversas atividades, muitas vezes perde essa imaginação e eu acho que é essencial, então a gente busca olhar com carinho para as coisas e de uma forma diferente. Ainda mais na educação infantil, onde a gente precisa estar num papel de educador, e ajudar na fantasia da criança e mesmo que a gente não entenda é importante dizer nossa que bonito, que lindo. Porque eles precisam dessa fantasia, o Pequeno Príncipe ele lida muito com a imaginação e a criatividade e é algo que a gente não pode deixar, por mais que a gente fique adulto e tenha menos tempo. Até os livros adultos que eu tenho recebido, alguns tem mais ilustrações. Antigamente era tudo muito didático, eram só palavras. Eu vejo que estão investindo um pouco mais na estrutura, capa e personagens. Perdeu essa ideia de que é só leitura de palavras, é importante que o adulto também faça essa leitura de imagens.</p>		
--	--	--	--

FONTE: Abate; Stoltz (2024)

Foram identificadas quatro categorias a partir da análise dos dados: Autoconhecimento e transformação pessoal; Autoconhecimento, desenvolvimento afetivo e as relações interpessoais; Autoconhecimento e as histórias auxiliando na relação

ensino-aprendizagem; Autoconhecimento, desenvolvimento profissional e enfrentamento dos desafios.

#### **a) Autoconhecimento e transformação pessoal**

Esta categoria reúne os temas que contribuem para o autoconhecimento, a autorreflexão e o crescimento pessoal. Também inclui a mudança de atitude e a satisfação em visualizar novas oportunidades de desenvolvimento e a transformação pessoal.

A participante B declara que há um “antes e depois” em sua forma de agir, observada por si mesma e pelos que estão ao seu redor, após a utilização da contação de histórias em sua rotina de trabalho: “A contação é um marco na minha vida o antes e o depois [...] meu marido me disse ‘é muito diferente ver você lendo antes e agora’ [...] ouvir isso foi maravilhoso, saber que não sou só eu que estou percebendo essa diferença”. Ela comenta ter começado a contar histórias para melhorar a timidez e ser mais espontânea, mas percebeu que houve mudanças importantes em seu modo de ser: “A contação de história me fez uma pessoa mais livre, menos tímida [...] Hoje sou outra pessoa. Foi possível aprender mais, me conhecer para aprimorar o que tenho de bom”. Esse depoimento ressalta como a prática contribuiu para sua transformação pessoal, trazendo mais confiança e uma nova perspectiva sobre si mesmo. Jung (2006), nos fala da importância de o professor realizar, em si e em sua vida, o que deseja ensinar aos alunos. Os resultados que ele, professor, alcançar estarão relacionados ao quanto estiver envolvido na educação de si mesmo, daí a relevância da autoeducação. Só assim poderá contribuir para que os alunos se tornem adultos conscientes de si próprios.

Outro aspecto abordado por B é perceber como a prática de contar histórias contribui não só para o seu desenvolvimento, mas também dos seus alunos. Ao contar a história ‘Catando estrelas’, ela comenta que o conteúdo foi significativo tanto para ela quanto para as crianças e complementa: “É de grão em grão mesmo que a gente muda [...], uma pequena palavra na vida de alguém [...] realmente a gente salva a vida ou o dia de alguém”. Comenta o quanto percebe que seus alunos gostam das histórias: “Eu vejo que eles (alunos) gostam muito mais dessas histórias que traz uma pequena lição [...] para a gente pensar, é o que mais prende eles”. É possível perceber os benefícios que a prática diária da contação de histórias tem trazido para o seu desempenho como educadora e também para o autoconhecimento, entendendo que a transformação acontece

gradativamente. Para Jung, a educação do professor, é diferente da realizada com as crianças, pois o adulto dispõe de vontade e opiniões próprias e “de uma autoconsciência mais ou menos pronta e orientada” (Jung, 2006, p. 85). Nesse sentido, o adulto participa ativamente da sua formação, tende a ir em busca de interesses pessoais e profissionais, refletindo de forma crítica ao que lhe é apresentado, uma vez que já tem desenvolvido em si uma consciência de suas capacidades e limitações, valores e propósitos. Assim, a educação de professores deve respeitar essa autonomia, valorizar os conteúdos trazidos por estes a partir de um diálogo aberto e reflexivo, contribuindo para uma formação consciente.

O professor F também reforça a importância das histórias para o autoconhecimento, relatando que percebe em si mesmo um crescimento pessoal e espiritual: “Eu acho que devo muito as histórias [...] isso fez muito sentido pra minha vida... Sou testemunha viva da veracidade disso (autoconhecimento pelas histórias)”. Ele também observa que as histórias são uma ferramenta de superação, confiança e enfrentamento dos desafios: “Já aprendi, principalmente, a confiar no caminho a ser percorrido. Caminho de superação, um caminho de confiança até uma ajuda espiritual”. Entende que o contato com as histórias proporciona “bem-estar e enriquecimento pessoal [...] você acaba confiando em uma ajuda maior, principalmente em acreditar e encarar os desafios”. O professor F é o participante com mais idade, tem 63 anos e está em uma fase da vida em que parece ter uma percepção mais sensível de sua existência, trazendo uma dimensão simbólica para explicar aquilo que vive e que vai além da consciência que pode compreender. Considerando a psicologia analítica, o professor já passou pela metade da vida, que Jung denominou de metanoia, período em que ocorre profunda transformação de atitude, “uma mudança singular que se processa nas profundezas da alma, ocorrendo a partir da confrontação do indivíduo com o ‘envelhecer’, e conseqüentemente, com a ideia de ser finito” (Abate, 2014, p. 165). Nesse período de transição nos deparamos com as sombras que evitamos lidar ao longo da primeira fase da vida e temos a possibilidade de libertar o Si-mesmo das armadilhas da persona, com o objetivo de integração das polaridades e de tornar-se único. Jung, completa afirmando que:

[...] nos casos individuais, é possível seguir este processo através dos sonhos e fantasias. No mundo coletivo, tal processo se encontra inscrito nos diferentes sistemas religiosos e na transformação de seus símbolos. Podemos considerar que se observa também tal processo nas histórias e contos de fadas, por conter símbolos e experiências arquetípicas inscritas em sua essência e que

possibilitam o diálogo entre consciente e inconsciente, havendo transformações no centro da psique individual (Jaffé, 1975, p. 184).

Assim, levando em conta a fase da vida em que o professor se encontra e suas colocações, entendemos que ele já passou por diversas provas e assimilou novas possibilidades, estando num processo contínuo de autoconhecimento rumo à individuação, e a prática da contação de histórias o tem auxiliado nesse processo.

Para o participante K as histórias proporcionam autoconhecimento na medida em que compreende a sua capacidade de memorização e as relações sociais, percebe que algumas histórias são fortes e o fazem refletir sobre questões mais complexas. Ele menciona que as histórias também o ajudam a compreender a importância da paciência e da afetividade, saber o momento certo para contar uma história e lidar com determinadas situações na rotina de trabalho, auxiliando na relação com seus alunos: “Melhora o meu autoconhecimento em primeiro lugar [...] questões mais sociais e afetivas, a questão da paciência [...] algumas histórias são fortes e fazem você refletir”. Podemos observar que esse processo de reflexão é algo que favorece o autoconhecimento e o seu fazer pedagógico. Essa experiência de reflexão, a partir das histórias, nos leva a pensar que há um contato com os conteúdos sombrios da psique, quando o professor diz que “algumas histórias são fortes e o fazem refletir”, esse encontro consigo mesmo é uma prova de esforço na busca do “eu”. Jung nos adverte que a sombra é algo vivo na psique “não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização. Este problema é extremamente difícil, pois não desafia apenas o homem total, mas também o adverte acerca do seu desamparo e impotência” (Jung, 2003, p. 31). Por isso a importância de o educador buscar o autoconhecimento e se questionar constantemente se está aplicando, em sua própria vida e de acordo com sua consciência, aquilo que aprende e ensina aos seus alunos (Jung, 2006), sendo a contação de histórias uma possibilidade nesse processo de autoconhecimento.

A participante J, por sua vez, vê nas histórias um meio de enfrentar problemas pessoais e aprender a superar dificuldades: “passei por muitos problemas e eu aprendi que o ser humano só consegue superar as dificuldades quando aprende a controlar as emoções”. Menciona a capacidade de se identificar com os personagens e refletir sobre as próprias decisões: “Eu acho que contar histórias é um diferencial, fazendo isso, eu vou me sentir bem [...] vou me autodesenvolver, adquirir autoconhecimento”. Podemos observar que a professora J também teve a oportunidade, por meio dos contos de fadas,

de “tornar a sombra consciente”, como menciona Von Franz (1985, p. 13), nesse caso a sombra individual que a incomodava. Esse processo de entrar em contato com as partes da personalidade que foram reprimidas, negligenciadas ou não bem aceitas pelo indivíduo, é algo complexo e difícil, no sentido de reconhecer, enfrentar e integrar qualidades que não são tão agradáveis, tanto para o indivíduo quanto para aqueles ao seu redor. Assumir tais aspectos de forma consciente é um ato de coragem, considera Von Franz (1985, p. 14). A contação de histórias pode favorecer a conscientização das fantasias e dos eventos que habitam o inconsciente, contribuindo para a ampliação da consciência, a redução da influência do inconsciente e, conseqüentemente, a transformação da personalidade. Essa exploração das fantasias internas mobilizam o autoconhecimento, que pode levar a uma evolução pessoal, caminho possível para a individuação (Jung, 2014).

A professora L também identifica nas histórias conteúdos e imagens que podem ajudar a lidar com as situações da vida diária, identifica que: “As histórias contribuem muito para o autoconhecimento [...], às vezes, eu vejo que a vida pode ser muito pesada, e nós carregamos um fardo difícil, mas as histórias tornam tudo mais leve”. Ela relata que essa prática aumentou sua autoestima e proporcionou um novo prazer pela leitura e pelas histórias, o que reflete diretamente em seu desenvolvimento como pessoa. Esse relato evidencia o papel das histórias em trazer alívio emocional e criar uma sensação de bem-estar, proporcionando ao contador a oportunidade de autoconhecimento ao longo da vida. Na perspectiva de Jung (2006), o adulto tem dentro de si uma “criança interior”, sendo uma parte de nós que nunca está completamente formada ou acabada, está em contínuo crescimento, evolução e processo de aprendizagem. Assim como uma criança, essa parte interior precisa de constante cuidado, atenção e educação, pois nunca se torna totalmente consciente ou finalizada. Ele sugere que essa “criança” simboliza o potencial contínuo de expansão e transformação pessoal. Mesmo na fase adulta, o ser humano não para de se desenvolver, e essa parte da personalidade deve continuar a evoluir até alcançar a totalidade, ou seja, o pleno desenvolvimento de todas as suas capacidades, a individuação, tornando-se a versão mais completa e possível de si mesmo.

Uma das participantes, H, também enfatiza o quanto a contação de histórias a ajudou a desenvolver habilidades de comunicação e aumentar sua autoestima: “Você acaba se desenvolvendo e procura falar de forma correta para ajudar as crianças [...] minha autoestima fica lá em cima”. Ela conta que o ato de contar histórias se tornou um projeto

de autoconhecimento e autoajuda, integrando-se à sua vida de forma significativa: “Consigo me expressar melhor diante de qualquer situação”. Observa-se que a participante encontrou na prática da contação de histórias a oportunidade de se desenvolver tanto individual quanto profissionalmente. Esse interesse pela própria educação e desenvolvimento vai ao encontro do que Jung (2006) aborda a respeito da importância do papel ativo do professor no próprio desenvolvimento pessoal e cultural. Ele afirma que o professor não deve se manter em um papel passivo de transmissor do conhecimento ou cultura, mas precisa estar em constante evolução, expandindo sua consciência e lapidando a si mesmo. Esse processo de autoeducação é essencial porque, se o educador parar de se desenvolver, ele corre o risco de projetar nas crianças os problemas que ele mesmo ainda não superou, sendo algo prejudicial no seu fazer pedagógico. Assim, Jung (2006) defende que a educação envolve o autocuidado e o autoconhecimento contínuo do professor.

A professora G vê na literatura a oportunidade de se desenvolver, comenta que sempre foi muito insegura, mais reservada e que costuma pensar e refletir sobre o conteúdo das histórias: “Traz coisas que você vai se perguntando e também tem outras perspectivas. Até o jeito de pensar e de agir. Eu pensava de uma maneira e agora penso de outra ou eu pensava de um jeito e estava certo”. Relata que gosta de ficar sozinha, sente-se mais à vontade consigo mesma: “Eu acho que estar no meu cantinho me ajuda bastante, eu penso nas coisas que acontece no dia a dia, vou analisando tudo o que eu leio”. Observa-se que G está num processo de busca pelo autoconhecimento e encontra nas histórias conforto e explicações para suas questões pessoais. Esse depoimento nos remete a pensar no que Jung fala sobre a influência da arte na nossa jornada pessoal, reforçando a ideia de que pode ser um caminho para a integração de consciente e inconsciente, vislumbrando o homem como um todo. Ele acredita que a arte pode nos possibilitar a exploração da psique humana, tanto no nível individual quanto coletivo, e assim poderemos alcançar uma existência mais plena e equilibrada, superando fragmentações internas. Essa integração dos opostos é um passo em direção ao autoconhecimento e à individuação, aspecto que não finaliza, não existe uma meta ou objetivo, ocorre naturalmente ao longo de toda a vida, considerando as vivências de cada pessoa (Jung, 1991, p. 123).

A participante J compartilhou que uma das histórias que já contou, trouxe ensinamentos benéficos para sua vida, especialmente em relação ao controle emocional:

“A história ‘O monstro das cores’, que fala sobre organizar as emoções, me ensinou muito. As histórias ajudam a controlar emoções, mas também a manter a imaginação viva”. Para J, as histórias são uma forma de lidar com os sentimentos, enquanto nutrem a imaginação e transportam para outros lugares, oferecendo uma experiência transformadora e reconfortante: “A leitura me leva a outros lugares, mesmo sem sair daqui”. O sentimento e aprendizado expressados por J referem-se ao impacto profundo que ocorre quando uma pessoa passa pelo processo de expansão da consciência a partir da assimilação do inconsciente. Esse processo envolve lidar com aspectos ocultos da psique — como desejos, medos e memórias reprimidas —, integrando-as à consciência. Jung afirma que quem vivencia esse processo não pode negar que foi profundamente tocado por diferentes emoções e que saiu transformado. Nesse sentido, a contação de histórias pode proporcionar o acesso a imagens arquetípicas que residem no inconsciente, sendo uma experiência que tem potencial para provocar a transformação interior (Jung, 2014).

Estes depoimentos mostram que, para os participantes, as histórias não apenas representam uma ferramenta pedagógica, mas também um processo contínuo de autodescoberta, onde cada narrativa reflete e amplifica suas transformações pessoais.

#### **b) Autoconhecimento, desenvolvimento afetivo e as relações interpessoais**

A categoria “autoconhecimento, desenvolvimento afetivo e as relações interpessoais”, trata sobre o papel das histórias no desenvolvimento de habilidades emocionais, como empatia, paciência e compreensão do outro e o impacto das narrativas em suas vidas.

O participante K ressalta como a contação de histórias o tem ajudado a se autoconhecer e, conseqüentemente, a ter maior habilidade na interação social, principalmente, diz ele, “em saber lidar com as crianças”. Além disso, ele compartilha como as histórias infantis o fazem refletir sobre sua responsabilidade como pai, enfatizando a importância de educar seu filho para ser cauteloso: “A história de Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve me faz pensar na ingenuidade [...] agora que sou pai, me faz refletir como vou educar meu filho para ele tomar cuidado com essa ingenuidade de abrir a porta para qualquer um”. É possível observar a amplitude de visão de mundo que o professor está tendo a partir das contações, sendo experiências

importantes para agregar em sua vida. Observamos aqui a importância do autoconhecimento e da expansão da consciência por parte dos pais e professores, uma vez que a autoeducação deve acompanhar o ser humano ao longo da vida e em todas as suas dimensões. Jung (2006) defende a importância da personalidade dos pais e professores na condução da educação da personalidade das crianças, pois pode afetar positiva ou negativamente esse processo de evolução. Ele sugere que pais e educadores estejam conscientes da sua importância na vida da criança, oferecendo um suporte seguro e saudável a partir da sua própria educação, uma vez que não podemos ensinar aquilo que não faz parte de nós. De outra maneira, serão ensinamentos vazios e pouco significativos. Assim, entendemos que o professor juntamente com os pais age como guia nesse processo de crescimento de uma nova identidade humana. No depoimento do professor fica clara a importância das histórias em seu autoconhecimento e o quanto pode contribuir para a educação das crianças.

A professora G reforça também esse ponto ao descrever como as histórias mudaram o olhar, tanto sobre si mesma quanto sobre os outros. Ela menciona que as narrativas a fazem questionar e reavaliar seus padrões de comportamento na escola, promovendo uma convivência mais equilibrada e empática: “A gente começa a ter outro olhar, tanto para o outro quanto para nós mesmos. Possibilita mudar o que você está fazendo de errado e o que você quer”. Ainda menciona uma experiência pessoal de leitura e do como as histórias podem mexer emocionalmente com as pessoas: “Estou lendo um livro que está mexendo muito comigo, me faz questionar e pensar em novas perspectivas”. O relato de G ilustra o poder das histórias de transformar pensamentos e ações, fazendo com que as pessoas reflitam sobre seus próprios comportamentos. Podemos inferir que a professora se refere à persona (Jung, 2003), que representa o “eu social”, máscara ou comportamento que a pessoa utiliza para interagir com o mundo, considerando as expectativas sociais e culturais. Jung (2003) nos fala no sentido negativo de que quando a pessoa se identifica com a persona, pode perder a conexão com seu verdadeiro “eu”, deixando comprometer a autenticidade e passando a viver de acordo com as exigências externas. Essa identificação é mais comum no ambiente profissional, onde a pessoa costuma ajustar seu comportamento a fim de atender às expectativas de sua profissão e da sociedade na qual está inserida, podendo ter atitudes contrárias à sua própria identidade. Entendemos que quando a professora fala da mudança de comportamento na escola a partir das reflexões mobilizadas pelas histórias, ela está se referindo à

conscientização dessa máscara social utilizada pelos professores e que ela também utiliza e que entende como sendo um padrão e algo necessário. Jung (2003) nos alerta da importância de sabermos que a persona é apenas um papel que desempenhamos, reconhecendo sua função e seus limites, não é a totalidade do que somos. Ele considera que para o desenvolvimento saudável é fundamental integrar a persona com outros aspectos inconscientes, como a Sombra, Anima/Animus e o Self. Esse equilíbrio é essencial para conquistarmos uma vida mais saudável e significativa. Dessa forma, entendemos que a prática da contação de histórias e as leituras realizadas pela professora tem contribuído para o seu autoconhecimento, mobilizando a gradativa transformação.

O desenvolvimento de empatia é um tema forte nas respostas de C, destacando como as histórias ampliaram sua visão sobre as pessoas e os desafios que enfrenta, percebendo que há ensinamentos valiosos: “Comecei a perceber, caramba como esse negócio (histórias) segura a gente [...] como tem explicações ali dentro que nos abrem os olhos para algumas coisas em volta”. Essa percepção está alinhada com o relato de Abate e Stolz (2020), que afirmam que a contação de histórias tem o poder de transportar o ouvinte para um mundo imaginário, facilitando o processo de construção do autoconhecimento. A professora C também relata que aprendeu a enxergar o lado bom das pessoas por meio das histórias: “Eu aprendi [...] que as pessoas têm um lado bom que escondem [...] a gente, às vezes, tem que ter um olhar mais cauteloso para observar isso”. Ela cita o como a história que contou sobre um jardineiro a fez ver um lado positivo em seu pai, uma pessoa difícil, mas que mostrava carinho através do cuidado com o jardim: “O livro trouxe isso à tona, mesmo que ele seja uma pessoa difícil [...] é possível ver que há algo de bom dentro dele”. Esse relato demonstra como as histórias trazem respostas implícitas que ajudam a entender melhor as situações ao redor e a buscar novas soluções, C conseguiu ter sensibilidade para observar em profundidade as características de seu pai a partir da narrativa que contou. Esse exemplo destaca como as histórias podem trazer compreensão e reconciliação emocional nas relações interpessoais e como os professores obtém ganhos, tanto profissionais quanto pessoais, ao utilizar a contação de histórias em sua rotina de trabalho. Jung (2003) nos fala da importância do arquétipo do velho nos contos de fadas, que com suas perguntas e atitudes contribuem para a trajetória do herói, da mesma forma, pode nos possibilitar a autorreflexão sobre o bem e o mal, aspectos que vivem dentro de nós. A intervenção dos arquétipos é fundamental nos contos de fadas e na vida em geral, pois em certos momentos, um arquétipo pode emergir de maneira clara

na nossa psique, trazendo uma nova perspectiva que neutraliza ou equilibra uma reação emocional (Jung, 2003). Isso significa que o arquétipo tem potencial para afastar atitudes impulsivas e emotivas que possam comprometer nossa atuação no mundo externo. Nesse sentido, há a oportunidade do indivíduo se confrontar internamente com a situação de maneira mais clara, racional e consciente sobre a situação que vivencia, assim como podemos observar no depoimento da professora. O bem e o mal transita em nossa psique e reconhecer esse aspecto em nós ou no outro possibilita fazer as pazes com o que nos atormenta, assim como a participante aprendeu a lidar com o pai que é uma pessoa difícil, mas que também tem pontos positivos.

A professora E apontou que as histórias ajudam no seu processo de autoconhecimento e na compreensão do mundo ao seu redor: “A gente está sempre aprendendo, não nos comparando, mas nos identificando com as histórias [...] ajuda a gente a se conhecer melhor, a conseguir ter uma noção maior sobre nós mesmos, [...] conseguimos abstrair essas informações das histórias”. Outro ponto abordado por E, é o quanto as histórias podem despertar sentimentos profundos de empatia e reflexão sobre a força humana em momentos de adversidade. Conta que ouviu uma história que a marcou muito, ‘A criança roubada’, pensou sobre “como em momentos de fragilidade as mulheres têm muita força para buscar aquilo que é muito importante”. Refletiu sobre a coragem e resiliência da personagem: “Durante a história eu vi todo o sofrimento daquela mulher de procurar aquela criança e ter aquele medo de não encontrar, mas também ao mesmo tempo que ela estava fragilizada, ela tinha muita coragem. Era uma vulnerabilidade com muita coragem”. Esse relato enfatiza o quanto as histórias são fontes de reflexão e desencadeiam emoções, contribuindo para o entendimento de questões internas e externas, inspirando ações frente aos desafios da vida. A professora menciona que não se compara aos personagens das histórias, mas se identifica com eles. Isso nos remete a pensar que ouvir ou contar histórias nos dá a possibilidade de conectar nossa psique a padrões universais, como no caso dessa história, que evoca o arquétipo da mãe, representando a força, a proteção e a determinação frente às adversidades. Na perspectiva da psicologia analítica, ouvir histórias e se identificar com um personagem é ter a possibilidade de que um determinado conteúdo possa emergir do inconsciente e se integrar à consciência, contribuindo para um maior entendimento de si mesma (Von Franz, 2011). A professora também faz uma reflexão profunda sobre a coragem e a resiliência da personagem diante da adversidade, que, segundo Jung (2003), pode funcionar como uma projeção da alma.

Isto pode significar que ao perceber essas qualidades na personagem, ela está, de certa forma, reconhecendo a possibilidade de ter essa coragem dentro de si mesma. Também podemos considerar que a história pode ter possibilitado o confronto com a própria sombra, aceitando e integrando sua fragilidade ao mesmo tempo que reconhece sua força, como identifica na personagem. Assim, observou-se que as histórias podem despertar emoções e fazer emergir arquétipos como o da “mãe” ou da “heroína”, e, ao nos identificarmos com eles, podemos ter a possibilidade de refletir sobre a nossa própria psique, aspecto que contribui para o autoconhecimento.

Também movida por uma narrativa, a participante A compartilha como uma história ouvida em um momento de fragilidade a ajudou a olhar para si mesma e a valorizar sua própria importância. Ela conta que a narrativa, não se recorda o nome da história, mas lembra que [tratava sobre um segredo que seria revelado e que muitos foram ouvir, todos carregavam consigo uma luz e uma velha senhora levava uma pequena lamparina em função de sua condição financeira, mas foi a única que se manteve acesa e pôde ajudar a reacender as demais, após uma forte chuva], foi fundamental para elevar sua autopercepção e ajudá-la a encontrar conforto em um período difícil: “Essa história me ajudou a ver que cada um tem sua importância [...] era exatamente o que eu precisava ouvir naquela época”. Esse depoimento demonstra como as histórias podem ser uma forma de apoio emocional, promovendo a autovalorização e a confiança em si mesmo, atuando como agentes de transformação psicológica. Aqui, temos novamente a possibilidade de conexão com arquétipos universais, como o da “luz”, que, simbolicamente, representa clareza, sabedoria e a capacidade de iluminar o caminho, ou o da “resiliência”, que representa uma capacidade inata de superar adversidades, adaptar-se a situações desafiadoras e encontrar força interior para crescer mesmo quando diante dos obstáculos. Isso favorece que essas qualidades sejam integradas a vida cotidiana a partir de uma reflexão profunda, promovendo o reconhecimento da própria força interior, como podemos observar na fala da professora. No caso de A, a história funcionou como um símbolo de sua própria resiliência e importância, agindo como uma espécie de “cura simbólica”, melhor dizendo nas palavras de Jung (2014b, p. 58), “Só aquilo que somos realmente tem o poder de curar-nos”. Assim, entendemos que o processo de individuação pode ser facilitado por símbolos e narrativas que tocam o inconsciente, da mesma forma que a história levou a professora a refletir profundamente sobre si mesma.

Essas declarações demonstram que as histórias não são apenas entretenimento ou auxiliam no desenvolvimento de novos leitores literários, mas também promovem a compreensão das próprias emoções, aproximam as pessoas, favorecendo as relações sociais, cultivando empatia, paciência e aceitação de si mesmo e do outro.

### **c) Autoconhecimento e as histórias auxiliando na relação ensino-aprendizagem**

Esta categoria agrupa os temas que destacam o uso das histórias como uma ferramenta importante no ambiente escolar, contribuindo para o autoconhecimento do professor e a conexão com os alunos. Enfatiza como as histórias proporcionam uma maneira mais humanizada e significativa de ensinar e aprender.

A participante A ressalta o poder das histórias em acessar algo profundo nas crianças e considera que: “Isso faz parte do caminhar como professor, é se importar com o seu aluno. As histórias trazem os elementos que você lida na sua psique, com os seus medos, com as suas dúvidas”. Ela também reflete sobre a importância das histórias em sua prática pedagógica e diz: “Como ser humano temos um determinado trajeto para fazer na vida e as histórias trazem os elementos necessários [...] o desenvolvimento humano é esse, continuar e persistir, as histórias [...] trazem todas as dificuldades que nós também vivemos”. A professora ainda completa: “As histórias são fundamentais na pedagogia [...] trazem um benefício imenso e são uma ferramenta ainda pouco utilizada. Essa visão ressalta que, para ela, as histórias são fundamentais, não apenas como uma ferramenta didática, mas como um recurso capaz de educar de forma humanizada e para o autoconhecimento do professor. O depoimento de A nos remete ao pensamento de Jung, quando trata sobre a importância de o professor ter um conhecimento aprofundado sobre a psique humana, tanto da criança quanto dele mesmo, e que isso não deve ser discutido com as crianças, em razão de que é uma informação complexa destinada aos adultos. Esse conhecimento pode ajudar o professor a ter uma atitude mais compreensiva e empática em relação aos seus alunos, contribuindo com ensinamentos adequados à fase de desenvolvimento em que estão (Jung, 2006). Para a psicologia analítica (Jung, 2006), a consciência se expande intensamente, do nascimento até o início da vida adulta, estabelecendo profundas conexões entre o “eu” e os resíduos ainda inconscientes. A escola, na figura do professor, é o responsável por auxiliar nesse processo de formação da consciência dos alunos. Nesse sentido, podemos entender que a cultura, em seu sentido

mais abrangente — conhecimento, valores, crenças, artes, tradições de uma sociedade, entre outras —, favorece a ampliação da consciência ao permitir um maior entendimento sobre a realidade, as relações humanas e o desenvolvimento do pensamento crítico.

De forma semelhante, G reconhece que contar história “facilita um vínculo maior com a criança do que quando você impõe (a leitura), as histórias facilitam esse processo [...] nos ensinam a agir com igualdade, falar mais baixo, perceber outras coisas no convívio”. Esse comentário traz indicativos de que o uso das narrativas pode ajudar o professor a estabelecer uma relação mais próxima com os alunos, primando por uma educação que abrange não só a aprendizagem do conteúdo, mas também a compreensão, o acolhimento e o respeito pela individualidade humana. Nesse mesmo viés, a professora B reflete sobre como a contação de histórias mudou sua maneira de interagir com seus filhos e alunos. Ela relata que agora percebe mais claramente a importância da emoção ao ler: “Eu tenho passado para o meu filho mais velho que já lê, alguns ensinamentos da importância de ler [...] ele já começa a perceber que leu sem emoção [...] eu tenho aprendido muito, é maravilhoso ver o efeito das histórias em mim e nas crianças.” Esse relato mostra como as histórias incentivam a reflexão, tanto no ambiente familiar quanto no educacional. A declaração de L reforça a mesma ideia de que “de todas as histórias a gente leva aprendizagem” e destaca a fábula ‘A lebre e a tartaruga’, em que observa a importância da empatia e de sermos “mais humildes um com o outro [...] e ver o lado dos outros também”. A professora L vem de uma família bem humilde, pouco estudou quando criança e adolescente, conta que precisava cuidar dos irmãos enquanto a mãe ensinava em uma escola. Teve a oportunidade de estudar quando já estava adulta e tenta sanar as dificuldades, encontra nas histórias a oportunidade de desenvolver-se enquanto pessoa e profissional. O depoimento de L nos alerta sobre a importância de promovermos os valores éticos e sociais no processo de ensino aprendizagem, tendo nas histórias reais e imaginárias a possibilidade de desenvolvimento. Observamos nos depoimentos das três professoras a importância de olharmos para cada individualidade, tanto para nossos filhos e alunos quanto para nós mesmos. Nos tempos atuais, mais do que nunca, é necessário que o professor tenha um olhar amplo e cuidadoso, observando a diversidade e a singularidade de cada indivíduo, acolhendo as diferenças. Como reforça Osteto (2007, p. 202), ao se referir à formação do professor “aprender a olhar, ampliando o foco da visão, mirando na diversidade através da sensibilidade que acolhe as diferenças [...] reencontrar-se com sua criança, pois, como acolher o outro fora de si, se não acolhe o outro interno?”.

Abate e Stoltz (2020) reforçam que contar histórias proporciona uma ampliação da visão de mundo, contribui para a socialização e a resolução de conflitos pessoais. Também encontramos ressonância com as ideias de Jung quando especifica que o professor deve estar atento ao seu próprio estado psíquico, refletir sobre suas emoções, conflitos e expectativas ao lidar com as crianças, uma vez que o inconsciente desempenha um papel importante na relação com o outro. Nas palavras de Jung, o professor precisa estar ciente de que sua atitude precisa ser verdadeira, pois:

É fato notório que as crianças têm um instinto seguro para perceber as incapacidades pessoais do educador. Elas descobrem se algo é verdadeiro ou fingido, muito mais do que estamos dispostos a admitir. O pedagogo precisa, por isso, dar atenção especial ao seu próprio estado psíquico, a fim de estar apto a perceber onde está o erro, quando houver qualquer fracasso com as crianças que lhe são confiadas. Ele mesmo pode muitas vezes ser a causa inconsciente do mal (Jung, 2006, p. 160).

Tal afirmação nos faz pensar que se o professor não estiver bem preparado para lidar com suas próprias dificuldades ou frustrações poderá lidar com as situações cotidianas do ambiente escolar de forma inadequada ou reagir de maneira desproporcional. Nesse sentido, o depoimento das participantes reforça a ideia de que a contação de histórias pode ajudar o professor a se desenvolver enquanto indivíduo, sendo mais receptivo e cauteloso na relação com os alunos e no seu fazer pedagógico.

O participante F ressalta que o ato de contar histórias não apenas beneficia os alunos, mas também o próprio professor, enriquecendo sua experiência e conhecimento: “Depois que eu comecei a ler e a contar histórias [...] eu observo que o professor também sai enriquecido nesse processo”. Na participação do professor F, notou-se que ele é muito comprometido com sua narrativa, procura escolher histórias que tragam reflexão, seu tom de voz é suave e pausado. Costuma utilizar um cajado para que os alunos percebam que esse é um momento diferenciado ao longo do dia e diz que sente muita satisfação com a prática das histórias. O relato do professor fortalece a ideia de que as histórias corroboram para o desenvolvimento, tanto para quem ensina quanto para quem aprende, aspecto importante no que diz respeito ao objetivo da educação para a personalidade, sendo esse o modo como Jung (2006) concebe a educação de modo geral. Laufer (2022, p. 108), comenta que Jung ao tratar sobre o tema da educação “atém-se a pensar sob o ponto de vista da teoria psicológica, reflexão esta que elucida alguns elementos que poderão auxiliar a todos os envolvidos no processo de autoeducação ou de educação de outrem”.

O que nos chamou a atenção no depoimento, foi o recurso simbólico utilizado pelo professor para contar histórias, o cajado. Trata-se de um símbolo recorrente em diversas culturas e tradições, bem como em alguns mitos e contos de fadas, contendo profundos significados no inconsciente coletivo. Esse artefato costuma estar associado a autoridade, liderança, proteção e poder espiritual, como reis, sacerdotes e profetas, simbolizando o poder de guiar e governar, denotando sabedoria. Também é utilizado por figuras místicas como apoio e condução, transmitindo a ideia de guia, mestre ou sábio, aquele que conduz o seu rebanho pelo caminho certo, protegendo-os dos perigos. Nos contos aparece como a figura do “Velho Sábio” ou do “Mestre Espiritual”, geralmente “nas versões cristianizadas” (Von Franz, 2011), representando um peregrino que percorreu a jornada interior de busca pelo autoconhecimento. Também representa uma conexão entre o sagrado e o mundano, utilizado até hoje por figuras ícones, de algumas religiões. Ao incorporar o cajado em sua contação de histórias, o professor enriquece a narrativa e a transforma em um momento mágico, sinalizando aos alunos que ali acontecerá algo que vai além do conteúdo didático, um momento de pausa e de reflexão, tanto para o professor quanto para os alunos.

Nessa categoria, observamos que os participantes reconhecem a importância da contação de histórias na relação ensino-aprendizagem, sendo primordial o vínculo afetivo para que a individualidade seja compreendida e levada em consideração. Pelo exposto, há indícios de que essa prática contribui para o desenvolvimento tanto dos alunos quanto dos professores e encontra fundamentação em Jung (2006), quando aponta a autoeducação do professor como necessária para lidar com as crianças, uma vez que ninguém ensina aquilo que não é verdadeiramente.

#### **d) Autoconhecimento, desenvolvimento profissional e enfrentamento dos desafios**

Nesta categoria reunimos declarações que tratam sobre o impacto da contação de histórias no autoconhecimento do professor e o quanto contribui para o aperfeiçoamento profissional e o enfrentamento de uma rotina desafiadora. Abordamos sobre a importância da comunicação, da autoconfiança e da valorização da identidade profissional, reconhecendo o fazer pedagógico como algo significativo na vida das crianças e como possibilidade de enfrentar os desafios impostos no dia a dia.

A participante A relatou que, ao se envolver com a contação de histórias e aprender novas técnicas, conseguiu sentir mais confiança ao expor seu estilo pessoal, entendendo a importância de fazer boas escolhas e de se sentir à vontade com o texto que irá compartilhar com os alunos, ela complementa: “Me senti mais segura para imprimir meu jeito de contar e com mais opções para trabalhar com a contação de histórias”. Este fortalecimento de identidade profissional reflete a importância de personalizar as práticas pedagógicas com base nas experiências vividas. Von Franz (2011), esclarece que as histórias e mitos são uma forma de fazer emergir do inconsciente aspectos profundos, mobilizando o despertar da consciência, onde o indivíduo começa a perceber aspectos de sua psique que antes estavam adormecidos. Esse processo de uma nova percepção da realidade não é somente um ato cognitivo, mas envolve toda a mobilização de aspectos simbólicos, envolvendo uma mudança profunda, em como a pessoa se relaciona consigo mesma e com o mundo. Esse processo pode culminar em uma transformação pessoal, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência plena e de um caminho possível para a individuação.

O professor F destacou a satisfação e a percepção de enriquecimento em sua vida profissional, afirmando que a prática da contação de histórias fez muito sentido para ele, proporcionando contentamento e realização tanto pessoal quanto profissional: “isso fez muito sentido pra minha vida, não no sentido de dar um significado, mas um bem-estar”. Esse depoimento ilustra como a contação de histórias pode beneficiar os alunos e os professores, trazendo conforto emocional na prática profissional. No caso de H, o impacto positivo das histórias foi sentido principalmente em sua autoestima e na melhora do desempenho profissional. Ela percebeu seu desenvolvimento e a elevação de sua autoconfiança e comentou: “Eu vi que está me ajudando, estou me desenvolvendo mais [...] as pessoas que me viram falaram, a professora “H” é superação”. A prática contínua de contar histórias não só aprimorou as habilidades comunicativas da professora, como também gerou um reconhecimento externo, fortalecendo, ainda mais, a sua autoestima. Jung (2014b) menciona que todo material simbólico que reside no inconsciente, quando acrescido à consciência favorece a ampliação da psique e das possibilidades de se colocar no mundo, havendo um equilíbrio entre as duas polaridades, tornando-o mais puro. Entrar em contato com esse material simbólico torna-se uma grande contribuição para o autoconhecimento, sendo reconhecido como uma das conquistas mais valiosas para o ser

humano, na qual cada indivíduo pode ser afetado de maneira diferente por esse processo de reflexão interna (Jung, 2014b; Rodrigues; Moreira, 2017).

Na opinião de J, contar histórias lhe possibilita conectar-se profundamente com seu propósito de vida e a faz sentir-se bem ao contribuir para a evolução de seus alunos. Sente conforto ao afirmar: “eu acho que a minha passagem não está sendo por um acaso, eu quero fazer a diferença na vida de alguém e na minha vida também [...] é uma maneira de ser diferente e de ajudar os alunos”. A professora faz uma análise mais profunda e sensível da importância de seu fazer pedagógico tanto para os alunos quanto para si mesma, vendo sua profissão como possibilidade de transformar vidas. Com relação a sensibilidade no fazer pedagógico, Ostetto (2018, p. 26), nos diz que “não é algo que se ensina, mas que devemos cuidar para que se aprenda. A educação estética diz respeito à educação de si mesmo, das relações com os outros e o mundo”, só assim nos tornamos mais humanos. A educação é uma dimensão importante na vida do ser humano, e para a psicologia analítica essa dimensão vai além da aprendizagem cognitiva, também integra o conhecimento de si mesmo como forma de se colocar no mundo. Laufer (2022, p.106) comenta que “Educar para a personalidade tornou-se, hoje, um ideal pedagógico por excelência, na medida em que é um processo gradual de realizar as potencialidades inatas através de um descobrir-se aos poucos, por um desvelar-se em conhecimento pleno”. A argumentação das duas professoras vai ao encontro da importância que Jung (2006) dá para a formação do professor como indivíduo e que precisa estar preparado para transmitir aos alunos o melhor de si, o que vai além do conhecimento cognitivo. Nesse sentido, a preocupação da professora J em deixar um legado para seus alunos por meio das histórias, sustenta a ideia de que ela acredita que as imagens simbólicas ocultas nos contos de fadas podem ajudar em uma conexão mais profunda, que ultrapassa a cognição.

O impacto das histórias no comportamento da participante G, promoveu autorreflexão e mudanças nas suas práticas pedagógicas: “Já estou me questionando, já estou procurando mudar padrões de comportamento [...] você vai notando outras coisas [...] Possibilita mudar o que você está fazendo de errado e o que você quer”. Essa reflexão demonstra como as histórias proporcionam momentos de introspecção e ajustes na convivência com os alunos, possibilitando novas maneiras de pensar e enfrentar os desafios. Para I, as histórias são ferramentas importantes no contexto escolar, comentou que a experiência “ampliou o meu repertório e abriu caminho para reflexões tanto no âmbito profissional quanto pessoal [...] A gente consegue ver novas formas de resolver o

problema [...] eu posso aprender com o erro do outro ou posso ter uma solução para o meu problema atual”. Esse aprendizado a partir da vivência dos personagens faz com que o ouvinte ou contador consiga pensar em novas estratégias para enfrentar seus próprios desafios. Ela também mencionou a importância da simbologia nas histórias, especialmente no contexto da educação infantil: “Eu gosto muito da história do Pequeno Príncipe. Essa questão de olhar para os objetos e descobrir novas simbologias [...] é algo que ajuda na educação infantil, onde precisamos estar no papel de ajudar a fantasia das crianças”. As declarações de I mostram que a prática da contação de histórias na educação infantil pode ajudar o professor a compreender o imaginário da criança e ser mais criativo ao lidar com as demandas diárias. Podemos entender que as professoras G e I, assim como o herói nos contos de fadas, passam por um processo de mudança de comportamento. Von Franz (1990, p. 112), diz que no caso do herói “depois de um esforço árduo [...], orienta-se e ganha firmeza e autoconhecimento, valores que desenvolve através do esforço de se tornar consciente no processo de individuação”. No caso das professoras, esse processo é vivido por meio dos símbolos e imagens arquetípicas que emergem do inconsciente a partir das histórias que contam, o que amplia a visão de mundo, tendo a possibilidade de encontrar uma nova direção. O conto funciona como uma orientação para encontrar um caminho, onde sinta maior firmeza, ou estabilidade, ao seu ser. A partir desse processo, é possível desenvolver o autoconhecimento, entendendo melhor quem se é, suas motivações, limites e potenciais, criando novas possibilidades de assimilar e interagir com o mundo interno e externo, tendo mudanças profundas sobre a atitude consciente (Jung, 2015).

As professoras M, N e O relataram experiências semelhantes, observando que a contação de histórias ampliou as possibilidades de trabalho com a contação de histórias, abrindo oportunidades de reflexão e conhecimento prático. A participante M conta sobre a perspectiva de ampliar a criatividade e cultivar novas práticas: “Foi uma experiência que abriu minha mente para a contação de histórias. Me fez ampliar técnicas, desenvolver a criatividade e refletir sobre as minhas práticas”. No caso de N, além de ampliar o conhecimento houve um aumento na autoconfiança ao afirmar: “A contação de histórias me fez expandir o conhecimento sobre ludicidade. Me fez perceber dificuldades para que eu possa melhorar. Foi muito enriquecedor, tenho sentido mais confiança”. Da mesma forma O, entende a importância da narrativa oral como uma possível alternativa no âmbito da educação e diz: “os contos nos acrescentam vivências diferenciadas e nos fazem

refletir. Mudou o meu olhar para a contação de histórias e vejo a importância de os professores olharem para os contos como um complemento para o desenvolvimento pessoal”. Essas declarações revelam o impacto significativo da contação de histórias no desenvolvimento emocional e profissional das participantes, mostrando como essa prática pode fortalecer o senso de propósito, aprimorar a autoestima e abrir caminhos para uma educação mais humanizada e conectada com o outro.

Cosson (2014, p. 67) expressa que “construímos o mundo com palavras e, para quem sabe ler, todo texto é uma letra com a qual escrevemos o que vivemos e o que queremos viver, o que somos e o que queremos ser”. Essa frase nos remete a pensar no quanto a linguagem é uma ferramenta importante no desenvolvimento, tanto do professor quanto do aluno, sendo uma forma de organizarmos o pensamento e darmos significado para o que percebemos e sentimos. Os símbolos presentes nas histórias só se materializam a partir do momento em que os trazemos para a consciência, dando-nos forma e sentido a partir das experiências pessoais, e é por meio da oralidade e das palavras que podemos descrever e construir esse mundo interno (Von Franz, 1990). A autora salienta que, para Jung, “toda experiência interior tem que ser mediada pela relação com o outro. Nunca alguém se individualiza sozinho, e a finalidade da individuação não é ficar só: pelo contrário, é estar em relação, cada um a seu modo” (Von Franz, 2008, p. 11). As histórias são ferramentas poderosas que possibilitam tanto a nossa percepção de mundo quanto nossa individualidade.

Chegamos à conclusão de que a busca pelo autoconhecimento aparenta ser um objetivo de vida para os professores, no sentido de auxiliá-los tanto pessoal quanto profissionalmente. A prática da contação de histórias abriu a possibilidade de um novo olhar para as experiências vividas, reconhecendo que é possível encontrar uma maneira mais criativa e prazerosa de desenvolver o fazer pedagógico, o que agrega conhecimento também para o professor.

## 6.2 MÉTODO E ANÁLISE DA ESCALA DE PERSONALIDADE CRIATIVA

### 6.2.1 Metodologia

O teste de Escala de Personalidade Criativa (Garcês, et al., 2014), tem o objetivo de avaliar as características da personalidade criativa, sendo que essa escala foi derivada

da Escala de Estilos de Pensar e Criar (Wechsler, 2006). São 5 os fatores que fazem parte da Escala de Personalidade Criativa, considerando Garcês et al. (2014);

Fator 1 foi apelidado de Inconformista-Transformador e apresenta um indivíduo dinâmico e entusiasta. O Fator 2 foi nomeado de Emocional-intuitivo, por se referir a um sujeito atento aos seus sentimentos, curioso e aberto à imaginação. O Fator 3 foi nomeado de Relacional-Divergente e aponta para uma pessoa capaz de ouvir o outro e aceitar outros pontos de vista, distintos do seu. Por último, o Fator 4 foi apelidado de Lógico-Objetivo, por abordar uma pessoa que é concentrada nos seus objetivos, perseverante e tem um gosto especial por tornar mais simples as suas ideias (Garcês et al., 2014, p. 61).

Observou-se que a interpretação dos fatores descritos por Garcês et al. (2014) é derivados da Escala de Estilos de Pensar e Criar (Wechsler, 2006), porém, é apresentada de forma reduzida. Entretanto, no artigo de referência, não há a interpretação do fator Independência de Julgamento, que está relacionado ao estilo cauteloso reflexivo, conforme Wechsler (2006). Assim, optou-se por compartilhar, no QUADRO 4, as interpretações realizadas por Wechsler (2006), com o objetivo de proporcionar um panorama mais amplo sobre a possibilidade de interpretação de cada fator.

QUADRO 4 – INTERPRETAÇÃO DOS FATORES

Fator	Características
Inconformista Transformador	Questionador, dinâmico, sonhador, líder, confiança em si mesmo, questiona regras, gosta de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, otimista, espontâneo, sociabilidade, imaginação, inovador.
Emocional Intuitivo	Predomínio das emoções, intuitivo, imaginação, fantasia, empatia, resolução de conflitos, sociável, habilidade para se expressar, impulsivo, curiosidade.
Relacional Divergente	Flexibilidade, líder, criatividade (analogias e metáforas), objetividade, receptivo a novas ideias, gosta de situações que envolvam risco, respeita a natureza e a ecologia, inovador.
Independência de Julgamento (cauteloso reflexivo)	Prudência, reflexão, organização, receptivo a regras e métodos, baixa assertividade, dificuldade em expressar as opiniões, pensamento crítico, avaliador e sistemático; avalia cuidadosamente as ações, gosta de trabalhar sozinho, pouca habilidade para liderar.
Lógico Objetivo	Pensamento lógico, racional e pragmático, prefere tarefas estruturadas, disciplina, persistente e reflexivo nas ações, controla emoções e sentimentos, praticidade, sociabilidade moderada.

FONTE: Adaptação de Wechsler (2006)

NOTA: As características descritas estão considerando resultados que estão na média, acima da média ou superior. Quando estiver abaixo da média ou inferior será o inverso.

O teste Escala de Personalidade Criativa (Garcês et al., 2014), foi avaliado em relação a sua confiabilidade, utilizando o teste de Cronback. Esse teste foi desenvolvido por Lee J. Cronbach (1951), e consiste em um tratamento estatístico largamente

empregado para determinar a “correlação entre respostas de um determinado questionário através da análise do perfil das respostas dadas pelos entrevistados” (Velooso; Shimoda; Shimoya, 2005). Após esse tratamento estatístico é obtido o coeficiente alfa ( $\alpha$ ), que varia entre 0 e 1, sendo que o nível de confiabilidade pode ser classificado conforme Freitas e Rodrigues (2005), cujos valores são apresentados na TABELA 2.

TABELA 2 – NÍVEL DE CONFIABILIDADE COM BASE NO COEFICIENTE  $\alpha$  DE CRONBACK

Nível de confiabilidade	Valor de $\alpha$
Muito baixo	$\alpha \leq 0,30$
Baixo	$0,30 < \alpha \leq 0,60$
Moderado	$0,60 < \alpha \leq 0,75$
Alto	$0,75 < \alpha \leq 0,90$
Muito alto	$\alpha > 0,90$

FONTE: Adaptada de Freitas e Rodrigues (2005).

## 6.2.2 Resultados e análise da Escala de Personalidade Criativa

Com base na avaliação do coeficiente  $\alpha$  de Cronback (1951), os dados obtidos no presente estudo referem-se à aplicação de um questionário composto por 49 itens, cujas respostas foram tratadas utilizando o software SPSS. Na TABELA 3, são apresentados os cinco fatores da Escala de Personalidade Criativa, que foram aplicados para avaliar o índice de confiabilidade de acordo com o valor de  $\alpha$ .

TABELA 3 - ANÁLISE DE CONFIABILIDADE PELO ALFA DE CRONBACH ( $\alpha$ )

Fator	Itens	Total de itens	$\alpha$
1. Inconformista Transformador	08,15,20,24,30,33,41,42,43,47,48	11	0,893
2. Emocional Intuitivo	1,3,5,10,11,17,22,23,25,29,35,36,38,39,45	15	0,836
3. Relacional Divergente	2,7,14,16,18,21,31,34,26	9	0,514
4. Independência de Julgamento	12,13,19,27,37,46,49	7	0,726
5. Lógico Objetivo	4,6,9,40,28,32,44	7	0,615

FONTE: A autora (2025)

Considerando a TABELA 3 e de acordo com Freitas e Rodrigues (2005), (TABELA 2), os fatores denominados Inconformista Transformador (fator 1) e Emocional Intuitivo (fator 2) apresentaram os maiores valores do alfa de Cronback, 0,893 e 0,836, respectivamente, sendo considerado um nível de confiabilidade alto, bem próximo ao índice (0,91) encontrado por Garcês et al. (2014). O fator Independência de Julgamento demonstrou um nível de confiabilidade moderado com valor 0,726, assim como o fator Lógico Objetivo ficou bem próximo do valor limítrofe, sendo 0,615. Apenas o fator Relacional Divergente apresentou um valor de 0,514, considerado baixo em

consonância com Freitas e Rodrigues (2005). Os valores de  $\alpha$  de Cronbach sugerem que há confiabilidade nas medidas propostas pela Escala de Personalidade Criativa, uma vez que somente um fator ficou abaixo do nível moderado.

TABELA 4 - ANÁLISE DESCRITIVA DOS FATORES

Coleta			Inconformista Transformador	Emocional Intuitivo	Relacional Divergente	Independência de Julgamento	Lógico Objetivo
Pré-Teste	N	Valid	10	10	10	10	10
		Missing	0	0	0	0	0
	Média		2,5727	2,8733	3,1222	1,6833	2,6143
	Desvio Padrão		,73487	,51969	,35698	,59709	,58341
Pós-Teste	N	Valid	10	10	10	10	10
		Missing	0	0	0	0	0
	Média		2,6927	2,8667	3,1222	1,5714	2,6333
	Desvio Padrão		,51657	,37973	,34526	,57538	,38362

FONTE: A autora (2025)

LEGENDA: As respostas vão de 0 a 4, quanto mais perto de 4, mais os participantes se identificaram com tal fator e quanto mais perto de 0, menos se identificaram.

A análise descritiva apresenta os resultados do pré-teste e do pós-teste nos cinco fatores: Inconformista Transformador, Emocional Intuitivo, Relacional Divergente, Independência de Julgamento e Lógico Objetivo, utilizando respostas em uma escala de 0 a 4, sendo: DT (Discordo totalmente), D (Discordo), ND/NC (Não concordo, não discordo), C (Concordo), CT (Concordo Totalmente), onde valores mais próximos de 4 indicam uma maior identificação dos participantes com esse fator enquanto valores mais próximos de 0 indicam menor identificação.

Os fatores serão analisados, considerando as médias e os desvios padrão antes e depois da intervenção para compreender se houve alteração nas respostas dos participantes com relação a Escala de Personalidade Criativa.

No fator 1, Inconformista Transformador, o pré-teste apresentou uma média de 2,57 com desvio padrão de 0,73 e no pós-teste uma média de 2,69 com desvio padrão de 0,51. A média no pré-teste, indicou que os participantes se identificaram de forma moderada com esse fator, havendo uma pequena alteração após a intervenção, não sendo considerada uma mudança significativa. A diminuição do desvio padrão (de 0,73 para 0,51) indica que houve maior consistência nas respostas no pós-teste. Considerando as características descritas no QUADRO 4, esse resultado mostra que o grupo tem um perfil mais questionador, dinâmico e sonhador, com certa habilidade para liderar pessoas. Há predomínio de uma atitude confiante, questionando regras, tanto no pensar quanto no agir. Estão dispostos a realizar tarefas simultaneamente, com um grau moderado de otimismo

e espontaneidade, com muita facilidade de socialização. Preferem situações onde possam utilizar a imaginação e resolver os problemas com criatividade.

Em relação ao fator 2, Emocional Intuitivo, o pré-teste mostrou uma média de 2,87 com desvio padrão de 0,52 e no pós-teste uma média de 2,87 com desvio padrão de 0,38. Os resultados indicam que os participantes se identificaram com esse fator, pois a média está um pouco mais próxima de 4, não havendo alteração após a intervenção. Entretanto, houve uma redução no desvio padrão (de 0,52 para 0,38), sugerindo uma maior homogeneidade na resposta após a intervenção. De acordo com o QUADRO 4, o grupo apresenta predomínio das emoções e das intuições em suas ações, com atitude imaginativa na resolução dos conflitos e empatia com os sentimentos alheios. Há habilidade de relacionamento, expressando as emoções e sentimentos sem dificuldade, com um perfil mais impulsivo em função do predomínio das emoções em detrimento da lógica e racionalidade.

Quanto ao fator 3, Relacional Divergente, o pré-teste revelou uma média de 3,12 com desvio padrão de 0,36 e no pós-teste uma média de 3,12 com desvio padrão de 0,35. Observou-se que a média se manteve estável, indicando que os participantes conservaram uma maior identificação com esse fator, mesmo que tenha tido uma leve redução no desvio padrão (de 0,35 para 0,34), o que pode ser considerado irrelevante. Levando em consideração o QUADRO 4, observou-se que o grupo de professores tem flexibilidade e habilidade para ouvir opiniões diversas antes de tomar decisões o que facilita a liderança de grupos. Há predomínio da criatividade na comunicação, com facilidade para utilizar analogias e metáforas a fim de ser melhor compreendido. Tem capacidade de visualizar e desenvolver objetivos em longo prazo, com habilidade para atuar em situações de maior risco. Costumam se preocupar com a preservação da natureza e respeitam a ecologia, aspectos importantes para o professor.

No fator 4, Independência de Julgamento, os resultados tanto no pré-teste quanto no pós-teste apresentaram-se baixos, média de 1,68 com desvio padrão de 0,60 e média de 1,57 com desvio padrão de 0,57, respectivamente. Esse resultado demonstra que houve uma baixa identificação com esse fator. Esse fator está abaixo da média ou é inferior e de acordo com o QUADRO 4, é preciso compreendê-lo como aspectos “negativos” na personalidade criativa do grupo. Há predomínio de certa impulsividade, com pensamento pouco sistemático, preferindo situações que envolvam maior risco, nas quais possam experimentar novas ideias, saindo da rotina. Por apresentar confiança nas ideias, tendem

a expressá-las de forma assertiva, mas com certa impulsividade o que pode comprometer os resultados. Costumam ter um pensamento mais flexível e otimista, com habilidade de adaptação em detrimento de um pensamento mais crítico, avaliador e sistemático. O alto nível de imaginação os leva a ter predominância das ideias e da fantasia sobre os fatos em prejuízo de uma atitude mais reflexiva, avaliando pouco as consequências de uma ação. São sociáveis e gostam de trabalhar em grupo o que pode comprometer atividades em que precisam realizar trabalhos individuais. Podemos avaliar que tais características não são de todo negativas para o professor, sendo o perfil necessário para essa área, requerendo algum aprimoramento individual.

Quanto ao fator 5, Lógico Objetivo, o pré-teste mostrou uma média de 2,61 com desvio padrão de 0,58 e no pós-teste uma média de 2,63 com um desvio padrão de 0,38. A média tanto no pré-teste quanto no pós-teste indicou que os participantes se identificaram de forma moderada com esse fator, não havendo alteração significativa. Contudo, o desvio padrão diminuiu consideravelmente (de 0,58 para 0,38), indicando maior homogeneidade nas respostas no pós-teste. Em consonância com as características apresentadas no QUADRO 4, o grupo tende a ter um pensamento lógico, racional e pragmático, preferindo atividades já estruturadas e com soluções conhecidas, com certa facilidade para seguir regras e ter persistência nas ações. Costuma ser reflexivo em algumas ações, preferindo controlar as emoções, uma vez que pode apresentar alguma dificuldade para lidar com pessoas pouco objetivas e evasivas. Esse perfil parece ser contraditório aos anteriores, mas considerando Garcês et al. (2014) e Wechsler (2006), normalmente temos uma associação de todos os estilos de criatividade, sendo que alguns são mais predominantes e outros menos. Wechsler (2006) cita que a criatividade envolve o pensamento divergente e o convergente, ou seja, primeiro acontece “a busca de novas ideias ou caminhos. Entretanto, posteriormente é necessário que exista o pensamento convergente, que avalia e critica as ideias obtidas no sentido de torná-las mais viáveis, práticas ou mais fáceis de serem divulgadas e adotadas” (p. 29).

Observou-se que o fator Relacional Divergente foi o que apresentou maior média em torno de 3,12, tanto no pré-teste quanto no pós-teste, esses resultados tiveram também maior precisão quanto ao desvio padrão relativo de 11,5% (pré-teste) e 11,1 (pós-teste), em relação aos demais fatores. Em contrapartida o fator Independência de Julgamento foi o que demonstrou menor média com valores de 1,68 e 1,57, para o pré-teste e o pós-teste, respectivamente, assim como o maior desvio padrão relativo de 35,5% (pré-teste) e 36,6%

(pós-teste) indicando uma baixa precisão. Os valores do desvio padrão relativo está apresentado na TABELA 5.

Precisamos entender aqui que estamos tratando da análise de um grupo que passou por um processo de intervenção, e não de individualidades, apesar de que as individualidades compõem o grupo. Entendemos que os resultados são significativos, uma vez que o fator Relacional Divergente tem a maior média e quando associado a maior precisão com relação ao desvio padrão, nos remete a pensar que o grupo de professores tem um perfil flexível e aberto a novas opiniões e as leva em consideração na tomada de decisão, sendo criativo na comunicação de suas ideias. Ter a preocupação com a natureza e saber trabalhar com projetos a longo prazo é de suma importância, porque a educação não é algo que se concretiza em curto prazo. Essa característica na escala de personalidade criativa se manteve no pré-teste e pós-teste, sendo aspectos importantes para o desenvolvimento do trabalho do professor. É justificável que o menor resultado esteja relacionado à Independência de Julgamento, mas também é o que tem menor precisão, ou seja, há muita oscilação nas respostas, o que seria importante uma nova avaliação a médio e longo prazo. Entretanto, esse fator apresenta coerência com o anterior, pois ambos avaliam que os professores gostam de experimentar novas ideias e que não gostam da rotina, contudo precisam ter domínio da impulsividade tanto nas atitudes quanto na exposição das ideias, a confiança em excesso pode prejudicar os resultados. Os dois fatores convergem no que diz respeito a flexibilidade, capacidade de adaptação, sociabilidade e imaginação, contudo é necessário ter uma certa cautela e ser mais crítico, avaliando os prós e contras de todas as situações, não se precipitando nas atitudes. Observou-se que esse segundo fator também não sofreu muitas alterações após a intervenção, sendo importante avaliações posteriores, após a utilização diária da contação de histórias a médio e longo prazo.

TABELA 5 - DESVIO PADRÃO RELATIVO

Fator	Pré-teste	Pós-teste
Inconformista Transformador	28,6%	19,2%
Emocional Intuitivo	18,1%	13,2%
Relacional Divergente	11,5%	11,1%
Independência de Julgamento	35,5%	36,6%
Lógico Objetivo	22,2%	14,6%

FONTE: A autora (2025)

A análise dos dados identificados a partir do Teste de Correlação de Spearman tem o objetivo de verificar as correlações entre as variáveis (idade, sexo, escolaridade e atuação) e os fatores de criatividade (Inconformista Transformador, Emocional Intuitivo, Relacional Divergente, Independência de Julgamento e Lógico Objetivo). Foi utilizada a estatística não paramétrica devido ao número limitado de dados. A TABELA 6 apresenta os dados do teste de correlação de Spearman.

TABELA 6 - TESTE DE CORRELAÇÃO DE SPEARMAN

Coleta		Idade	Sexo	Escolaridade	Atuação	A	B	C	D	E	
Pré-Teste	Idade		-	0,418	0	-0,43	-0,48	<b>-,724**</b>	0,061	<b>-,671*</b>	
	Sexo	0,522		-0,218	-0,408	0,29	0,291	0,411	0,407	0,53	
	Escolaridade	0,418	-		0,089	0,114	0	-0,115	0,381	-0,116	
	Atuação	0	-	0,408		0,071	0,285	0,324	0,036	0	
	A	-0,43	0,29	-0,114	-0,071		<b>,815**</b>	<b>,718**</b>	0,377	<b>,837**</b>	
	B	-0,48	0,291	0	0,285	<b>,815**</b>		<b>,898**</b>	0,485	<b>,920**</b>	
	C	-	<b>,724**</b>	0,411	-0,115	0,324	<b>,718**</b>	<b>,898**</b>		0,292	<b>,916**</b>
	D	0,061	0,407	-0,381	-0,036	0,377	0,485	0,292			0,383
	E	<b>-,671*</b>	0,53	-0,116	0	<b>,837**</b>	<b>,920**</b>	<b>,916**</b>	0,383		
	Pós-Teste	Idade		-	0,418	0	-	-0,463	<b>-,621*</b>	-	-0,474
Sexo		0,522		-0,218	-0,408	0,268	0,35	0,24	0,467	0,236	
Escolaridade		0,418	-		0,089	0	-0,229	-0,511	0,382	-0,27	
Atuação		0	-	0,408		0,25	0,179	0,11	0,107	0	
A		0,268	0,35	0	0,25		<b>,666*</b>	0,063	<b>,586*</b>	0,176	
B		0,463	0,35	-0,229	0,179	<b>,666*</b>		0,038	<b>,620*</b>	<b>,808**</b>	
C		<b>-,621*</b>	0,24	-0,511	0,11	0,063	0,038		-	0,147	
D		0,305	0,467	-0,382	0,107	<b>,586*</b>	<b>,620*</b>	-0,032		0,443	
E		-	0,474	0,236	-0,27	0	0,176	<b>,808**</b>	0,147	0,443	

FONTE: A autora (2025)

NOTA: A: Inconformista Transformador; B: Emocional Intuitivo; C: Relacional Divergente; D: Independência de Julgamento; E: Lógico Objetivo.

LEGENDA: \*: Correlação significativa ao nível de 0,05

\*\* : Correlação significativa ao nível de 0,01

Coefficiente de correlação: variam de -1 a 1

No pré-teste, os dados mostram que houve correlação negativa e significativa entre a Idade e a resposta às variáveis “Relacional Divergente” (-0,724,  $p < 0,01$ ) e “Lógico Objetivo” (-0,0671,  $p < 0,05$ ), indicando que conforme a idade aumenta, há menor identificação com esses fatores, ou seja, quanto mais jovem o participante, maior a tendência a se identificar. A correlação negativa e significativa se manteve quanto ao fator “Relacional Divergente” (0,621,  $p < 0,05$ ). É possível inferir que no pós-teste a percepção da resposta às variáveis que compõe o fator “Lógico Objetivo” não manteve a correlação negativa e significativa porque os participantes mudaram a sua percepção após a intervenção (curso). Nesse sentido, essa pesquisa precisa ser replicada com um número maior de participantes para estabelecer a relação causal entre os fatores e identificar o que desencadeou o resultado. Como hipótese, talvez haja a possibilidade de que os participantes mais velhos também se identificaram com o fator após o curso, mas pode ser que os participantes mais novos deixaram de se identificar. Assim, qualquer uma das explicações estabelece a correlação dos dados.

Observa-se que não houve correlações significativas entre o sexo, nível educacional e atuação com os fatores, tanto no pré-teste quanto no pós-teste, indicando que gênero, formação educacional e atuação não proporcionaram impacto na identificação em relação a esses fatores. Esse resultado condiz parcialmente com os dados encontrados por Garcês (2014), uma vez que “a variável gênero revelou apenas diferenças significativas para o fator lógico/ objetivo, com valores superiores para o gênero masculino” (p. 55). Com relação a faixa etária Garcês (2014) e Wechsler (2006), os indivíduos com idade superior a 25 anos tiveram diferenças significativas com médias mais elevadas para todos os fatores. Entendemos que os nossos resultados não sofreram impactos significativos com relação a idade e a formação, por termos uma amostra pequena, com idade e formação semelhantes, visto que todos os participantes são professores da educação infantil ou anos iniciais.

Houve correlações fortes e significativas entre os fatores Inconformista Transformador, Emocional Intuitivo, Relacional Divergente e Lógico Objetivo, indicando que quando os participantes se identificam com um dos fatores tendem a se identificar com os outros, aspecto que vai ao encontro da análise descritiva realizada.

Observou-se no pré-teste correlações significativas entre Emocional Intuitivo e Relacional Divergente (0,898,  $p < 0,01$ ), e entre Emocional Intuitivo e Lógico Objetivo (0,920,  $p < 0,01$ ), indicando uma forte relação entre esses fatores. Contudo, no pós-teste as correlações diminuíram entre esses fatores, apresentando uma certa correlação significativa do Inconformista Transformador com Emocional Intuitivo (0,666,  $p < 0,05$ ) e com Independência de Julgamento (0,586,  $p < 0,05$ ), podendo ter uma certa conexão entre eles. Notou-se ainda que o fator Emocional Intuitivo tem uma correlação um pouco mais forte e significativa com o Lógico Objetivo (0,808,  $p < 0,01$ ), sugerindo que os participantes tendem a combinar o fator Identificação Emocional com o Lógico Objetivo na Escala de Personalidade Criativa. Na literatura também foi encontrada a existência de correlações significativas, de modo positivo ou negativo, entre os fatores, entendendo que uma pessoa não tem um único estilo, mas pode se utilizar de estilos diferenciados, bem como pode desenvolver novos estilos ao longo do seu desenvolvimento (Garcês et al., 2014, Wechsler, 2006).

Os resultados apresentados indicam que, embora as variáveis demográficas (idade, sexo, escolaridade) não influenciem fortemente a maioria dos fatores, a idade tem uma relação significativa com alguns deles, e os fatores entre si também têm inter-relações consistentes.

A análise dos resultados do Teste t de *Student* pode ser dividida por grupo, levando em consideração as médias (*Mean*), os valores de desvios padrão (*Standard Deviation*), e os erros padrão da média (*Standard Error Mean*) para os diferentes fatores, conforme apresentados na TABELA 7.

TABELA 7 - TESTE DE *STUDENT* (T)

Fatores avaliados	Coleta	N	Média	Desvio padrão	Desvio padrão do erro
Inconformista Transformador	Pré-Teste	10	2,5727	,73487	,23239
	Pós-Teste	10	2,6927	,51657	,16335
Emocional Intuitivo	Pré-Teste	10	2,8733	,51969	,16434
	Pós-Teste	10	2,8667	,37973	,12008
Relacional Divergente	Pré-Teste	10	3,1222	,35698	,11289
	Pós-Teste	10	3,1222	,34526	,10918
Independência de Julgamento	Pré-Teste	10	1,6833	,59709	,18882
	Pós-Teste	10	1,5714	,57538	,18195
Lógico Objetivo	Pré-Teste	10	2,6143	,58341	,18449
	Pós-Teste	10	2,6333	,38362	,12131

FONTE: A autora (2025)

Os resultados descritos na TABELA 7, indicam que de acordo com o teste t não foram constatadas diferenças expressivas nas médias de pré-teste e pós-teste na maior

parte dos fatores. Entretanto, o desvio padrão diminuiu em quase todos, sugerindo que houve maior precisão nos resultados do pós-teste, mas não impactou significativamente, o que indica que as intervenções realizadas não tiveram um impacto relevante.

A TABELA 8, Independent Samples Test, apresenta os resultados de uma análise estatística de testes de variância (Levene's Test for Equality of Variances) e igualdade de médias (t-test for Equality of Means) para os fatores analisados. Esse teste foi realizado para examinar se há diferenças estatísticas significativas entre os grupos no pré-teste e pós-teste com os resultados obtidos na Escala de Personalidade Criativa.

TABELA 8 - INDEPENDENT SAMPLES TEST

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
								Lower	Upper
Inconformista Transformador	0,331	0,572	-0,422	18	0,678	-0,12	0,28406	-0,71678	0,47678
			-0,422	16,149	0,678	-0,12	0,28406	-0,72172	0,48172
Emocional Intuitivo	2,998	0,1	0,033	18	0,974	0,00667	0,20354	-0,42095	0,43428
			0,033	16,479	0,974	0,00667	0,20354	-0,4238	0,43713
Relacional Divergente	0,117	0,736	0	18	1	0	0,15705	-0,32994	0,32994
			0	17,98	1	0	0,15705	-0,32997	0,32997
Independência de Julgamento	0,001	0,98	0,427	18	0,675	0,1119	0,26222	-0,439	0,66281
			0,427	17,975	0,675	0,1119	0,26222	-0,43905	0,66286
Lógico Objetivo	6,89	0,017	-0,086	18	0,932	-	0,2208	-0,48293	0,44484
			-0,086	15,557	0,932	-	0,2208	-0,48821	0,45011

FONTE: A autora (2025)

Considerando a TABELA 8, os resultados indicam que não houve mudanças significativas nas médias entre o pré-teste e o pós-teste nos fatores analisados. O Teste de Levene demonstra que a maioria das variâncias são homogêneas (valores de significância  $> 0,05$ ), exceto o fator “Lógico Objetivo” que apresentou um F de 6,89. Essa não homogeneidade no último fator mencionado pode ocorrer devido a mudanças na resposta do participante a partir do pré-teste para o pós-teste, ou em função de diferenças na amostra, ou seja, algum item não respondido.

O teste t para igualdade de médias mostrou que os valores de significância (p-valores) foram muito maiores que 0,05, em todos os fatores, indicando que não há diferenças estatísticas significativas nas médias entre os pré-testes e pós-testes. Com

relação ao intervalo de confiança, todos os fatores abrangem o zero, o que comprova a ausência de diferenças significativas.

Considerando os dados apresentados nas análises estatísticas realizadas a partir do teste de Escala de Personalidade Criativa, não houve mudanças significativas antes e após a realização do curso de contação de histórias, indicando que os resultados foram relativamente homogêneos. Wechsler (2006, p. 27) salienta que “pessoas criativas não apresentam um padrão puro de pensamento ou comportamento, mas sim tendências preferenciais entre formas de agir e refletir”. Entre essas tendências, há uma ou duas que sobressaem, indicando o perfil de personalidade criativa, sendo que as demais ficam como secundárias, mas também podem ser desenvolvidas a partir de programas específicos. Na avaliação geral do grupo, observa-se uma combinação de personalidades criativas, que para Wechsler (2006, p. 50), é de extrema importância, podendo “levar a um alto nível de produção criativa e inovadora”. Contudo, salientamos que avaliamos os resultados do grupo, sendo importantes avaliações individuais em novos estudos, com o objetivo de compreender os tipos de criatividade e o quanto esta tem relação com o autoconhecimento de cada participante.

### 6.3 DISCUSSÃO

Os resultados indicam que propiciar ao professor uma formação prática e teórica em contação de histórias, bem como o exercício regular dessa atividade, colabora, em princípio, para o autoconhecimento, que amplia a consciência de si mesmo e do mundo, refletindo-se na autoeducação e no desenvolvimento da criatividade.

Nas análises, observamos que os professores estão em busca do desenvolvimento, tanto pessoal quanto profissional, e que enxergam na contação de histórias uma possibilidade de aprendizado para aprimorar o trabalho e lidar com as dificuldades que enfrentam no ambiente escolar. As histórias emergiram como uma importante ferramenta de transformação, não apenas para trabalhar com os alunos, mas também como uma oportunidade para desenvolver aspectos emocionais, melhorar as relações interpessoais e ampliar as ideias, ajudando-os a lidar melhor com suas dificuldades e limitações.

Os depoimentos realizados antes da intervenção revelaram a expectativa de aprender uma nova técnica para trabalhar com a contação de histórias, conhecer novas narrativas e entender como atrair a atenção das crianças, já que sentiam que os alunos não

se interessavam pela literatura. Ao longo do curso, os participantes foram se encantando com as histórias contadas, com o conhecimento da literatura e com a arte que envolve narrador e ouvintes.

Era um misto de curiosidade, novas descobertas e prazer em olhar para si mesmos. Houve momentos em que contar histórias era apenas um detalhe; o mais importante era sentir e entender o que acontece com o ouvinte enquanto escuta as histórias, pois os professores percebiam que algo estava acontecendo com eles, primeiro como ouvintes, e depois, como narradores. As histórias ressoavam em seus inconscientes, e pontuaram que contar histórias estava sendo algo profundo e prazeroso, proporcionando-lhes autoconhecimento e satisfação pessoal. Corrêa e Osteto (2018) também discutem sobre a formação estética do professor, afirmando que é preciso que ele esteja encantado para encantar, e que, assim, terá uma consciência crítica acerca de si mesmo e da importância do seu trabalho.

Os depoimentos mostraram que tanto a formação quanto a prática de contação de histórias contribuíram para o autoconhecimento, a capacidade reflexiva e a autoconfiança dos participantes, proporcionando-lhes uma nova perspectiva sobre si mesmos. Esses resultados encontram respaldo na literatura que aborda a formação estético-criativa do professor e que explora a dimensão do sensível. Ostetto (2021) destaca a relevância da dança e das artes plásticas; Seixas e Osteto (2021) ressaltam a importância das linguagens expressivas e da meditação; e Ostetto e Bernardes (2019) enfocam o papel das imagens criativas e das narrativas autobiográficas.

Tais aspectos foram fundamentais e evoluíram gradativamente, trazendo alívio emocional e uma sensação de bem-estar, além de proporcionar ao professor maior satisfação em seu fazer pedagógico (Corrêa; Ostetto, 2019). Eles afirmaram que contar e ouvir histórias é uma forma de nutrir a imaginação e viver experiências transformadoras, que vão além da consciência que conseguem compreender. Esses aspectos reforçam a ideia de Jung quando argumenta sobre a importância da autoeducação do professor e que este só pode transmitir aos alunos aquilo que já desenvolveu em si mesmo, fora isso serão conhecimentos vazios que não servirão para os desenvolver em sua totalidade enquanto indivíduos (Jung, 2006).

Observou-se, ao longo da intervenção e na medida que os participantes exercitavam a contação de histórias, uma ampliação da visão de mundo do professor, proporcionando-lhes vivências que favoreceram a compreensão das próprias emoções e

do seu entorno (Corrêa; Ostetto, 2019). A experiência narrativa, aliada às reflexões profundas, tanto sobre si mesmo quanto sobre o outro, possibilitou atitudes mais empáticas e amorosas, que reverberou tanto em suas vidas pessoais quanto nas relações interpessoais. Esse desenvolvimento encontra ressonância com as ideias de Von Franz (2011), quando argumenta que as imagens simbólicas dos contos de fadas nos ajudam a ter a possibilidade de integrar consciente e inconsciente, propiciando maior clareza de quem somos e para que estamos aqui. Esse material simbólico, pode afetar cada indivíduo de maneira diferente, permitindo um progressivo autoconhecimento, condição favorável para a transformação pessoal (Jung, 2014b).

Assim, foi possível observar nos depoimentos dos participantes, ao final da intervenção, que eles reconheceram o poder e a importância de trabalhar a contação de histórias de forma consciente e significativa, pois essa prática afeta tanto a realidade presente quanto a futura, no sentido de quem somos e de quem queremos nos tornar (Jung, 2006).

A percepção sutil dos símbolos e arquétipos que emergem dos contos de fadas e dos mitos nos ajudou a perceber que os professores conseguiram visualizar um caminho possível para o autoconhecimento a partir da trajetória do herói, o que os fez refletir sobre suas próprias vidas. É nesse sentido que Jung (2006) e Von Franz (2011) sustentam a ideia de que o destino do ser humano é realizar aquilo que se é, na medida em que há um confronto entre as duas realidades anímicas existentes na psique, consciente e inconsciente, e que só a partir dessa integração ocorre a transformação. Esse processo de transformação acontece na relação com o outro, ou seja, a individuação é um modo de tornar-se único e verdadeiro, sendo mais íntegro e humano, consigo mesmo e nas relações sociais.

Ao longo do processo de intervenção em contação de histórias, observou-se o desenvolvimento da imaginação, da habilidade de comunicação e estratégias criativas ao narrar uma história, onde cada participante foi encontrando seu próprio modo de narrar, respeitando sua individualidade. Nesse sentido, Cosson (2020) ressalta que os professores são desafiados a explorar narrativas que muitas vezes refletem aspectos da condição humana, experiências de vida e valores culturais. Nos depoimentos os professores mencionaram que percebiam que a criatividade estava fluindo, conseguindo encontrar novas formas de ser e atuar. Assim, o professor pôde evoluir também enquanto leitor literário, seguindo a proposta de Cosson (2020), e seguir “da contação de histórias para

a humanização através da leitura, com práticas para formar leitores que saibam reconhecer uma maneira própria de ver e viver o mundo” (Cosson in Fritzen, Müller; 2022, p. 205).

Ainda que os participantes tenham percebido e declarado mudanças em relação à criatividade ao longo do projeto de intervenção, as análises estatísticas realizadas a partir do teste de Escala de Personalidade Criativa mostraram mudanças pouco significativas quando mensurados antes e após a realização do curso de contação de histórias. Pode-se salientar que sobressaíram alguns resultados que sofreram uma pequena alteração no que diz respeito à idade do participante em relação aos fatores Relacional Divergente e o Lógico Objetivo, indicando que quanto mais jovem o participante maior a tendência de se identificar com esses fatores. De acordo com Wechsler (2006), esses fatores estão relacionados a uma pessoa flexível que busca obter vários pontos de vista e ideias antes de tomar decisões, tendo facilidade para liderar grupos, pois procura atender às opiniões de seus membros. A autora ainda afirma que os “estilos podem coexistir num mesmo indivíduo, tal como a teoria original revela, ou seja, que estamos perante tendências de pensar e agir e não perante padrões puros de pensamento” (Wechsler, 2006). Nesse sentido, os resultados encontrados estão coerentes com os apresentados pela literatura. Entretanto, o teste de Escala de Personalidade Criativa não foi satisfatório para medir quantitativamente essa característica ao longo da intervenção, talvez em função da baixa aderência de participantes e o curto espaço de tempo entre o pré-teste e o pós-teste.

Neste estudo, avançamos no sentido de avaliar professores da educação infantil e dos anos iniciais, que não contavam histórias, mas tinham muito interesse em aprender tanto a técnica quanto a teoria. A partir daí, foi possível avaliar os participantes antes e após a intervenção e observar o processo de desenvolvimento ao longo de dez semanas, tendo os professores como protagonistas, aqueles que são ouvidos e considerados em sua individualidade. Obtivemos resultados significativos a partir dessa pausa para a aprendizagem e de um investimento no autoconhecimento do professor, não apenas em uma preparação técnica, mas também na sua autorreflexão. Em conformidade com os resultados coletados nas entrevistas, os questionários elaborados pela pesquisadora e os diários de campo, foi possível pensar que a formação do professor como contador de histórias e a prática consciente desse recurso contribuíram para o autoconhecimento, atingindo níveis mais profundos de reflexão, sendo um caminho possível para o processo de individuação, conforme Jung (2006).

Em estudos futuros, é indicativo avaliar de forma mais robusta a questão da criatividade, sendo importante ter uma amostra maior de participantes, que tenham disponibilidade e interesse em serem acompanhados individualmente, por um período mais extenso, como um ano, entre o pré-teste e o pós-teste. Isso possibilitará uma compreensão mais detalhada de como o autoconhecimento do professor impactam no desenvolvimento da criatividade. Além disso, recomenda-se a utilização de outros instrumentos de medida, além da Escala de Personalidade Criativa, para uma avaliação ampliada dessa característica.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo buscou compreender como ocorre o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade em professores da educação infantil e anos iniciais a partir da prática de contação de histórias.

Tivemos a oportunidade de aprofundar o conhecimento teórico e conceitual acerca da contação de histórias na formação continuada de professores. Observou-se que, no contexto educacional, essa prática caracteriza-se como um importante instrumento para promover a formação de leitores, visto que a oralidade antecede a alfabetização. Além disso, existe um crescimento no número de pesquisas que contemplam a contação de histórias e o desenvolvimento das crianças. Estudos recentes também abordam outras faixas etárias — adolescentes, adultos e idosos — em diferentes contextos sociais. Contudo, a figura do professor tem sido avaliada somente no que concerne a sua formação, com foco nos educandos, enquanto o autoconhecimento do professor permanece como aspecto secundário nesse processo.

A revisão de literatura, a partir de uma revisão integrativa, nos possibilitou reconhecer a produção científica sobre a contação de histórias e criatividade no Brasil, o que nos ajudou a compreender que os estudos também estão concentrados na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. A criatividade tende a ser um aspecto secundário nas pesquisas, com avaliações superficiais e subjetivas, preterindo o educador em prol dos educandos. Ainda são escassos os estudos direcionados à contação de histórias e à criatividade do professor, sendo ele sempre visto como aquele que ensina as crianças, enquanto o seu processo de autoconhecimento e autoeducação não recebe muita relevância.

Esse aspecto contraria outras pesquisas relacionadas à formação de professores, que sustentam a importância da autoeducação docente, principalmente no que diz respeito a uma formação estético-criativa na área da psicologia analítica. Essas pesquisas afirmam a importância “de se integrar [...] a dimensão estética como parte essencial do percurso formativo” (Seixas, Osteto, 2021, p. 21). Osteto (2021) defende que a inserção de programa de “formação cultural ampliado, articulado a propostas que levem à expansão de conhecimentos sensíveis e inteligíveis, ao refinamento dos sentidos e que potencializem oportunidades para a expressão poética do vivido” (p. 484), é essencial para a autoeducação e o desenvolvimento do professor.

Jung (2006) vê o professor como mediador do desenvolvimento da psique da criança, mas, para tanto, é necessário que desenvolva sua própria personalidade, para não exigir das crianças aquilo que não resolveu em si mesmo, sendo este o responsável por seu autoconhecimento. Assim, foi importante compreendermos a contação de histórias e o autoconhecimento no desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia analítica, na qual, Von Franz (1990) afirma que os contos de fadas e os mitos são expressões puras dos arquétipos, pois facilitam a conexão entre consciente e inconsciente, um aspecto fundamental para o desenvolvimento do processo de individuação. O acesso ao inconsciente coletivo é possível através dos símbolos e das imagens arquetípicas contidas nas histórias. A reflexão dos conteúdos que emergem nos aproxima da busca de ser quem se é, em profundidade e autenticidade, envolve o confronto com a sombra, a dissolução da persona, e a integração de arquétipos — como anima e animus —, levando a um caminho de transformação pessoal (Jung, 2006).

A triangulação de métodos de coleta de dados (Creswell, 2010), baseada nas informações obtidas no pré-teste e pós-teste a partir da intervenção e prática em contação de histórias por professores da educação infantil e anos iniciais em diferentes contextos educacionais, permitiu entender que essa prática contribuiu significativamente para o desenvolvimento profundo do professor, tendo sido essencial para seu autoconhecimento.

A partir da análise de dados das entrevistas, questionários e teste de Escala de Personalidade Criativa, encontramos resultados que fundamentam a importância da formação e prática continuada da contação de histórias por professores da educação infantil e dos anos iniciais como possibilidade de autoconhecimento e desenvolvimento da criatividade. A oportunidade de participar de um curso de formação em contação de histórias e fazer uso dessa ferramenta no exercício diário de sua prática, possibilitou ao

professor um fazer pedagógico mais consciente de sua posição enquanto educador, implicando no autoconhecimento que favorece o desenvolvimento tanto na esfera pessoal quanto profissional. Nas entrevistas, observou-se o interesse pela literatura e pela narrativa oral, com intenção de desenvolvimento enquanto indivíduos, contribuindo para mudanças de paradigma, aprendizados para as relações sociais e conhecimentos para a própria vida.

Levando em consideração os depoimentos dos participantes, foram elaboradas categorias para discutir o desenvolvimento do autoconhecimento de professores da educação infantil e anos iniciais antes e após a participação em curso de formação e prática de contação de histórias: autoconhecimento e transformação pessoal; autoconhecimento, desenvolvimento afetivo e as relações interpessoais; autoconhecimento e as histórias auxiliando na relação ensino-aprendizagem; autoconhecimento, desenvolvimento profissional e enfrentamento dos desafios.

Na primeira categoria, autoconhecimento e transformação pessoal, os depoimentos ressaltam como a prática contribuiu para a transformação pessoal, trazendo mais confiança e uma nova perspectiva sobre si mesmos, agregando autoconhecimento. Observou-se que há participantes que conseguem ter uma percepção mais sensível de sua existência, trazendo uma dimensão simbólica para explicar aquilo que vivem e que vai além da consciência que podem compreender. As histórias possibilitaram que entrassem em contato com os conteúdos sombrios da psique e lidassem com os aspectos da persona, sendo uma prova de esforço na busca do “eu” (Jung, 2006, 2014; Von Franz, 2011). Comentaram que as histórias são uma forma de lidar com os sentimentos, enquanto nutrem a imaginação e os transportam para outros lugares, oferecendo uma experiência transformadora e reconfortante.

Na segunda categoria, autoconhecimento, desenvolvimento afetivo e as relações interpessoais, as declarações retrataram a possibilidade de observar que a contação de histórias foi responsável pela ampliação da visão de mundo, pela compreensão das emoções, pelo cultivo da empatia e da paciência como uma possibilidade de uma relação professor/ aluno mais harmoniosa, aceitando a si mesmo e ao outro em sua individualidade. Os relatos dos professores enfatizaram o quanto as histórias são fontes de reflexão, desencadeiam emoções, promovem a autovalorização e a confiança em si mesmos, assim como se identificarem como agentes de transformação.

Na terceira categoria, autoconhecimento e as histórias auxiliando na relação ensino-aprendizagem, observou-se que os participantes reconhecem a importância da contação de histórias na relação ensino-aprendizagem, não apenas como uma ferramenta didática, mas como um recurso capaz de educar de forma humanizada. As narrativas podem ajudar o professor a ter uma relação mais próxima com os alunos, ser compreensivo, acolhedor e respeitar a individualidade humana. Os valores éticos e sociais também foram discutidos no contexto escolar, tendo nas histórias reais e imaginárias a possibilidade de desenvolvimento. Nos tempos atuais, mais do que nunca, é necessário que o professor tenha um olhar amplo e cuidadoso, observando a diversidade e a singularidade de cada indivíduo, acolhendo as diferenças.

A última categoria, autoconhecimento, desenvolvimento profissional e enfrentamento dos desafios, revela que os professores têm como objetivo o autoconhecimento, no sentido de auxiliá-los tanto pessoal quanto profissionalmente. A prática da contação de histórias abriu novos olhares para a educação e as experiências vividas, fortalecendo a identidade profissional e a autoestima, reconhecendo que é possível ser mais criativo na maneira de ensinar, com a possibilidade de transformar vidas por meio de uma educação mais humanizada.

Os resultados obtidos no teste de Escala de Personalidade Criativa possibilitaram avaliar o processo de desenvolvimento da criatividade antes e após a participação em um curso de formação e a prática de contação de histórias. Contudo, os resultados mostraram mudanças pouco significativas, talvez em função da baixa aderência de participantes ou do curto espaço de tempo entre as mensurações, do pré-teste e do pós-teste, sendo importante uma maior vivência para sedimentar mudanças mais consistentes quanto a criatividade.

É possível observar que os resultados obtidos indicam que a formação e a prática regular de contação de histórias possibilitaram aos professores um processo de autoconhecimento, decorrente da conquista de novos aprendizados e da ampliação de sua visão de mundo. Esse processo propiciou um aprofundamento nas reflexões sobre quem são e quem desejam ser, caracterizando-se como um caminho contínuo rumo à individuação, como sugere Jung (2006). Embora os resultados estatísticos tenham demonstrado mudanças pouco significativas antes e após a intervenção e a prática de contação de histórias, a observação pessoal de cada professor aponta que eles percebem mudanças em suas atitudes e relatam maior criatividade tanto na vida pessoal quanto

profissional. Dessa forma, a formação e a prática de contação de histórias por professores da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental justificam-se pela preparação aprofundada que proporcionam ao docente, possibilitando o autoconhecimento e o desenvolvimento gradual da criatividade.

A pesquisa em questão valida os resultados de Ostetto e Bernardes (2019), Seixas e Ostetto (2021) e Ostetto, (2021), reforçando a relevância da formação estético-criativa dos professores, assim como a exploração da dimensão do sensível por meio da dança e das artes visuais. Isso promove a autoeducação do professor e enriquece sua prática profissional. Este estudo avança e expande a discussão tradicional sobre o crescimento pessoal do professor, focando na prática contínua da contação de histórias e superando a perspectiva que se limita à preparação técnica em prol do desenvolvimento infantil (Melo et al., 2020; Pillotto et al., 2021; Paiva; Bezerra, 2023). Esta tese reforça os resultados de Abate e Stoltz (2019), que observaram o professor contador de histórias em seu processo de autodesenvolvimento, beneficiado pela relação afetiva que constrói com seus alunos, com as histórias que conta e com a atividade que realiza. Este professor passa a ser capaz de perceber mudanças não só em seus ouvintes, mas também em si mesmo, pela vivência de uma ação refletida a cada encontro.

Ao explorar a relação entre a educação e a psicologia junguiana, observa-se que uma formação e prática conscientes na contação de histórias oferecem ao educador uma oportunidade de cultivar o autoconhecimento. O contexto lúdico e o envolvimento emocional ao longo das narrativas facilitam o acesso e a integração de diversas dimensões de sua personalidade, ativando arquétipos e símbolos fundamentais no processo de individuação (Jung, 2006, 2014). Dessa forma, este trabalho ajuda a preencher uma lacuna importante na literatura, ao destacar que a formação do professor deveria abranger o desenvolvimento integral do ser, capacitando-o a educar com sensibilidade e profundidade, aspectos fundamentais para o exercício de uma educação mais humana e transformadora.

## REFERÊNCIAS

- ABATE, E. A. B. Envelhecimento e Individuação: Histórias e Imagens. In: AMORIM, S.; BILOTTA, F. A. (Org). **Jung e Saúde: Temas contemporâneos**. São Paulo: Paco Editorial, 2014. p. 163-187.
- ABATE, E. A. B.; STOLTZ, T. Contação de histórias e desenvolvimento do adulto contador. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, p. 1–17, 2019. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.14674.020. <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14674>
- ABATE, E.A.B.; STOLTZ, T. **Contação de histórias e autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social do professor contador**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, UFPR, PR, Curitiba, 2020. <https://www.prppg.ufpr.br/>
- ABREU, F.F.; DUMONT, L.M. Adolescentes e mediação da leitura em biblioteca escolar. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 388-402, jan/abr. 2021 doi: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245271.388-402>
- ALENCAR, E.S.; FLEITH, D.S.; BORGES, C.N.; BORUCHOVITCH, E. Criatividade em sala de aula: fatores inibidores e facilitadores segundo coordenadores pedagógicos. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 23, n. 3, p. 555-566, jul./set. 2018 <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230313>
- ANTUNES, D. D.; PLASZEWSKI, H. O ser professor em contínua construção. **Educação**. Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 30-40, jan.-abr. 2018 <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2018.1.29782>
- ARAÚJO, V.A. O professor mediador de leitura no ensino fundamental e médio: uma influente atuação para promover o letramento literário na escola. **Mosaico**, SJ Rio Preto, v. 19, n. 1, p. 141-157. 2021.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Obras escolhidas. 3. ed., v.1. Editora Brasiliense, 1987.
- BERTRAND, SARA. **Patos e lobos-marinhos: Conversas sobre literatura e juventude**. Trad. Cicero Oliveira. Editora: Selo Emília & Solisluna. 2021.
- BOTELHO, M.; GOULART, I. C. V. Leitura literária e contação de histórias em meio às impressões da leitura de crianças de 4 e 5 anos. **Revista A cor das Letras**, Feira de Santana, v. 21, n. 2, p. 99-114, maio-agosto de 2020. <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v21i2.5803>.
- BOTELHO, L. L. R., CUNHA, C. C. A., MACEDO, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, 5, 121-136. <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2020. Ministério da Educação. Na educação infantil. Orientação para gestores municipais sobre a implementação dos currículos baseados na base em creches e pré-escolas. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Conta pra Mim**: guia de literacia familiar. Brasília: MEC, SEALF, 2019

BRASIL/CNE. **Resolução CNE/CP Nº 1**, de 27 de outubro de 2020. Diário Oficial da União. Publicado em: 29/10/2020 | Edição: 208 | Seção: 1 | Página: 103. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-27-deoutubro-de-2020-285609724> >.

CARMO, M. C. S. do; SANTOS, K. C. dos. Quando contar histórias ultrapassa os muros da universidade: mostra performática sobre contos de esperança. **Revista A cor das Letras**, Feira de Santana, v. 21, n. 2, p. 66-75, maio-agosto de 2020. <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v21i2.5803>.

CHAMBERS, A. **El ambiente de la lectura**. Trad. Ana Tamarit Amieva. México. FCE, 2007.

CHESINI, I. M.; CRESTANI, A. H. SOUZA, A. P. R. de. Narratividade do professor: mediação e linguagem na sala de aula. **Rev. CEFAC**, São Paulo. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1516-18462013005000044>.

CORRÊA, C.A.; OSTETO, L.E. Sobre formação estética e docência: as professoras de educação infantil desejam mais arte! **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.4, n. Especial, set.- dez. 2018, p.23-37 ISSN:2446-6220

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo. Contexto. 2014.

COSSON, R. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo. Contexto. 2020.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3º ed. Porto Alegre, Artmed, 2010.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3º ed. Porto Alegre, Penso, 2014.

CRONBACH, L J., “My current thoughts on coefficient alpha and successors procedures”, **Educational and Psychological Measurement**, vol. 64, n.o 3, 391-418. 2004.

DAMIANI, M.F.; ROCHEFORT, R. S.; CASTRO, R.F. de.; DARIZ, M.R.; PINHEIRO, S.S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**. Pelotas, v. 45, p. 57 - 67, maio/agosto 2013. <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i45.3822>

DELVAL, J. **Introdução à prática do Método Clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FERREIRA, L. C.; OLIVEIRA, R. L. A contação de histórias como prática educativa. **Revista A cor das Letras**, Feira de Santana, v. 21, n. 2, p. 66-75, maio-agosto de 2020. <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v21i2.5803>.

FORDHAM, F. **Introdução à Psicologia de Jung**. Trad. Artur Parreira. 2ª edição. São Paulo, Verbo, 1990.

FREITAS, A.L. P.; RODRIGUES, S.G. A avaliação da confiabilidade de questionários: uma análise utilizando o coeficiente alfa de Cronbach. **XII SIMPEP** - Bauru, SP, Brasil, 2005.

FRITZEN, C.; MÜLLER, F., org. **Ensino de literatura na escola**: reflexões e práticas de letramento literário. São Paulo. Pimenta Cultural, 2022.

GARCÊS, S.; POCINHO, M.; WECHSLER, S. M.; JESUS, S.N. Estilos de Pensar e Criar na Região Autónoma da Madeira. ARTÍCULO PP: 55-68 **RIDEP**. Nº38 – VOL.2 – 2014.

GATTI, B.A.; BARRETO, E.S.S.; ANDRÉ, M.E.D.A.; ALMEIDA, P.C.A. Professores do Brasil: novos cenários de formação. - Brasília: **UNESCO**, 2019. 351 p. ISBN: 978-85-7652-239-3

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ COLLADO, C. **Metodologia de pesquisa**. 5º ed. Porto Alegre, Penso, 2013.

INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL. **INAF BRASIL 2018**. <https://alfabetismofuncional.org.br/publicacoes/>

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. 2021. **Retratos da leitura no Brasil 5** / organização Zoara Failla. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2021. p.328. <https://www.prolivro.org.br/>.

JAFFÉ, A. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Nova fronteira, 1975. 13º ed.

JANUSIS, T.P. Letramento literário e cultural na formação do professor e aluno. **Revista Científica FESA** - ISSN: 2676-0428. Ago. 2021 v. 1, n. 7, 147 – 156. ISSN: 2676-0428

JUNG, C.G. **O espírito na arte e na ciência**. 3ª edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 1991.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2003. 3ªed.

JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da Personalidade**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. especial. RJ. Nova Fronteira, 2008.

JUNG, C.G. **A energia psíquica**. Edição digital. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

- JUNG, C.G. **A natureza da psique. Petrópolis.** RJ. Vozes, 2014a.
- JUNG, C.G. **O eu e o inconsciente.** Edição digital. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014b.
- JUNG, C.G. **Aion – estudo sobre o simbolismo do si mesmo.** Edição digital. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015a.
- JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos.** Edição digital. Petrópolis, RJ. Vozes. 2015b.
- JUNG, C.G. **A vida simbólica.** Vol. 1, Edição digital. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015c.
- KERRY-MORAN, K. J. Improving Preservice Teachers' Expression in Read-Alouds. **Early Childhood Educ J**, Volume 44, ed. 6 , pp 661–670, 2016. DOI 10.1007/s10643-015-0742-1.
- LAUFER, A. Jung e a educação para a personalidade. **Escola, Família e Educação: pesquisas emergentes na formação do ser humano** - ISBN 978-65-5360-165-9 - Vol. 1 - Ano 2022 - Editora Científica Digital - [www.editoracientifica.org](http://www.editoracientifica.org). DOI 10.37885/220609079
- LIDOINO, A.C.P.; SANTOS, D.M.; REIS, G.A. Reflexões sobre a formação continuada de professores na contemporaneidade. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, e19996473, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.6473>.
- LOURENÇO, A. Contando histórias e encantando nos espaços de leitura. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 1, n. 2, p. 28-31, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1442>.
- LOUSADA, M.G.; BARRETO, M.O. Autoconhecimento como estratégia formativa do professor. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 21, n. 70, p. 1372-1387, jul./set. 2021. <http://doi.org/10.7213/1981-416X.21.070.AO05>
- MARQUES, A.M.; TANAKA, L.H.; FÓZ, A.Q.B. Avaliação de programas de Intervenção para a aprendizagem socioemocional do Professor: Uma revisão integrativa **Revista Portuguesa de Educação**, 32(1), pp. 35-51. 2019. doi: 10.21814/rpe.15133
- MARTINS, L. M. B. Boas Práticas na Formação de Mediadores de Leitura e os Desafios do Ensino Remoto. **REBECIN**, São Paulo, v. 9, número especial, p. 1-14, 2022. DOI: 10.24208/rebin.v9inúmero especial.336.
- MELO, A. S.; DIAS, A. A.; SAMPAIO, M. L. P.; REGO, R. Q. A contação de história e seus contributos para a interação e desenvolvimento linguístico da criança. **Revista Olhares**, v.8, n.3 – Guarulhos, 2020. ISSN 2317-7853.
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ. 2021. <https://mppr.mp.br/>
- MIRANDA, M. I.; SILVA, V. A prática da contação de histórias por professoras da educação infantil. **Ensino Em Re-Vista** | Uberlândia, MG | v.26 | n.3 | p.745-762 | set./dez./2019 | ISSN: 1983-1730

MORAIS, M.F.; MIRANDA, L.C. Práticas Criativas em Sala de Aula e a Criatividade dos Docentes: Estudo Exploratório no Ensino Básico. **REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, 2021, 19(3), 61-76. <https://doi.org/10.15366/reice2021.19.3.004>.

NAKANO, T.C. Investigando a criatividade junto a professores: pesquisas brasileiras Revista Semestral da **Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)** \* Volume 13, Número 1, PP. 45-53, Janeiro/Junho de 2009.

NAKANO, T. C.; PRIMI, R.; ALVES, R.J.R. Habilidades do século XXI: relações entre criatividade e competências socioemocionais em estudantes brasileiros. DOSSIÊ - Criatividade, emoção e educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e81544, 2021.

NAKANO, T.C.; WECHSLER, S. M. Teste Brasileiro de Criatividade Figural: Proposta de Instrumento. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology** - 2006, Vol. 40, Num. 1 pp. 103-110.

OSTETTO, L. E. BERNARDES, R.K. Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte. **Revista @ambienteeducação**. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 2, p. 164-180 mai/ago, 2019. <https://doi.org/10.26843/ae19828632v12n22019p164a180>

OSTETO, L.E.; SEIXAS, C.G.S. Jung, Hillman e a educação: por outras lógicas na formação docente. **Educação**. Santa Maria, v. 46, 2021. <http://dx.doi.org/10.5902/1984644448055>.

PÁDUA, E.S.P.; SERBENA, C.A. Reflexões teóricas sobre a psicologia analítica. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, Brasil - V. 38, nº 94, jan./jun. 2018.

PILLOTTO, S. S. D.; CUNHA, L.C.; STAMM, E.; GARCIA, B.R.Z. Contação de história e infâncias: as narrativas (re) inventam-se. **Linhas Críticas**, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, v.27, 2021. [doi.org/10.26512/lc27202139147](https://doi.org/10.26512/lc27202139147).

PISKE, F. H. R.; STOLTZ, T. **Altas Habilidades/Superdotação (AH/ SD) e Criatividade**: Contribuições do Sociointeracionismo de Vygotsky e da Pedagogia Waldorf de Rudolf Steiner. Curitiba: Juruá, 2020.

PROGRAMME FOR INTERNATIONAL STUDENT ASSESMENT (PISA). **Results from Pisa 2018**. <http://www.oecd.org/pisa/>

REGIS PAIVA, A.S.S.; BEZERRA, K.G.C.S. Contação de história e seus enlacs: literatura, prática leitora e criatividade - **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, Salvador, v. 12 (1), p. 29-48, 2023. <https://doi.org/10.9771/re.v12i01.49616>.

RODRIGUES, E. B. T. Incentivo à leitura, contação de histórias e a formação de professores: um relato de experiência. **Cad. Ed. Tec. Soc.**, Inhumas, v. 8, n.1, p. 64-69, 2015. Disponível em: DOI: 10.14571/cets.v8i1.198.

RODRIGUES, I. P.; MOREIRA, F. G. Elaboração das vivências psíquicas: o papel da literatura. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, 1ºsem. 2017. V.35-1, p 61-70.

RODRIGUES, V.S.; LIMA, S.L. Contação de histórias: um caminho para despertar o gosto pela leitura. **Revista Thema**, v.17, n.2, p.545-555, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.15536/thema.V17.2020.545-555.1055>

SANTOS, B.S.; ANTUNES, D.D.; BERNARDI, J. O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 2008.

SANTOS, L. S.; ARAPIRACA, M. A. **A Emília que mora em cada um de nós: a constituição do "pedagogo-contador de histórias"**. In: Lima, Joara Porto de Avelar; Silva, Daniele Lima da; Barbosa, Ana Rita de Cássia Santos.. (Org.). *As interfaces da Educação e seus Desafios*. 1ed. Curitiba: CRV, v. 1, p. 63-75, 2019.

SANTOS, V.A.P. Professor mediador de leitura: a importância e a necessidade da formação docente para o ensino de leitura. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.1, p.7279-7291 jan. 2021.

SAXBY, G. Searching for a happily ever after: using fairy tales in primary classrooms to explore gender, subjectivity and the life-worlds of young people. **The Australian Journal of Language and Literacy**. 2022. v. 45, 219–232. <https://doi.org/10.1007/s44020-022-00017-z>

SCHLEDER, K. S.; HOLANDA, A. F. Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico. **Rev. abordagem gestalt [online]**. 2015, vol.21, n.1, pp.49-61. ISSN 1809-6867.

SCHLINDWEIN, L. M. As marcas da arte e da imaginação para uma formação humana sensível. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. Especial, p. 419-433, out., 2015.

SEIXAS, G.S.S.; OSTETTO, E.O. Espaço, arte e expressão na formação docente: iluminuras do sensível. **Perspectiva Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis. Vol.39, n. 3, p. 01, 2021. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2021.e70456>

SILVA, V. S.; SOUZA, R. J. Reflexões sobre a performance do contador de histórias. **Revista de Literatura, História e Memória**. Dossiê Performance e Literatura. Cascavel, vol. 13 nº 21 2017 p. 27-39. e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/16823.

SPINILLO, A.G.; LAUTERT, S.L. **Pesquisa-intervenção em psicologia do desenvolvimento cognitivo**: princípios metodológicos, contribuição teórica e aplicada. In L.R.de Castro; V.L. Besset. (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Editora NAU, Rio de Janeiro, 2008, p. 294-321.

STOLTZ, T.; WEGER, U.; VEIGA, M. da. Higher Education as Self Transformation. **Psychology Research**, v. 7, n. 2, 2017. p.104-111. Doi:10.17265/2159-5542/2017.02.004

STOLTZ, T. Apresentação - Criatividade e emoção na educação como desafio. DOSSIÊ - Criatividade, emoção e educação, **Educar em Revista**. Ver. 37, 2021. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.83545>

STOLTZ, T.; WIEHL, A. (ed.). Education, Spirituality, Creativity. **Reflections on Waldorf Education**. Germany: Springer VS, 2021.

VENDRAME, E.C.S.; PAULA, E.M.A.T. Histórias que brincam e encantam: o contar histórias na formação docente. **Revista Conexão**, UEPG. v.16.13483.001. Ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.16.13483.001>

VON FRANZ, M.L. **A individuação nos contos de fada**. São Paulo. Coleção Amor e Psique. Paulus, 5ª edição, 2008.

VON FRANZ, M.L. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo. Coleção Amor e Psique. Paulus, 1990.

VON FRANZ, M.L. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. São Paulo. Coleção Amor e Psique. Paulus, 1985.

VON FRANZ, M.L. **Mitos de criação**. Coleção Amor e Psique. Paulus, 2º edição, 2011.

WECHSLER, S.M. Avaliação da Criatividade Verbal no Contexto Brasileiro. **Avaliação Psicológica**, 2004, (3)1, pp. 21-31.

WECHSLER, S.M. **Estilos de Pensar e Criar**. IDB – Impressão Digital do Brasil – LAMP/ PUC - Campinas – SP, 2006, 128 pg. ISBN 858923311-1

WECHSLER, S.M; NAKANO, T.C. Creativity and Innovation: Skills for the 21<sup>st</sup> Century. Thematic section: creativity and innovation. **Estud. psicol.** 35 (3), Jul-Sep 2018. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000300002>

WECHSLER, S. M. Identifying creative strengths in the verbal forms of the Torrance tests of creative thinking. Dissertation abstracts international. 42,3521a. **University microfilms**. 1981. n. 82,01588.

WECHSLER, S. M. **Criatividade: descobrindo e encorajando**. Campinas: Editora Psy. 1993.

WECHSLER, S. M. Avaliação multidimensional da criatividade: uma realidade necessária Multidimensional creativity assessment: an urgent reality. **Psicol. esc. educ.** [online]. 1998, vol.2, n.2, pp. 89-99. ISSN 1413-8557

XIAO, M.; AMZAH, F.; RONG, W. Experience of Beauty: Valuing Emotional Engagement and Collaboration in Teacher-Child Storytelling Activities. **International Journal of Learning, Teaching and Educational Research**. Vol. 22, No. 2, pp. 165-187, February 2023. <https://doi.org/10.26803/ijlter.22.2.10>

YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, T. **Manual de Cambridge para Estudos junguianos**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.

## APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO INICIAL

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Outros cursos: \_\_\_\_\_

Onde trabalha: \_\_\_\_\_

Quais séries você atende: \_\_\_\_\_

1. Você conta histórias: \_\_\_\_\_

2. Você gosta de ouvir histórias? ( ) Gosto ( ) Gosto um pouco ( ) Não gosto

3. Você lê?

( ) Somente conteúdos técnicos relacionados à profissão

( ) Costuma ler por prazer

Comente sua resposta \_\_\_\_\_

4. Qual foi o último livro que leu por prazer? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo? \_\_\_\_\_ Autor: \_\_\_\_\_

5. Como se sente quando lê ou ouve uma história? \_\_\_\_\_

6. Você acha que ouvir histórias te ajuda a pensar sobre si mesmo?

( ) Sim ( ) Não ( ) Nunca pensei nisso

Comente sua resposta \_\_\_\_\_

7. Você acha que contar histórias pode contribuir para o desenvolvimento da criatividade?

( ) Sim ( ) Não ( ) Nunca pensei nisso

Comente sua resposta \_\_\_\_\_

8. Você acha que contar e ouvir histórias pode contribuir para o letramento literário? ( )

Sim ( ) Não ( ) Nunca pensei nisso

Comente sua resposta \_\_\_\_\_

9. Que expectativas você tem com relação à formação de contador de histórias?

\_\_\_\_\_

**APÊNDICE 2: ENTREVISTA INICIAL**

1. O que te motivou a participar do projeto de contação de histórias?
2. Você tem alguma formação em contação de histórias?
3. Quais são as suas expectativas com relação ao projeto de contação de histórias?
4. Você acha possível introduzir a contação de histórias na sua prática?
5. O que você pretende com a contação de histórias?
6. Você acha que as histórias podem ajudar de alguma forma os seus alunos?
7. Você acha que a contação de histórias pode contribuir de alguma forma para o seu autoconhecimento?
8. Você acha que a contação de histórias pode despertar o interesse pela leitura?
9. Você acha que a contação de histórias pode contribuir de alguma forma para a sua criatividade?
10. Você já aprendeu com alguma história que você tenha lido ou ouvido?

**APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO FINAL**

Codinome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

1. Como foi participar da formação em contação de histórias?

 Bom  Ruim  IndiferenteComente sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. Como foi sua experiência em desenvolver rodas de contação de histórias?

 Boa  Ruim  IndiferenteComente sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Cite três sentimentos que surgiram: \_\_\_\_\_

3. As rodas de contação de histórias ampliaram o seu interesse por literatura?

 Nada  Um pouco  MuitoComente sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4. A formação e as rodas de contação de histórias te ajudaram a pensar sobre si mesmo?

 Sim  Não  PoucoComente sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5. A formação e as rodas de contação de histórias possibilitaram a ampliação da sua criatividade?

 Sim  Não  PoucoComente sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Como foi participar de um curso para o seu autoconhecimento?

 Bom  Ruim  IndiferenteComente sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7. Você participaria de outros cursos de formação para o autoconhecimento?

 Sim  Não  TalvezComente sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8. Você recomendaria para seus amigos participarem desta formação?

 sim  NãoComente sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

9. Nesse período do curso e das rodas de contação, algo mudou em você?

 Sim  NãoComente sua resposta \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**APÊNDICE 4: ENTREVISTA FINAL**

1. Como você se sentiu participando do projeto de contação de histórias?
2. As suas expectativas com relação ao projeto de contação de histórias foram atendidas?
3. Você acha que o curso contribuiu de alguma forma para você introduzir a contação de histórias na sua prática?
4. O que você pretende com a contação de histórias a partir de agora?
5. Você acha que as histórias auxiliaram os seus alunos de alguma forma?
7. Você acha que a contação de histórias contribuiu de alguma forma para o seu autoconhecimento?
8. Você acha que a contação de histórias despertou em você o interesse pela leitura?
9. Você acha que a contação de histórias contribuiu de alguma forma para a sua criatividade?
10. Você lembra de alguma história que tenha contado ao longo desses encontros que possa ter despertado alguma reflexão sobre si mesma?



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E  
FINANÇAS  
COORDENADORIA DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

## APÊNDICE 5 - PROPOSTA - PLANO DE TRABALHO

### Características gerais

<b>Tipo de objeto:</b> Evento de extensão
<b>Título do objeto:</b> Contar histórias: uma prática necessária na formação de professores (as) da educação infantil.
<b>Objetivo Geral:</b> Desenvolver conhecimentos sobre a prática de contação de histórias junto à professores (as) da educação infantil.
<p><b>Objetivos específicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a importância da contação de história na funcionalidade cerebral nas diferentes fases: criança, adolescência, adulta e longa.</li> <li>- Conhecer o processo de desenvolvimento infantil e a importância da formação de imagens.</li> <li>- Identificar os principais tipos de literatura infantil.</li> <li>- Explorar os contos de fadas na educação infantil.</li> <li>- Reconhecer a trajetória do herói nos contos.</li> <li>- Conhecer técnicas da contação de histórias.</li> <li>- Praticar a contação de histórias.</li> </ul>
<b>Justificativa:</b> Ampliar o conhecimento sobre a prática da contação de histórias na educação infantil.
<b>Área temática:</b> Educação – Contação de histórias
<b>Período de execução:</b> 16/09/2023 à 25/11/2023
<b>Horário:</b> 09:00h às 12:00h
<b>Participantes:</b> Alunos (as) da graduação que atuem na educação infantil; professor ou membro da comunidade que atua na educação infantil, técnicos que tenham alguma ligação com atividades da educação infantil.
<b>Número de vagas:</b> estudantes UFPR 10, Técnicos 05, comunidade externa 15. Total 30 vagas.
<b>Modalidade:</b> Presencial
<b>Número de encontros:</b> 8 presenciais
<b>Metodologia:</b> Aulas expositivas e prática
<b>Avaliação:</b> participação das atividades teórico-práticas. Retorno oral e observações sobre as aulas. Avaliação do diário de campo realizando durante as atividades individuais. Questionário on-line ao final do curso para avaliação.
<b>Frequência:</b> 75%
<b>Aproveitamento:</b> 70%
<b>Certificação:</b> Participação em 75% das aulas e realização das atividades práticas, avaliadas por meio de diário de campo das professoras.
<b>Tipo de curso:</b> Gratuito
<b>Crêterios para inscrição:</b> ser professor (a) da educação infantil e/ ou anos iniciais em escolas públicas ou privadas; não ter participado de outros cursos de formação em contação de histórias.
<b>Inscrições por email:</b> <a href="mailto:elizabethabate@gmail.com">elizabethabate@gmail.com</a> até o dia 13/09/2023.

**Programa:****1. Aula – 16/09/23 - 9 às 12h - Desvendando o mundo mágico das histórias: uma abordagem neurobiológica – Profa. Dra. Anete Ferraz**

## Ementa:

- O papel das histórias sobre a funcionalidade cerebral.
- A arquitetura cerebral em diferentes faixas etárias.
- Processamento das imagens.
- Neuroplasticidade.
- Desenvolvimento cerebral.
- Vivências em contação de história.

**2. Aula – 23/09/23 - 9 às 12h – A importância da contação de histórias no desenvolvimento infantil – Profa. Ma. Felícia Siensem**

## Ementa:

- Apresentar a contação de histórias para a criança de 3 a 6 anos de idade na abordagem de Rudolf Steiner.
- Apresentar a contação de contos rítmicos e contos de fada adequados à cada faixa etária.
- Vivências em contação de histórias

**3. Aula – 30/09/23 - 9 às 12h – Literatura Infantil: do clássico ao contemporâneo – Prof. Dr. Cleber Fabiano**

## Ementa:

- Breve histórico da Literatura Infantil.
- Clássicos infantis: origens, características e principais autores. Perrault, Grimm e Andersen.
- Versões e revisitamentos.
- Vivências em contação de histórias.

**4. Aula – 07/10/23 - 9 às 12h – Técnicas de contação de histórias – Profa. Ma. Elizabete Abate e convidado Reinaldo Vendramini, contador de histórias**

## Ementa:

- Escolha das histórias.
- Memorização das imagens das histórias.
- Empostação da voz, respiração, pausa.
- Postura, direcionamento do olhar.
- Adereços.
- Vivências em contação de histórias.

**5. Aula – 21/10/23 - 9 às 12h - A jornada do herói – Profa. Ma. Elizabete Abate e convidada Prof. Adriane Zeni, contadora de histórias**

## Ementa:

- O processo de desenvolvimento do conto.
- O herói, a aventura e o regresso.
- Vivências em contação de histórias
- Exercícios práticos de contação de histórias com orientação supervisionada.

**6. Aula – 28/10/23 - 9 às 12h - Atividades práticas – Profa. Ma. Elizabete Abate**

Ementa:

- Vivências em contação de histórias
- Exercícios práticos de contação de histórias com orientação supervisionada.

**7. Aula – 11/11/23 - 9 às 12h - Atividades práticas – Profa. Ma. Elizabete Abate**

Ementa:

- Vivências em contação de histórias
- Exercícios práticos de contação de histórias com orientação supervisionada.

**8. Aula – 25/11/23 - 9 às 12h - Atividades práticas – Profa. Ma. Elizabete Abate**

Ementa:

- Vivências em contação de histórias
- Exercícios práticos de contação de histórias com orientação supervisionada.

\*Foram realizadas atividades práticas individuais pelos participantes em seus grupos de trabalho ou outros e anotações em diário de campo para orientação da profa. Ma. Elizabete Abate, nos dias 14/10, 04/11 e 18/11/23, totalizando 8h. Estas atividades fizeram parte da avaliação.

**Profissionais envolvidos:**

Tania Stoltz (CPF: 624.772.699-68; função: Coordenadora; Tipo: Docente; Unidade/Curso: DTFE – Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação.

<http://lattes.cnpq.br/6838853493819560>

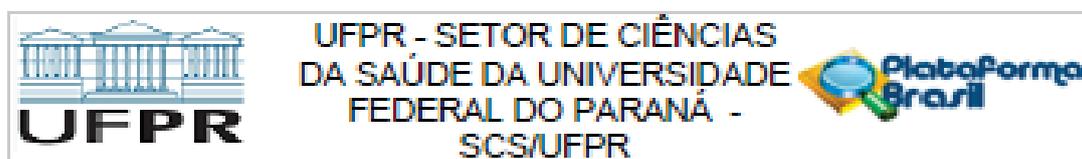
Elizabete Ap. Bragatto Abate; CPF 091.048.348-52; Função: Ministrante 02/09 a 09/12; Tipo: Aluno; Unidade/ Curso: PPGE – Coordenação do Programa de Pós-graduação em Educação; Doutoranda em educação; CH 23h. <http://lattes.cnpq.br/8207652433846662>

Felicia Siemsen CPF 132.808.438-80; função: ministrante 30/09/23; Tipo: aluno; Unidade/Curso: PPGE – Coordenação do Programa de pós-graduação; doutoranda em educação; CH 3h. <http://lattes.cnpq.br/1787626501832149>

Anete Curte Ferraz; CPF 288.832.330-34; Função: Ministrante 02/09; Tipo: colaborador; Professora aposentada UFR; doutora em ciências biológicas; CH 3h. <http://lattes.cnpq.br/6450130160853611>

Cléber Fabiano; CPF; Função: Ministrante 28/10; Tipo: colaborador; Doutor em educação; CH 3h. <http://lattes.cnpq.br/9324082856442197>

## APÊNDICE 6 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** AUTOCONHECIMENTO E CRIATIVIDADE DE PROFESSORAS (ES) DA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.

**Pesquisador:** TANIA STOLTZ

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 69329323.1.0000.0102

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-Graduação em Educação

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.214.473

#### Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa oriundo do Programa de Pós-Graduação em Educação. Título.

"AUTOCONHECIMENTO E CRIATIVIDADE DE PROFESSORAS (ES) DA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS"

**Pesquisador Principal:** Tania Stoltz

**Colaboradores:** Elizabete Aparecida Bragatto Abate

**Cronograma da pesquisa:** Maio/2022-10 Fevereiro/2025

#### Metodologia

"...o estudo se caracteriza como exploratório...Optou-se pela pesquisa de enfoque misto, qualitativo e quantitativo, de natureza exploratória, tendo como desenho a pesquisa-intervenção...o estudo também terá como desenho a pesquisa-intervenção por se tratar de um curso de extensão, que será realizado como formação de professores.

O curso de extensão ofertado será o principal instrumento para o desenvolvimento desta pesquisa, com carga horária de 40 horas, distribuídas em encontros híbridos, on-line e presencial, ao longo do primeiro semestre de 2023. Serão disponibilizadas 30 vagas para o curso de contação de histórias para professoras (es) da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que atuam em escolas públicas ou privadas. Para a triangulação de dados, serão utilizados os instrumentos e procedimentos de estudo

**Endereço:** Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

**Bairro:** Alto da Glória

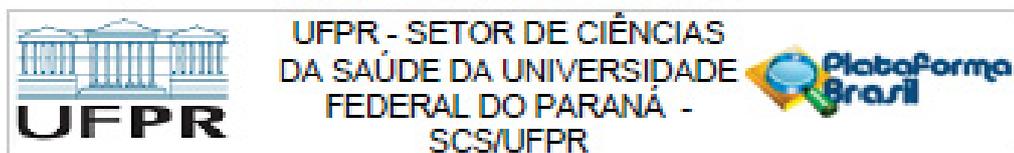
**CEP:** 80.060-240

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3360-7250

**E-mail:** cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 8214.473

empírico:

Questionário inicial e final elaborado pela pesquisadora; Teste de Avaliação da Criatividade por Palavras – Teste de Torrance; Entrevista

semiestruturada, inicial e final; Diário de campo... O método misto tem como proposta "a coleta e a análise de dados quantitativos e qualitativos, assim como sua integração e discussão conjunta, para realizar inferências como produto de toda a informação coletada e conseguir um maior entendimento do fenômeno em estudo...O teste de criatividade passará por análise estatística, utilizando o programa SPSS, versão 21, serão realizadas, a análise descritiva e a comparação entre os resultados do teste, antes e após a participação em curso de formação em contação de histórias. Os questionários também passarão por análise descritiva, considerando as variáveis dependentes e independentes. Os resultados serão discutidos por meio do diálogo entre a literatura contemporânea, a teoria Antroposófica e a Psicologia Analítica..."

18. Critérios de Inclusão e Exclusão

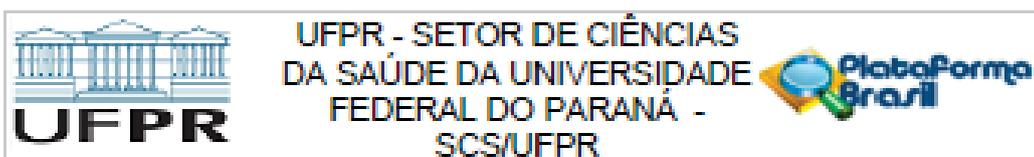
Foram considerados como critérios para a inclusão dos participantes os professores e professoras que atuam na educação infantil e nos anos iniciais da escola pública e/ ou privada que utilizam a contação de histórias em sua prática pedagógica.

Não serão incluídos os participantes que não trabalham com contação de histórias na educação infantil ou nos anos iniciais do ensino fundamental; aqueles que no decorrer da pesquisa não participarem de todas as etapas propostas: entrevista, grupo focal e realização do desenho; se num determinado momento da pesquisa ocorrer qualquer contratempo que o impossibilite de continuar ou se em algum momento, o participante decidir não mais dar continuidade; aqueles que não concordarem em assinar o TCLE.

17. Planos para o Recrutamento do Participante da Pesquisa

Inicialmente será feita a divulgação do curso de extensão em veículos que estejam ao alcance das professoras (es), será disponibilizado um formulário (Google Forms) para a inscrição. Aos interessados será enviado um questionário inicial (Apêndice A) que será analisado pela pesquisadora quanto aos critérios de elegibilidade. Todas (os) que atenderem aos pré-requisitos serão chamadas (os) para uma entrevista inicial, que poderá ser presencial ou on-line, dependendo da disponibilidade de cada interessada (o), a fim de serem averiguados os dados preenchidos no questionário e sanadas possíveis dúvidas. As professoras (es) serão instruídas quanto à pesquisa, teor do curso, comprometimento necessário para a participação, data de início e os procedimentos da pesquisa, posteriormente, será colhida a

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar  
 Bairro: Alto da Glória CEP: 80.060-340  
 UF: PR Município: CURITIBA  
 Telefone: (41)3360-7289 E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 8.214.473

assinatura no TCLE. No total, há a pretensão de pesquisar 30 participantes, podendo ter um número maior ou menor dependendo do interesse. Nesse momento também serão informados sobre o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, como funciona, seu endereço e telefone, e avisados de que podem entrar em contato em horários específicos para sanarem dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa."

#### Objetivo da Pesquisa:

##### \* Objetivo geral

Compreender o desenvolvimento do processo de autoconhecimento e da criatividade de professoras (es) da educação infantil, a partir da prática de contação de histórias.

##### Objetivos Específicos

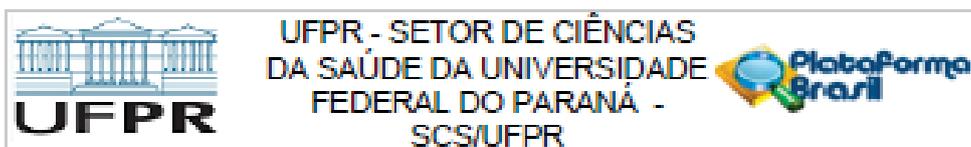
- Identificar, a partir de revisão sistemática, como a contação de histórias é utilizada na formação de professora (es) da educação infantil.
- Entender a relação entre contação de histórias e autoconhecimento a partir de revisão de literatura integrativa.
- Compreender a contação de histórias no desenvolvimento humano a partir da Antroposofia de Rudolf Steiner e da Psicologia Analítica de Carl Jung.
- Analisar o desenvolvimento do autoconhecimento e da criatividade de professores da educação infantil antes e após a prática da contação de histórias no ambiente escolar.
- Reconhecer a contação de histórias como possibilidade de desenvolvimento do letramento literário."

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

##### \*8. Análise Crítica de Riscos e Benefícios

O tipo de risco mais provável é a possibilidade de exposição de informações pessoais e profissionais em que o professor possa se sentir constrangido na entrevista com relação às perguntas referentes ao seu autoconhecimento e criatividade ou durante a participação do curso, podendo em alguns momentos se sentir constrangido em se expor. Neste caso, o (a) participante poderá interromper até sentir-se melhor ou mesmo desistir sem qualquer prejuízo. Caso o professor sinta que está sendo exposto, será orientado a sair do projeto de pesquisa sem nenhum problema, bem como será atendido individualmente pela

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar  
 Bairro: Alto da Glória CEP: 80.050-340  
 UF: PR Município: CURITIBA  
 Telefone: (41)3383-7250 E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 8.214.473

pesquisadora psicóloga, tendo a possibilidade de ser ouvido e respeitado em sua decisão. Este risco é possível em uma pesquisa desta natureza.

Apesar de os benefícios esperados com essa pesquisa poderem não ser percebidos imediatamente, os resultados poderão, no futuro, permitir compreender a importância da preparação do professor como contador de histórias e esta modalidade poderá então fazer parte de projetos de formação continuada. Poderá ainda contribuir para auxiliar as políticas públicas relacionadas à educação, que possam vir a desenvolver ações de formação de professores ou até mesmo ofertar na formação inicial dos pedagogos disciplinas obrigatórias relacionadas à contação de histórias, o que poderá fortalecer o letramento literário de professoras (es)."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto prevê financiamento próprio, contém previsão orçamentária, mas necessita de complementação. Não há descrição de ressarcimento ao participante de pesquisa, embora haja deslocamento. Contém medidas de sigilo e confidencialidade. A metodologia está adequada aos objetivos, embora apresente incongruências. Não há grupos vulneráveis no estudo, as medidas protetoras são frágeis.  
- Adequações realizadas nas pendências.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos estão adequados.

**Recomendações:**

- Revisar as resoluções- CNS-466/12 e 510/16.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Todas as pendências foram devidamente atendidas, com clareza, delineamento e correções do português, em todas as formas, vide abaixo.

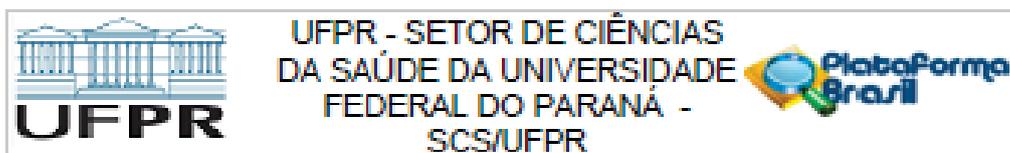
**Pendências atendidas:**

1. No Item RESUMO, onde se lê "ao longo do primeiro semestre de 2023." Solicita-se adequação, considerar a data atual, o tempo de resposta as pendências.

R: "a partir de setembro de 2023".

2. Quanto ao "Teste de Avaliação da Criatividade por Palavras – Teste de Torrance", considerar a eticidade na pesquisa. Solicita-se averiguar o grau atual de confiabilidade do teste, pois, apesar do

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar	CEP: 80.060-240
Bairro: Alto da Glória	
UF: PR	Município: CURITIBA
Telefone: (41)3363-7259	E-mail: comite.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 0.214.473

teste apresentar reconhecimento e validação anterior, existe uma observação do teste na página do GFP, de uso desfavorável desde 23/08/2018. Apurar a informação, pois pode ser indicativo de que o teste não passou por novas reavaliações. Segue o endereço do link: [https://satepsi.cfp.org.br/Lista\\_Testes\\_Completos.cfm](https://satepsi.cfp.org.br/Lista_Testes_Completos.cfm) Obs.: a retirada do "Teste de Torrance" do projeto de pesquisa implica readequar novamente objetivos, metodologia, TCLE, outros, e talvez título.

R: Foi observado na página do GFP o uso desfavorável desde 23/08/2018. Dessa forma, foi realizada a substituição do teste, como segue na página 12.

"Para avaliar o processo de desenvolvimento da criatividade antes e após a prática da contação de histórias será utilizada a Escala de Personalidade Criativa – EPC (GARCÊS et al., 2015), por se tratar de uma escala breve e validada, constituída de 30 itens, avaliados numa escala tipo Likert de 5 pontos (de 1= discordo totalmente a 5 = concordo totalmente) que se propõe a avaliar a pessoa ou personalidade criativa. Considera-se que quanto mais próximo de 5 é o valor atribuído, maior é a qualidade de características de uma personalidade criativa".

3. Item Metodologia, Instrumentos e procedimentos de coleta de dados, onde se lê: "A possibilidade de as pesquisadoras adicionarem perguntas não previstas ao questionário inicial poderá favorecer um diálogo amplo, aberto e profundo." - Entretanto, as perguntas adicionais deveram ser submetidas à análise ética, por meio de emenda, antes da aplicação. Lembrando que a emenda não pode trazer alterações significantes no projeto.

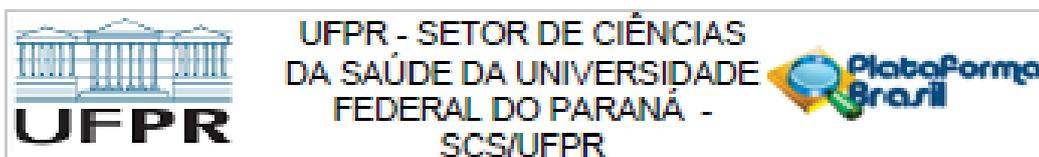
R: "O diálogo amplo, aberto e profundo motivado pelas questões norteadoras (descritas nos apêndices B e D) relacionadas ao autoconhecimento nos possibilitará compreender com clareza..."

4. – Item Metodologia, Instrumentos e procedimentos de coleta de dados, onde se lê: "Ao final de todas as transcrições, os áudios serão apagados...". - É necessário revistar a CNS- resolução 466/12, XI; do pesquisador responsável; F; e realizar as adequações. Pois, os dados da pesquisa devem ser mantidos em arquivo, físico ou digital, sob a guarda e responsabilidade do pesquisador principal, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

R; Considerar na página 12 "Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo, físico ou digital, sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora principal, por um período de 5 anos após o término da pesquisa, entretanto não manterá..."

5. Item Local de realização da pesquisa, onde se lê: "O contexto de realização da pesquisa com os

Endereço:	Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar	CEP:	80.060-240
Bairro:	Alto da Glória		
UF:	PR	Município:	CURITIBA
Telefone:	(41)3360-7289	E-mail:	comitea.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 8214473

participantes do estudo dar-se-á em uma Universidade Pública, localizado na região central da cidade de Curitiba..." - A pesquisa será realizada na UFPR? Favor, descrever o endereço e o nome completo da Universidade.

R: Considerar na página 15 "O projeto de pesquisa será desenvolvido e aplicado de modo on-line, as entrevistas e a aplicação dos questionários serão realizados individualmente, por meio do link <https://bbb.c3sl.ufpr.br/inv-mvHgb-tp7>, em horário agendado, considerando a disponibilidade da (o) participante". O curso de extensão em contação de histórias terá encontros previamente agendados pelas pesquisadoras por e-mail ou por Whatsapp, após a obtenção da lista de professoras (es) interessadas (os). As aulas serão ministradas no campus da Universidade Federal do Paraná, situado à Rua Rockefeller, 57, Edifício Teixeira Soares, Setor de educação, 2º pavimento, sala 238, Bairro Rebouças, Curitiba, PR.

6. Item Propriedade das Informações, escrevem: "que as informações desta pesquisa, considerando desde a coleta e até a análise dos dados, ficarão arquivadas com as pesquisadoras sob a responsabilidade das mesmas." Solicita-se adequar, pois a guarda do material é de responsabilidade do pesquisador principal, consultar CNS- resolução 466/12, XI; do pesquisador responsável; F, segue as mesmas orientações do item metodologia. Ainda na descrição, "Quanto ao conteúdo das entrevistas gravadas, depois de transcritos em uma planilha de dados, serão apagados." - Por gentileza, retirar a informação, já disponível no item metodologia, instrumentos e procedimentos de coleta de dados. - Lembrar as adequações apontadas, quanto ao tempo de armazenamento do material.

R: Considerar a correção na página 16 "ficarão arquivadas e sob a responsabilidade da pesquisadora principal, por um período de 5 anos após o término da pesquisa".

7. Quanto ao item Planos para o recrutamento do participante da pesquisa, onde se lê: "Inicialmente será feita a divulgação do curso de extensão em veículos que estejam ao alcance das professoras (es)", - Realizar adequações e esclarecer o "veículo" que será utilizado, com base nos critérios de cientificidade. - Qual o "veículo de alcance"?

R: Na página 17, foi substituído por "As (os) integrantes do projeto de pesquisa serão provenientes do curso de extensão. As pesquisadoras farão, ao final da primeira aula, uma breve explicação e convite para o projeto e deixarão claro que aqueles que não tiverem interesse continuarão como alunos do curso de extensão sem nenhum prejuízo. Será disponibilizado um link por e-mail ou Whatsapp de cada participante para que seja acessado o formulário de inscrição (Google Forms), no qual terão explicações mais detalhadas do projeto de pesquisa, tendo a liberdade para se

Endereço: Rua Padre Camargo, 265 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

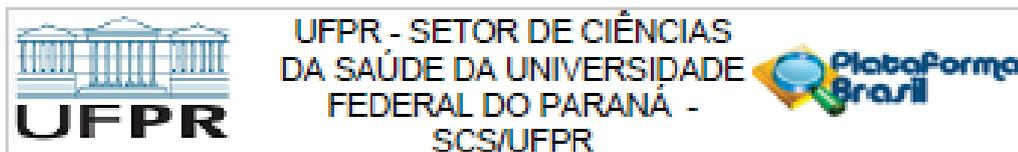
CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3060-7250

E-mail: [cometica.saude@ufpr.br](mailto:cometica.saude@ufpr.br)



Continuação do Parecer: 0.214.473

inscrever ou não. O curso de extensão será divulgado na página da UFPR, após aprovação do comitê setorial de extensão, setorial de extensão, e será disponibilizado um formulário (Google Forms) para inscrição."

8. Item Critérios de Inclusão e exclusão, solicita-se adequação, não exclui participantes já inclusos. - Considerar as características dos participantes, onde escrevem: "Não serão incluídos os participantes que não trabalham com contação de histórias na educação infantil ou nos anos iniciais do ensino fundamental..." - Solicita-se novamente rever a exclusão de participantes inclusos. - Onde se lê "se num determinado momento da pesquisa ocorrer qualquer contratempo que o impossibilite de continuar ou se em algum momento, o participante decidir não mais dar continuidade..." - Transferir a informação para o item critérios para encerrar a pesquisa. - Ainda, excluir a seguinte a informação: "... aqueles que não concordarem em assinar o TCLE". A informação é repetida. Os participantes que não concordam em assinar, não são participantes de pesquisa. - Ainda, esclarecer, onde se lê: "aqueles que no decorrer da pesquisa não participarem de todas as etapas propostas: entrevista, grupo focal..." - Não há descrição de grupo focal na metodologia. O grupo focal, faz parte da pesquisa? Se sim, detalhar na metodologia. - Consta no item Metodologia, Instrumentos e procedimentos de coleta de dados, referência ao método clínico (p.13).

R: - Na página 17, foi substituído por: "Foram considerados como critérios para a inclusão dos participantes na pesquisa as professoras (es) que atuam na educação infantil em escolas pública e/ ou privadas que não utilizam a contação de histórias em sua prática pedagógica e aquelas (es) que não tenham participado de nenhum curso nessa modalidade".

- "Considerar a nova redação na pág.17 "Serão excluídas (os) as (os) participantes que, em qualquer momento da pesquisa, tiverem qualquer contratempo que as (os) impossibilite de continuar, bem como participantes que não se enquadrarem nos grupos acima citados ou aqueles que no decorrer da pesquisa não participarem de todas as etapas propostas: questionário inicial e final, entrevista inicial e final, curso de extensão com frequência de 75% e aproveitamento mínimo de 70%, considerando normas do comitê setorial de extensão. "

- "Correção realizada "

- "Correção realizada"

- "Texto redigido novamente conforme já citado acima na pág. 18 "etapas propostas: questionário inicial e final, entrevista inicial e final, curso de extensão com frequência de 75% e aproveitamento mínimo de 70%, considerando normas do comitê setorial de extensão".

Endereço: Rua Padre Camargo, 205 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

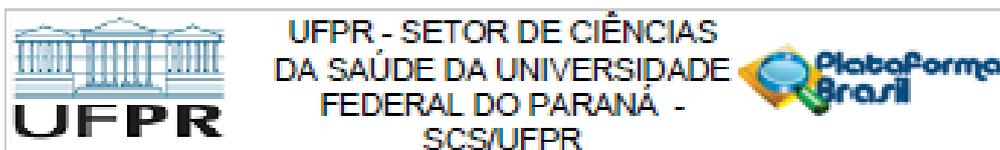
CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3363-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 0214/473

- "Não fará parte da pesquisa o grupo focal"
- "Citação realizada "Método clínico (DELVAL, 2002)".

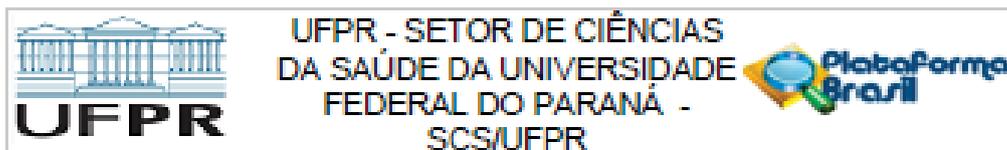
9. Item Medidas de proteção ou minimização de risco. Visto que escrevem: "Deixar o participante livre e bem à vontade para participar da pesquisa; não impor que o mesmo responda às perguntas e não induzir...". – Entretanto, a liberdade em participar da pesquisa, já está garantida nas resoluções. – Qual a medida de minimização para o risco, constrangimento? Qual critério será utilizado para reduzir o constrangimento? De que forma? - Considerar, a forma de pesquisa, o grupo de aproximadamente 30 pessoas.

R: Considerar o novo texto abaixo, descrito na página 18:

Como medida de proteção, a pesquisadora fará a leitura do TCLE e possíveis esclarecimentos na primeira entrevista e solicitará a assinatura do participante, aquele (a) professor (a) que não concordar com qualquer informação descrita no documento poderá se retirar da pesquisa sem nenhuma perda em qualquer etapa do processo de coleta de dados, estando a pesquisadora disponível para conversar pessoalmente e em ambiente reservado a fim de esclarecer qualquer dúvida do participante. A(s) pesquisadora(s), asseguram o caráter anônimo dos participantes da pesquisa e suas identidades serão protegidas. O participante receberá uma via do TCLE assinada e rubricada por ele e pelas pesquisadoras na primeira entrevista.

Com o objetivo de minimizar os riscos, todos os profissionais que participarão do curso de extensão como professores, serão especialistas, mestres ou doutores em sua expertise e serão preparados e orientados a não propor atividades que possam causar qualquer tipo de constrangimento, bem como as pesquisadoras estarão presentes e atentas em todos os encontros para que nenhum participante seja exposto ou participe de atividades que possam causar desconforto. Ainda assim, caso ocorra algum inconveniente em que o participante se sinta exposto ou constrangido, este poderá se ausentar até sentir-se melhor ou mesmo desistir do projeto de pesquisa sem qualquer prejuízo, bem como será atendido individualmente em sala reservada, pela pesquisadora psicóloga Elizabete Aparecida Bragatto Abate, inscrita no CRP sob o número 06/34382-7 - SP e subscrição 08/082 - PR, tendo a possibilidade de ser ouvido e respeitado em sua decisão. Caso seja necessário algum atendimento posteriormente, a mesma psicóloga se dispõe a atender o participante em seu consultório particular ou fará o encaminhamento para outros profissionais especialistas.

Endereço: Rua Pedro Camargo, 285 - 1º andar  
 Bairro: Alto da Glória CEP: 80.060-240  
 UF: PR Município: CURITIBA  
 Telefone: (41)3360-7250 E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 6214/473

10. Item Previsão de ressarcimento de gastos aos participantes da pesquisa, onde se lê: "As participantes da pesquisa terão somente o gasto de transporte até o local onde será ministrado o curso de extensão e onde será realizada toda a pesquisa..." - Solicita-se escrever com clareza a informação referente ao ressarcimento, sendo, responsabilidade dos pesquisadores, o ressarcimento aos participantes de pesquisa. CNS-resolução 466/12, II – dos termos e definições, II.21.

Considerar na pág. 18 "Os (as) participantes não terão gastos com transporte para a participação na pesquisa, compreendendo entrevista e resposta aos questionários, uma vez que essa etapa será realizada no modo on-line, caso haja necessidade de uma entrevista presencial, a pesquisadora irá ao encontro do participante em local definido por ele, desde que seja um ambiente adequado e que não comprometa a coleta de dados. Os gastos envolvidos na participação no curso de extensão serão de total responsabilidade das (os) participantes, uma vez que será de interesse de cada professor (a), estando livre para participar ou não da etapa de pesquisa."

11. Item Orçamento financeiro. - Complementar os gastos orçamentários previstos, por exemplo: rede de internet, energia elétrica, papel. - Ainda, considerar o deslocamento dos pesquisadores e dos participantes de pesquisa -professores. -

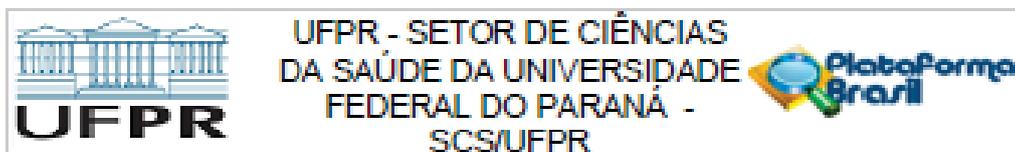
R: " Considerar na pág. 28 "As pesquisadoras farão a aquisição do material de papelaria e xerox no valor de R\$80,00, bem como terão o gasto com rede de internet no valor de R\$130,00 uma vez que as entrevistas e aplicação do teste será na modalidade on-line, também haverá custo com transporte das pesquisadoras para a realização das entrevistas e aplicação dos testes quando necessário no valor aproximado de R\$150,00, totalizando R\$ 360,00 que será custeado pelas pesquisadoras".

- Termos faltantes. - Apresentar o termo de autorização de uso de áudio 12. OK.

- Letra C, onde se lê: "Para tanto você professor (a) deverá comparecer na Rua Rockefeller, 57, Rebouças para a participação do curso de extensão, das entrevistas e da realização do teste de criatividade. As aulas e realização das atividades citadas terão duração de 5 horas, totalizando 8 encontros." - Por gentileza, esclarecer melhor o local de realização da pesquisa, por exemplo: UFPR, prédio, outras.

R O projeto de pesquisa será desenvolvido e aplicado de modo on-line, as entrevistas e a aplicação

Endereço:	Rua Padre Camargo, 265 - 1º andar	CEP:	80.060-240
Bairro:	Alto da Glória		
UF:	PR	Município:	CURITIBA
Telefone:	(41)3360-7259	E-mail:	cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 8.214.473

dos questionários serão realizados individualmente, por meio do link <https://bbb.c3sl.ufpr.br/biniv-mvH-gb-kp7>, em horário agendado, considerando a disponibilidade de cada participante. O curso meio de preparação do professor será realizado no campus Rebouças da Universidade Federal do Paraná, situada à Rua Rockefeller, 57, Edifício Teixeira Soares, Setor de Educação, 2º pavimento, sala 238, Bairro Rebouças, Curitiba, PR. As aulas terão duração de 4 horas, totalizando 8 encontros\*

13. – Letra k-, onde se lê: "As despesas necessárias para a realização da pesquisa relacionadas ao transporte de deslocamento para as aulas presenciais serão de sua responsabilidade e o senhor (a) não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação." - Realizar as adequações necessárias, de acordo - CNS-resolução 466/12, II – dos termos e definições, II.21. - O ressarcimento ao participante de pesquisa está contemplado nas resoluções, portanto o deslocamento até o local da pesquisa e outros gastos são de responsabilidade dos pesquisadores.

R: ".\* Considerar: Não haverá despesas para a participação do projeto de pesquisa, pois será desenvolvido e aplicado no modo on-line, como descrito no item C.

- "Não haverá ressarcimento ao participante porque o projeto de pesquisa será desenvolvido no modo on-line."

Considerações - É necessário revisão dos itens e as devidas adequações. Visto que há informações repetidas e localizadas em itens não correspondentes, exemplo: "... Definiu-se um intervalo de tempo de 10 anos, considerando os anos de 2012 a 2022, nos idiomas português, espanhol e Inglês...". Essa informação está em casuística e não em metodologia, ou seja, faltou delineamento. As incongruências dificultam a avaliação ética. O projeto de pesquisa, necessita de revisão da língua portuguesa em todas as formas, clareza e melhor disposição das informações nos itens. Todas as adequações, devem ser realizadas também em informações básicas do projeto e TCLE. Solicita-se às pesquisadoras esclarecerem os seguintes questionamentos: haverá, efetivamente, algum tipo de atendimento psicológico pela doutoranda ao potencial participante? Conta a doutoranda com registro ativo no CRP? Finalmente, deve a doutoranda indicar no TCLE, na sua identificação a condição de doutoranda do respectivo programa de Pós-Graduação.

R: - "Realizado"

- "Foi realizada a revisão geral do projeto de pesquisa pelas pesquisadoras auxiliar e principal."

- "Foram realizadas as adequações."

- "Sim, haverá a possibilidade efetiva de atendimento psicológico ao potencial participante pela doutoranda Elizabeth Aparecida Bragatto Abate, inscrita no CRP, sob o registro ativo 06/34282-7

Endereço: Rua Pedro Camargo, 285 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

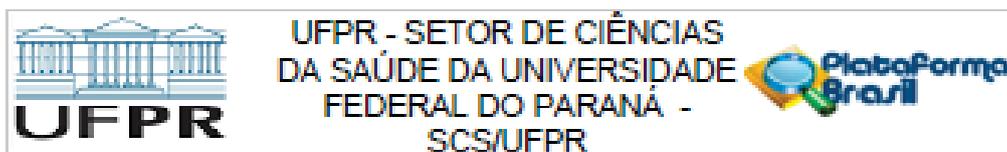
CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3060-7259

E-mail: [cometica.saude@ufpr.br](mailto:cometica.saude@ufpr.br)



Continuação do Parecer: 8.214.473

e subscrição 08/082. O atendimento inicial será realizado em uma sala reservada no mesmo prédio em que estiverem realizando o curso e, posteriormente, poderá dar continuidade aos atendimentos em seu consultório particular, estabelecido na Rua Reinaldo Schaffenberg de Quadros, 118 – Alto da XV, Curitiba, PR, ou fará o encaminhamento para outros profissionais especialistas.”

**Considerações Finais a critério do CEP:**

01 - Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais(a cada seis meses de seu parecer de aprovado) e final, sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO. Para o próximo relatório, favor utilizar o modelo atualizado, (abril/22), de relatório parcial.

02 - Demais alterações e promulgação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de promulgação de prazo. Emenda – ver modelo de carta em nossa página: [www.cometica.ufpr.br](http://www.cometica.ufpr.br) (obrigatório envio).

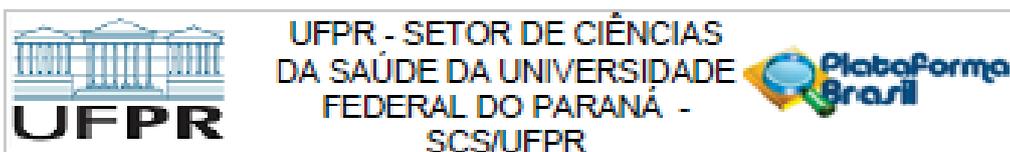
03 - Importante:(Caso se aplique): Pendências de Coparticipante devem ser respondidas pelo acesso do Pesquisador principal. Para projetos com coparticipante que também solicitam relatórios semestrais, estes relatórios devem ser enviados por Notificação, pelo login e senha do pesquisador principal no CAAE correspondente a este coparticipante, após o envio do relatório à instituição proponente.

04 – Inserir nos TCLE e TALE o número do CAAE e o número do parecer substanciado aprovado, para aplicação dos termos.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2098828.pdf	27/06/2023 21:04:44		Aceito
Outros	Correcao_de_pendencias_plataforma_brasil.docx	27/06/2023 20:55:42	TANIA STOLTZ	Aceito

Endereço: Rua Padre Carmo, 285 - 1º andar  
 Bairro: Alto da Glória CEP: 83.060-240  
 UF: PR Município: CURITIBA  
 Telefone: (41)3363-7259 E-mail: [cometica.saude@ufpr.br](mailto:cometica.saude@ufpr.br)



Continuação do Parecer: 8.214.473

Outros	termo_de_solicitacao_de_uso_de_som_de_voz.pdf	27/06/2023 20:52:54	TANIA STOLTZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_escliarcido_corrigido.docx	27/06/2023 20:48:37	TANIA STOLTZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_corrigido.docx	27/06/2023 20:46:31	TANIA STOLTZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.docx	03/05/2023 16:43:52	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	Ata_de_aprovacao_do_projeto.pdf	03/05/2023 16:41:44	TANIA STOLTZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_escliarcido.docx	03/05/2023 10:15:18	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	Analise_de_merito.pdf	03/05/2023 10:14:40	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	Carta_de_encaminhamento_do_pesquisador_ao_GEP.pdf	03/05/2023 10:14:04	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	Declaracao_de_compromissos_da_equipe_da_pesquisa.pdf	02/05/2023 09:29:30	TANIA STOLTZ	Aceito
Outros	Check_List_Documental.pdf	01/04/2023 09:41:05	TANIA STOLTZ	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	19/03/2023 18:22:48	TANIA STOLTZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Aprovação da CONEP:

Não

CURITIBA, 02 de Agosto de 2023

Assinado por:  
IDA CRISTINA GUBERT  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Pedro Camargo, 285 - 1º andar  
Bairro: Alto da Glória CEP: 80.060-240  
UF: PR Município: CURITIBA  
Telefone: (41)3380-7289 E-mail: comite.saude@ufpr.br

## APÊNDICE 7 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Elizabete Aparecida Bragatto Abate, doutoranda do programa de pós-graduação do Setor de educação – da Universidade Federal do Paraná e a pesquisadora principal Tania Stoltz, professora e orientadora do mesmo programa, estamos convidando você professor da Educação ou do Ensino Fundamental dos anos iniciais a participar de um estudo intitulado “Autoconhecimento e criatividade de professoras (es) da educação infantil a partir da prática da contação de histórias”. Este estudo poderá contribuir para que o professor adquira recursos para o autoconhecimento e a promoção do potencial criativo, motivando-o a ser um possível agente de transformação de si mesmo e de seus alunos.

- a) O objetivo desta pesquisa é compreender o desenvolvimento do processo de autoconhecimento e da criatividade de professoras (es) da educação infantil, a partir da prática de contação de histórias.
- b) Caso você professor (a) concorde em participar do projeto de pesquisa, será necessária à sua participação em um curso de extensão em contação de histórias que terá uma carga horária de aproximadamente 32 horas, distribuídas em encontros presenciais ao longo do segundo semestre de 2023. No decorrer do curso, entre uma aula e outra, as professoras (es) serão estimuladas (os) a praticar a contação de histórias em seu ambiente de trabalho e terão que apresentar um breve relatório (diário) acerca do desenvolvimento da prática. Serão utilizados dois breves questionários, inicial e final, com o objetivo de compreender os conhecimentos iniciais, expectativas e o aproveitamento de todo o processo de desenvolvimento na prática da contação de histórias. Também serão realizadas entrevistas semiestruturadas, no início do processo, ou seja, na primeira entrevista e na entrevista final com a proposta de averiguar os resultados e a posição das (os) participantes quanto a proposta ofertada. As questões abordarão o trabalho desenvolvido pelas professoras (es) durante a prática da contação de histórias no ambiente escolar; se, e, como o desdobramento dessa atividade relaciona-se ao autoconhecimento e à criatividade do professor. Também será solicitado o preenchimento de um teste de criatividade no início e ao final do projeto a fim de averiguarmos o processo de desenvolvimento da criatividade.
- c) O projeto de pesquisa será desenvolvido e aplicado de modo on-line, as entrevistas e a aplicação dos questionários serão realizados individualmente, por meio do link <https://bbb.c3sl.ufpr.br/b/niv-mvi-lgb-kp7>, em horário agendado, considerando a disponibilidade de cada participante. O curso meio de preparação do professor será realizado no campus Rebouças da Universidade Federal do Paraná, situada à Rua Rockefeller, 57, Edifício Teixeira Soares, Setor de educação, 2º pavimento, sala 238, Bairro Rebouças, Curitiba, PR. As aulas terão duração de 4 horas, totalizando 8 encontros.

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal \_\_\_\_\_  
 Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE \_\_\_\_\_  
 Orientador \_\_\_\_\_

- d) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a participação no curso ou durante a entrevista. O tipo de risco mais provável é a possibilidade de exposição de informações pessoais e profissionais em que o professor possa se sentir constrangido na entrevista com relação às perguntas referentes ao seu autoconhecimento e criatividade ou durante a participação do curso, podendo em alguns momentos se sentir constrangido em se expor. Neste caso, o (a) participante poderá interromper até sentir-se melhor ou mesmo desistir sem qualquer prejuízo. Caso o professor sinta que está sendo exposto, será orientado a sair do projeto de pesquisa sem nenhum problema, bem como será atendido individualmente pela pesquisadora psicóloga, tendo a possibilidade de ser ouvido e respeitado em sua decisão. Este risco é possível em uma pesquisa desta natureza.
- e) Durante o curso ou no momento das entrevistas você poderá responder às perguntas da forma que achar melhor, bem como realizar a sua roda de histórias com os alunos como de costume. As perguntas estarão relacionadas com o seu trabalho como professor/a contador/a de histórias, autopercepção e sentimentos relacionados à sua participação na atividade, dentre outros.
- f) Os benefícios esperados com essa pesquisa poderão não ser percebidos imediatamente, os resultados poderão, no futuro, permitir compreender a importância da preparação do professor como contador de histórias e esta modalidade poderá então fazer parte de projetos de formação continuada. Poderá ainda contribuir para auxiliar as políticas públicas relacionadas à educação, que possam vir a desenvolver ações de formação de professores ou até mesmo ofertar na formação inicial dos pedagogos disciplinas obrigatórias relacionadas à contação de histórias, o que poderá fortalecer o letramento literário de professoras (es).
- g) As pesquisadoras, Elizabete Aparecida Bragatto Abate, e Tania Stoltz responsáveis por este estudo poderão ser localizadas pelos telefones em caso de emergência e em qualquer horário, (41) 99196-7353 e (41) 99932-6200 (pesquisadoras), 3360-5117 (PPGE) ou pelos e-mails: [elizabeteabate@gmail.com](mailto:elizabeteabate@gmail.com) e [tania.stoltz795@gmail.com](mailto:tania.stoltz795@gmail.com), para esclarecer eventuais dúvidas que você professor (a) possa ter e fornecer-lhe as informações que queiram, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. As pesquisadoras podem ainda, serem encontradas na Universidade Federal do Paraná, no Setor de Educação, Campus Rebouças, Avenida Sete de Setembro, 2645.
- h) A sua participação neste estudo é voluntária e se o professor (a) não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.
- i) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, neste caso as pesquisadoras envolvidas e já citadas, sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida a confidencialidade.

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal \_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE \_\_\_\_\_  
Orientador \_\_\_\_\_

- j) O professor (a) terá a garantia de que quando os dados/ resultados obtidos com este estudo forem publicados, estes estarão codificados de modo que não apareça seu nome.
- k) Não haverá despesas para a participação do projeto de pesquisa, pois será desenvolvido e aplicado no modo on-line, como descrito no item C. Lembrando que o (a) senhor (a) não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.
- l) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, poderá contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo e-mail [cometica.saude@ufpr.br](mailto:cometica.saude@ufpr.br) e/ou telefone 41 -3360-7259, das 08:30h às 11:00h e das 14:00h.às 16:00h. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Eu, \_\_\_\_\_ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim. Fui informado (a) e entendi que minha participação na pesquisa é voluntária, não receberei nenhum valor para participar e também não acarretará em nenhum momento qualquer custo para mim e/ ou minha família. Eu concordo, voluntariamente, em participar deste estudo.

Curitiba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Participante da Pesquisa

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

---

Pesquisador Responsável

## ANEXO 1 – ESCALA DE PERSONALIDADE CRIATIVA

GARCÊS, S.; POCINHO, M.; WECHSLER, S. M.; JESUS, S.N.

	DT	D	ND/NC	C	CT
1 – Gosto de ideias novas					
2 – Respeito o direito do outro ao tomar decisões					
3 – Sou uma pessoa que gosto de questionar e tomar decisões					
4 – As minhas ideias são dirigidas à objetivos de longo prazo					
5 – Sou uma pessoa aberta a novas ideias					
6 – Fico totalmente concentrado (a) quando descubro uma nova ideia					
7 – Para tomar uma decisão, gosto de obter muitas informações					
8 – Não tenho medo de situações novas					
9 – Sou uma pessoa objetiva					
10 – Sou uma pessoa curiosa					
11 – Quando quero comunicar uma ideia, utilizo comparações e analogias					
12 – Posso todas as qualidades de um ser humano					
13 – Encontro motivação em tudo que faço					
14 – Trato os outros como gostaria de ser tratado (a)					
15 – Sou uma pessoa com sentido de humor					
16 – Gosto de linguagem simples, baseada em fatos					
17 – Sou mais produtivo (a) quando respeito as minhas emoções					
18 – Para tomar decisões, gosto de obter vários pontos de vista					
19 – Tenho habilidades em todas as áreas					
20 – Tenho segurança em mim mesmo (a)					
21 – Aprendo com a experiência de outras pessoas					
22 – Sinto que posso contribuir para o bem-estar da minha comunidade					
23 – A natureza me encanta					
24 – Sou uma pessoa otimista					
25 – Percebo falhas no ambiente e tenho ideias para resolvê-las					
26 – Não me importo com os direitos humanos					
27 – Sou admirado (a) em qualquer grupo de pessoas					
28 – Mesmo quando erro, continuo a tentar novas alternativas					
29 – Resolver problemas de maneira diferente é algo que me fascina					
30 – Tenho coragem de iniciar uma nova atividade mesmo que exista risco					
31 – Acredito que todo o problema tem solução					
32 – Não gosto de ficar sem ter nada para fazer					
33 – Tenho facilidade em liderar pessoas					
34 – Recebo críticas como ajuda					
35 – Gosto de projetos que me permitam ter várias ideias					
36 – Gosto de trabalhar onde possa realizar várias tarefas					
37 – O meu ponto de vista é considerado o melhor em todas as discussões					
38 – Utilizo a minha imaginação para o crescimento pessoal e profissional					
39 – Gosto de questionar regras estabelecidas de pensar e de agir					
40 – Tenho grande entusiasmo por tudo o que faço					
41 – Defendo e tento colocar as minhas ideias em prática					
42 – Sou uma pessoa espontânea					
43 – Sou capaz de realizar aquilo que me proponho					
44 – Gosto de melhorar as minhas ideias até que fiquem bem claras					
45 – As minhas ideias têm sido seguidas pelas pessoas					
46 – Tenho capacidade de exercer qualquer profissão					
47 – Coloco muita energia em tudo o que faço					
48 – Mesmo falhando, gosto e acredito na importância do que faço					
49 – Coloco imediatamente as minhas ideias					